

MARIA LUCIENE BOMFIM

**A INDISCIPLINA NO AMBIENTE ESCOLAR:
O olhar dos professores sobre esta realidade**

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Instituto de Ciências da Educação**

LISBOA

2008

MARIA LUCIENE BOMFIM

**A INDISCIPLINA NO AMBIENTE ESCOLAR:
O olhar dos professores sobre esta realidade**

Dissertação apresentada na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias para obtenção do grau de Mestre em **Ciências da Educação/Educação Especial: Domínio Cognitivo e Motor**

Orientador Científico: Prof. Doutor José B. Duarte (ULHT)

Co-orientador Científico: Prof. Doutor António Teodoro (ULHT)

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Instituto de Ciências da Educação**

LISBOA

2008

DEDICATÓRIA

Aos meus queridos pais, **Maria e Valdomiro** (in memoriam), que, vendo no estudo o caminho promissor do sucesso pessoal e profissional, sempre batalharam para me proporcionar uma educação de qualidade, incentivando-me sempre a buscar novos conhecimentos;

À minha estimada **irmã Valmira**, que esteve presente em cada conquista de minha vida e por sempre proferir palavras de encorajamento e de calma, quando os problemas pareciam superar as expectativas;

Ao meu querido **filho Lauro Gabriel**, que sempre entendeu as presenças/ausentes de sua mãe nas horas necessárias; e por simplesmente estar em minha vida, iluminando-a.

Ao meu **companheiro Sergio**, pelo incentivo, pelo carinho, pela cumplicidade e compreensão nas noites de trabalho, nos finais de semana transformados em momentos de pesquisa.

Aos milhões de **alunos** que foram marcados como (in)disciplinados e/ou marginais no processo educativo, que nunca saborearam a diferença como um fenômeno natural entre seres humanos e que tem em suas vidas a irreparável violência contra sua auto-imagem e sua autoconfiança.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho se deve a contribuição de diversas pessoas que me encorajaram, que me tiraram dúvidas, enfim, que colaboraram em sua produção. Algumas delas, em particular, me ajudaram apenas pelo fato de estarem ao meu lado, dando-me apoio e incentivando-me. Outras, aprimorando meus conhecimentos, indicando-me a rota de desenvolvimento e finalização deste trabalho.

Mas, antes de tudo, é preciso agradecer primeiramente a Deus que nos proporcionou o dom da vida, bem maior sem o qual nada seria possível;

A **Maria do Carmo** pela orientação e atenção dedicadas a este trabalho. Também por significar para mim um exemplo de sucesso e persistência pessoal e profissional;

Ao amigo **Anselmo** pelo apreço, carinho, companheirismo, sinceridade e acima de tudo apoio incondicional, na realização dessa dissertação e por ser meu irmão naturalmente consentido;

As amigas **Cristina e Solange** pela amizade e pelo apoio constante nos momentos mais difíceis da construção deste estudo e, principalmente, pelas trocas de idéias e experiências sobre educação;

As amigas **Kátia e Leide** pelas correções das versões em português e do resumo em inglês;

A professora **Ivete** pelo apoio e motivação nos últimos tempos para que eu não deixasse o cansaço vencer o meu desejo de realizar mais este objetivo;

A amiga **Gil** pelas provocações dos textos, pela parceria e paciência na redação desta dissertação. Além do carinho e apoio;

Aos meus **amigos**, que souberam compreender alguns não à convites, que estiveram acompanhando-me e incentivando-me o tempo todo;

Agradeço, por fim, aos **educadores e alunos** da escola pública, com quem aprendo cotidianamente o sentido e a importância da escola.

SUMÁRIO

Na tentativa de encontrar respostas que venham contribuir de forma positiva sobre a problemática da indisciplina escolar, foi desenvolvida uma investigação em uma unidade estadual de ensino, que teve como objetivo amplo analisar os olhares dos professores em face da indisciplina no ambiente escolar. Foram sujeitos da pesquisa 14 professores, de 5ª a 8ª série do ensino fundamental e o instrumento metodológico utilizado foi a entrevista semi estruturada com o intuito de verificar suas visões sobre a indisciplina no ambiente. Os docentes bastante preocupados sugeriram algumas alternativas, como discussões com os alunos sobre os efeitos dos atos indisciplinados, para a vida escolar e humana; oportunidade de envolvimento, destes tidos como indisciplinados, em atividades diversas; inovação das ações pedagógicas e outras. Para responder a esta diversidade de situações recorreu-se a teóricos: Aquino (1996), Araújo (1996), De La Taille (2001); Estrela (2002). Concluiu-se que, o entendimento dos atos indisciplinados é bastante complexo, tem a intervenção do contexto social, educacional e sinaliza uma resposta à compreensão que os alunos fazem desta escola que ainda se apresenta estruturada nos moldes tradicionais. Conclui-se ainda que os mesmos não se adaptam e encontram uma maneira, toda deles, de mostrar o repúdio e o desagrado ao modelo de educação oferecido.

Palavras-chave: Professores; Alunos; Ambiente escolar e Indisciplina.

ABSTRACT

At the attempt of find out answers that help, positively, in the problematic of the school indiscipline, a research at a school belonging to the state system of teaching was developed. It had as wide purpose to analyze the teachers' observation in view of indiscipline in the school environment. Fourteen teachers of 5th to 8th grades of the primary education were subjects of the research and the methodological means used here was the semi- structured interview. The teachers seemed pretty worried and suggested some alternatives such as: discuss with the students about the disobedient acts effects to the school and human life; give to them opportunity of involvement in several activities; renovate pedagogical actions etc. To give an answer to these several situations, some writers were consulted – among them: Aquino (1996), Araújo (1996), De La Taille (2001), Estrela (2002). The conclusion is that the understanding of the disobedient acts is wide complex, it has the social and educational context intervention and can be signposting an answer to the comprehension that the students make of this school, which is still traditional. It even follows that they don't fit in this school and find their way of showing rejection and displeasure to the offered educational pattern.

Keywords: Teachers, Students, School environment and Indiscipline.

ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

EJAEM - Educação de Jovens e Adultos do Ensino Médio

PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais

ÍNDICE GERAL

DEDICATÓRIA	03
AGRADECIMENTOS	04
SUMÁRIO	05
ABSTRACT	06
ABREVIATURAS E SÍMBOLOS	07
ÍNDICE GERAL	08
ÍNDICE DE QUADROS	10
INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I OS MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE A INDISCIPLINA NO AMBIENTE ESCOLAR	16
1 A gênese dos atos indisciplinados: uma questão polêmica	17
2 A indisciplina como reflexo de um contexto sócio/histórico/escolar	23
3 O sentido do conceito de indisciplina a partir da disciplina	31
4 Indisciplina: um olhar focado nas práticas pedagógicas	34
5 A ótica dos docentes sobre a indisciplina no ambiente escolar.....	36
6 A indisciplina na perspectiva moral/psicológica	39
7 A busca de alternativas para o enfrentamento da indisciplina no contexto escolar.....	43
8 A indisciplina e a formação docente: um processo reflexivo	52
CAPÍTULO II INDISCIPLINA NO AMBIENTE ESCOLAR: uma relação conflituosa entre professor/aluno	54
1 Limites: um desafio no trabalho docente	55
2 A construção da autoridade no ambiente escolar	56
3 Valores e regras sociais no comportamento escolar	59
4 A indisciplina escolar e a relação professor/aluno na perspectiva institucional	66
CAPÍTULO III METODOLOGIA DESENVOLVIDA NA INVESTIGAÇÃO	71
1 Um enfoque qualitativo	72
2 Um estudo descritivo	72
3 Problema e objetivos	73
4 Caracterização do universo da pesquisa.....	74
5 Sujeitos de pesquisa	75

6 Estratégia da pesquisa.....	75
7 Instrumentos metodológicos utilizados no trabalho de campo	76
7.1 Entrevista	76
8 Trajetória das entrevistas	79
CAPÍTULO IV ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA INVESTIGAÇÃO.....	85
1Análise e discussão dos resultados das entrevistas	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
REFERÊNCIAS	142
APÊNDICE A - Organização do perfil dos entrevistados	150
APÊNDICE B - Guião das entrevistas com professores	151
ANEXO.....	152

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro III.1 - Cronograma das Entrevistas.....	84
Quadro IV.1 - Categorias e subcategorias dos resultados da investigação.....	87

INTRODUÇÃO

“Podemos facilmente perdoar uma criança que tem medo do escuro: a real tragédia da vida é quando os homens têm medo da luz”.

Platão

INTRODUÇÃO

A indisciplina escolar nas instituições de ensino se tornou um problema freqüente, apresentando-se como uma fonte de estresse nas relações interpessoais, particularmente quando associada a situações de conflito em sala de aula.

Mas, além de constituir um “problema”, a indisciplina na escola tem algo a dizer sobre o ambiente escolar e sobre a própria necessidade de avanço pedagógico e institucional. Trata-se de uma questão, portanto, a ser debatida e investigada amplamente.

Como professora de História, há quase vinte anos lecionando na rede pública de ensino, lidando diariamente com diversas situações conceituadas de atos indisciplinados e preocupada em encontrar possíveis soluções que resultem na diminuição da indisciplina no ambiente escolar, optei por fazer uma dissertação dedicada ao estudo desta problemática.

Consciente de que o conceito de indisciplina apresenta uma complexidade que precisa ser considerada, pela falta de clareza e consenso a respeito do significado do termo indisciplina ou, até mesmo de disciplina, e da maioria das análises sobre o tema expressar as marcas de um discurso impregnado por preconceitos e mitos do senso comum, é fundamental, como ponto de partida, uma investigação que integre o conceito de indisciplina a diversos aspectos.

Segundo o dicionário (HOUAISS, 2001), o termo indisciplina pode ser definido como “procedimento, ato ou dito contrário à disciplina; desobediência; desordem; rebelião”. Assim, indisciplinado é aquele que “se insurge contra a disciplina” e “disciplinado” é aquele que obedece, que cede, sem questionar às regras e preceitos vigentes em determinado contexto. Desta forma, as definições em foco efetuam uma relação entre disciplina e obediência das normas, das regras sociais.

A indisciplina manifestada por um indivíduo ou um grupo é compreendida, normalmente, como um comportamento inadequado, um sinal de rebeldia, intransigência, desacato, traduzida na “falta de educação ou de respeito pelas autoridades, na bagunça ou agitação motora”. Nessa visão, as regras são imprescindíveis ao ajustamento, ordenamento, controle e coerção de cada aluno e da classe como um todo.

Segundo Wallon (1975) o que se busca é “obter a tranqüilidade, o silêncio, a docilidade, a passividade das crianças de tal forma que não haja nelas nem fora delas nada que as possa distrair dos exercícios passados pelo professor, nem fazer sombra à sua palavra”. Neste contexto, o conceito de disciplina está associado a tirania, a opressão e enquadramento. Sendo assim, a indisciplina pode representar de um lado, a discordância a práticas de excessivo autoritarismo, tirania e, de outro, estímulo a uma espécie de tirania às avessas, na qual o projeto pedagógico fica submetido à vontade do aluno.

Sabe-se que a vida em sociedade pressupõe a criação e o cumprimento de regras e preceitos capazes de nortear as relações, possibilitar o diálogo, a cooperação e a troca entre membros deste grupo social. Por sua vez, a escola, também precisa de regras e normas orientadoras do seu funcionamento e da convivência entre os diferentes elementos que nela atuam. Nesse sentido, as normas deixam de assumir a característica de instrumentos de castração e, passam a ser compreendidas como condição necessária ao convívio social. Neste modelo, o disciplinador é aquele que educa, oferece parâmetros e estabelece limites (REGO, 1996).

Em consonância com este argumento, De La Taille (1996, p.9) analisa que

(...) crianças precisam sim aderir as regras e estas somente podem vir de seus educadores, pais ou professores. Os “limites” implicados por estas regras não devem ser interpretados no seu sentido negativo: o que não poderia ser feito ou ultrapassado. Devem também ser entendido no seu sentido positivo: o limite situa, da consciência de posição ocupada dentro de algum espaço social – a família, a escola, e a sociedade como um todo.

Sob a ótica da psicologia institucional, algumas explicações sobre indisciplina são dadas pelos seguintes autores: Aquino (1996), analisa a responsabilidade da escola e denuncia que o despreparo da mesma para receber o aluno e as práticas excludentes promovem o confronto cultural entre professores e alunos, produzindo a indisciplina e representando o retrocesso da escola.

Guimarães (1996) argumenta que a escola visa a homogeneização das pessoas. Critica a crença de que, quanto mais iguais as pessoas, mais fáceis são para dirigir e controlar.

Na perspectiva de De La Taille (1996), a disciplina é relacionada ao cumprimento de normas e pode ter relação com a desobediência a elas. Ele aponta

ainda que a não observância das normas tem dois motivos: a revolta contra elas ou o desconhecimento das regras.

Araújo (1996) ressalta que para uma regra ter vínculo com a moralidade seu princípio deve ser o de justiça e a norma não pode ter sido imposta coercitivamente.

Diante de múltiplos conceitos, observa-se que as idéias acerca da indisciplina estão longe de serem consensuais. Isso se deve particularmente, à complexidade do assunto, a marcante ausência de resultados de pesquisa, e também a diversidade de interpretações que o tema provoca.

Entretanto, esta complexidade não concerne apenas a conceituação, mas perpassa também sobre suas possíveis causas que devem ser consideradas, se desejamos compreender esta problemática e estabelecer soluções efetivas.

É notório que a indisciplina escolar não apresenta uma causa única, ou mesmo principal. Eventos de indisciplina, mesmo envolvendo um sujeito único, costumam ter origem em um conjunto de fatores diversos.

Para fins de sistematização, as diversas causas da indisciplina escolar podem ser reunidas dentro ou fora da escola. Fora, ela é traduzida através de problemas sociais, de sobrevivência, de qualidade de vida, de relações familiares e a influência hoje exercida pelos meios de comunicação. Dentro, envolve aspectos como a proposta curricular, a metodologia, a organização da escola, o perfil dos alunos e sua capacidade de se adaptar aos esquemas da escola.

À medida que as escolas forem tendo clareza quanto à própria origem da indisciplina, deverão desenvolver uma política disciplinar institucional, que especifique estratégias de prevenção e intervenção, tanto em nível da escola como um todo quanto em nível de sala de aula em particular, e que assegure que todos os estudantes, pais e profissionais da escola tenham claras as expectativas sociais e pedagógicas que estarão sendo praticadas pela mesma.

Na prática, para que a educação escolar represente mudança (FREIRE, 1991), deve-se cultivar uma postura – sobretudo entre os professores – de interesse e compromisso pelas metas, realizações e problemas dos estudantes, bem como de apoio às suas atividades curriculares e extracurriculares.

Diante destas considerações, a proposta deste estudo é discutir o tema indisciplina e entender a maneira como tem sido interpretada pelos professores de uma escola pública, estadual, de Ensino Fundamental, no município de Aracaju/Sergipe, numa tentativa de ampliar o campo de reflexões sobre esta temática.

Nesse sentido, esta dissertação foi estruturada da seguinte forma: na introdução, primeiramente por oferecer um panorama sucinto do contexto que envolve a indisciplina no ambiente escolar.

No primeiro capítulo, exploro as idéias de importantes teóricos que, no limiar de suas pesquisas e observações, procuram uma conceituação mais apropriada para os atos indisciplinados que estão permeando o cotidiano das escolas.

No segundo capítulo, abordo algumas considerações sobre a crise da disciplina escolar enfocando questões de limites como desafio no trabalho docente, construção da autoridade e a relação professor/aluno na perspectiva institucional.

No terceiro capítulo, verso sobre a metodologia desenvolvida no processo de investigação onde se pode observar uma abordagem qualitativa a partir de uma discussão descritiva, tendo como instrumento de pesquisa a entrevista semi estruturada.

No quarto capítulo, faço uma análise dos resultados da pesquisa a partir da categorização dos elementos relevantes colhidos no decorrer do processo investigatório.

Nas considerações finais, sugiro algumas “ações pedagógicas” com o objetivo de contribuir para a melhoria de um ambiente mais harmonioso, e conseqüentemente, mais produtivo, na escola e saliento que, em nenhum momento, houve a pretensão de desconsiderar a escola da forma como está estruturada, como se o processo de construção da disciplina devesse começar do zero, uma vez que reconheço que novos caminhos já vêm sendo trilhados a fim de solucionar esta problemática.

Diante do exposto, espero que este trabalho sirva de referência para outras pesquisas, na tentativa de encontrar outros horizontes e quem sabe, mais promissores, para a melhoria do convívio no ambiente escolar e conseqüentemente da aprendizagem dos alunos.

CAPÍTULO I

OS MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE A INDISCIPLINA NO AMBIENTE ESCOLAR

*“A educação sozinha não
transforma a sociedade,
sem ela tampouco a
sociedade muda”.*

Paulo Freire

1 A gênese dos atos indisciplinados: uma questão polêmica

O conceito de indisciplina apresenta uma complexidade que precisa ser considerada. Um entendimento suficientemente amplo do conceito de indisciplina escolar precisa integrar diversos aspectos.

É preciso, por exemplo, superar a noção arcaica de indisciplina como algo restrito à dimensão comportamental. Ainda, é necessário pensá-la em consonância com o momento histórico vivenciado. Neste trabalho, para fins de desenvolvimento conceitual, a noção de indisciplina foi explorada através de três de seus principais planos de expressão na escola. De um lado, é possível situá-la no contexto das condutas dos alunos nas diversas atividades pedagógicas, seja dentro ou fora da sala de aula. Em complemento, deve-se considerar a indisciplina sob a dimensão dos processos de socialização e relacionamentos que os alunos exercem na escola, na relação com seus pares e com os profissionais da educação, no contexto do espaço escolar.

Finalmente, é preciso pensar a indisciplina no contexto do desenvolvimento cognitivo dos estudantes. Sob esta perspectiva, define-se indisciplina como a incongruência entre os critérios e expectativas assumidos pela escola (que supostamente refletem o pensamento da comunidade escolar) em termos de comportamento, atitudes, socialização, relacionamentos e desenvolvimento cognitivo, e aquilo que demonstram os estudantes. Mas este modo de conceituação situa a indisciplina como uma disposição em relação a algum referencial. Assim, o conceito engloba um duplo movimento. Também do lado da escola pode ocorrer alguma incoerência em relação aos referenciais assumidos, de tal forma que também ela pode ser eventualmente considerada “indisciplinada”.

Dentro desta linha de raciocínio é que se vem tecendo algumas idéias, embora de forma ainda preliminar, de que determinados problemas escolares, como a indisciplina e outros podem ter uma resposta mais coerente se a procura de suas causas estiver pautada numa diversidade de fatores entre eles aqueles oriundos do processo histórico-social. Assim sendo, se pretende abordar o pensamento de alguns autores sobre a indisciplina no ambiente escolar procurando razões para tantos atos considerados, pela maioria dos professores, como sendo indisciplinados.

As mudanças ocorridas a partir do séc. XVIII conduziram gradativamente, importantes alterações no jogo do poder. Foucault (1994) denomina de sociedades atuais como disciplinares, as quais atingiram o seu apogeu no séc. XX e coube a estas sociedades organizar os grandes meios de confinamento, os quais tinham como objetivo concentrar e compor, no tempo e no espaço, uma forma de produção cujo efeito deveria ser superior à soma das partes.

O momento histórico das disciplinas se configura no nascimento da arte do corpo humano, que visa não somente o aumento de suas habilidades de sujeição mas, a formação de mecanismos que o torna mais útil e obediente.

Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. (...) uma anatomia política que é também igualmente uma mecânica do poder, ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficiência que se determina. Foucault (1994, p. 127).

A disciplina aumenta a força em termos econômicos e diminui a resistência que o corpo pode oferecer ao poder. Daí que o corpo tenha sido fonte de utilização econômica e só se torne força útil se, ao mesmo tempo, é produtivo e submisso. Essa sujeição não é obtida só pelos instrumentos da violência ou da ideologia, pode muito bem ser direta, física, usar a força contra a força sem, no entanto, ser violenta. Pode ser calculada, organizada de forma sutil, não fazer uso de armas nem do terror e, no entanto, continuar a ser disciplina física. Os métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante das suas forças e lhe impõem uma relação de docilidade - utilidade, são aquilo a que podemos chamar as disciplinas.

Na disciplina, os elementos são intercambiáveis, pois cada um se define pelo lugar que ocupa na série, e pela distância que o separa dos outros. A unidade não é portanto nem o território (unidade de dominação), nem o local (unidade de residência), mas a posição na fila: o lugar que alguém ocupa numa classificação, o ponto em que se cruzam uma linha e uma coluna, o intervalo numa série de intervalos que se pode percorrer sucessivamente. A disciplina, arte de dispor em fila, e de técnica para a transformação dos arranjos. Ela individualiza os corpos por uma

localização que não os implanta, mas os distribui e os faz circular numa rede de relações.

Haverá em todas as salas de aula lugares determinados para todos os escolares de todas as classes, de maneira que todos da mesma classe sejam colocados num mesmo lugar e sempre fixos. Os escolares das lições mais adiantadas serão colocados nos bancos mais próximos da parede e em seguida os outros segundo a ordem das lições avançadas para o meio da sala. Cada um dos alunos terá o seu lugar marcado e nenhum o deixará nem trocará sem a ordem e o consentimento do inspetor das escolas. Foucault (1994, p.131).

Pouco a pouco, surge uma exigência nova a que a disciplina tem de atender: construir uma máquina cujo efeito será elevado ao máximo pela articulação combinada das peças elementares de que ela se compõe. A disciplina não é mais simplesmente uma arte de repartir os corpos, de extrair e acumular o seu tempo, mas de compor forças para obter um aparelho eficiente.

Nas análises sobre a sociedade disciplinar, Foucault tornava clara a dupla articulação que se tecia entre as exigências de um modo de produção capitalista do tipo industrial em desenvolvimento e as novas formas de apropriações corporais e incorporais necessárias para compor essa ordem econômica e social.

A citação abaixo, extraída do texto *Recomendações Disciplinares*, escrito por Zélia Braune no ano de 1922 e editado no livro *Indisciplina na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas* de Aquino (1996,) mostra claramente que os alunos que cometiam atos indisciplinares eram castigados severamente demonstrando, de forma transparente, que os ideais disciplinares são históricos.

A disciplina é fator essencial no aproveitamento dos alunos e indispensável ao homem civilizado. Mantém a disciplina, mais do que o rigor, a força moral do mestre e do seu cuidado em trazer constantemente as crianças interessadas em algum assunto útil.

Os alunos se devem apresentar na escola minutos antes das dez horas, conservando-se em ordem no corredor da entrada, para dali descerem ao pátio onde entoarão o cântico.

Formados dois a dois dirigir-se-ão depois às suas classes acompanhados das respectivas professoras, que exigirão deles se conservarem em silêncio e entrarem nas salas com calma, sem deslocar as carteiras.

Deverão andar sempre sem arrastar com os pés, convido que o façam em terça, evitando assim o balanço dos braços e movimentos desordenados do corpo.

Em classe a disciplina deverá ser severa:

- os alunos manterão entre si silêncio absoluto;
- não poderá estar em pé mais de um aluno;

- a distribuição do material deverá ser rápida e sem desordem;
- não deverão ser atirados no chão papeis ou qualquer coisas que prejudiquem o asseio da sala;
- sempre que se retire da sala, a turma a deixará na mais perfeita ordem.

No recreio a disciplina é ainda necessária para que ele se torne agradável aos alunos bem comportados:

- deverão os alunos se entregar a palestras ou a diversões que não produzam grande alarido;
- deverão merecer atenção especial os alunos em que se excederem em algazaras com prejuízo da tranqüilidade dos demais;
- serão retirados do recreio ou sofrerão as penas necessárias os alunos que gritarem, fizerem correrias, danificarem as plantas ou prejudicarem o asseio do pátio com papeis, casca de frutas, etc;
- deverão os alunos no fim do recreio formar fila com calma, sem correrias, pois o toque de campainha é dada com antecedência necessária.

Deverão os alunos lavar as mãos e tomar água no pavimento em que funcionar a classe a que pertençam.

Não poderão tomar água nas mãos, a escola fornece copos aos alunos que não trazem o de seu uso.

Deverão ter todo o cuidado para não molhar o chão, ainda mesmo junto às pias e talhas.

Ao findarem os trabalhos do dia, a classe seguirá em forma e em silêncio até a escada da entrada, e só descida esta, se dispersarão os alunos. (p. 43).

Alguns professores saudosistas, ainda enxergam estes procedimentos como fazendo parte: “dos bons tempos“, encarando como um modelo a ser almejado. Mas, o medo, a coação e a subserviência podem trazer saudade? Para responder a esta pergunta se pode recorrer à escola como uma instituição de poder e dominação que não tolera as diferenças; ela também é recortada pelas “atividades que quadricula o tempo, o espaço, o movimento, os gestos e a atitude de professores e alunos, impondo-lhes submissão e docilidades“ (GUIMARÃES, 1996, p.78). Compreender esta situação implica em aceitar a escola como um lugar de contínua tensão entre forças antagônicas. Pois, com a diversidade de ações presentes no ambiente escolar, o princípio da homogeneização imposto, não acontece de forma tranqüila mas, sob a resistência de alguns grupos que não aceitam, entre outras coisas, a forma como são partilhados os espaços, o tempo, as relações entre os alunos, gerando reações de indisciplina.

Áurea Guimarães, em *A dinâmica da Violência Escolar: Conflitos e ambigüidade* (1996b), defende a tese de que “o grande problema talvez resida no

fato de o professor se concentrar apenas na sua posição normatizadora achando que, com isso conseguirá eliminar os conflitos” (p. 78). Mas, as efervescências da sala de aula marcada pelas diferenças, instabilidades e precariedade, apontam para a inutilidade de um controle totalitário, de uma planificação racional, pois os alunos buscam de modo espontâneo e não planejado o “estar juntos” que impede a instalação de qualquer tipo de autoritarismo.

Deleuze (1992) sintetiza algumas figurações que demarcariam a passagem das sociedades disciplinares, para as ditas sociedades de controle¹ e defende que as configurações institucionais que caracterizavam as sociedades disciplinares: a família, a escola, a fábrica, bem como seus procedimentos funcionais rígidos, estariam passando por uma crise generalizada. Não mais a lógica do confinamento, que forjava moldagens fixas e sim, modulações flexíveis, redes líquidas, moventes. "O homem da disciplina era um produtor descontínuo de energia, mas o homem do controle é antes ondulatório, funcionando em órbita, num feixe contínuo". (p. 227).

Na crise da escola, observa-se a circulação e a interação com outros veículos de conhecimento, como programas de educação à distância, a mediação do computador nas novas relações de ensino/aprendizagem, como também a presença cada vez mais comum dos infundáveis cursos de formação permanente.

As transformações no modelo de confinamento da fábrica, assim como nas relações de trabalho de uma forma geral, também seguem regimes de funcionamento mais flexíveis. Na sociedade disciplinar, a fábrica era um lugar de adestramento das massas, com vistas à produção e enquadrava os corpos em processos repetitivos de excelência técnica. Na sociedade de controle, a empresa substituiu a fábrica.

Michael Hardt (2000) observa que, na passagem da sociedade disciplinar para a sociedade de controle, ao invés de uma oposição, o que temos é uma intensificação, uma generalização da lógica disciplinar, agora livre dos muros que circunscreviam seu espaço físico-funcional e a separavam do mundo.

¹ A descrição da passagem da disciplina ao controle, de fato, não corresponde a uma mudança geral e uniforme dos quadros institucionais, no sentido de que não abandonamos de todo os mecanismos disciplinares para adotarmos um novo programa, dos controlados. Como também, é bom salientar, cada via institucional segue seus próprios caminhos, marcando involuções, recuos, incorporando certas diretrizes, sinalizando outras conexões e funcionamentos. Não haveria, portanto, uma adesão uniforme e eqüitativa de todos os regimes.

(...) a crise contemporânea das instituições significa que os espaços fechados que definiam os espaços limitados das instituições deixaram de existir, de maneira que a lógica que funcionava outrora principalmente no interior dos muros institucionais se estende, hoje, a todo o campo social. (p. 369).

De igual modo, se os processos de produção obedecem a formas de produção social que lhe são coextensivas, assiste-se à passagem de um modo de produção disciplinar para o de controle. Na sociedade disciplinar, a produção de subjetividade estava submetida à lógica funcional de suas instituições fechadas, a moldes institucionais rígidos, fixos, com suas regras de tempo, espaço e comportamentos estritamente delimitados.

Hoje as instituições chamadas de modernas fornecem um lugar (a sala de aula, a oficina, o lar etc.) onde se opera a produção de subjetividade.

As diversas instituições da sociedade moderna deveriam ser consideradas como um arquipélago de fábricas de subjetividade. No decurso de uma vida, um indivíduo entra nessas diversas instituições (da escola, à caserna e à fábrica) e delas saem de maneira linear, por elas formado. Cada instituição tem suas regras e lógicas de subjetivação (...). (HARDT 2000, p.368).

Sendo assim, os modos de funcionamento das instituições na sociedade moderna refletem claramente os tipos de subjetividades aí produzidas - regulares, estanques, identitárias. Tem-se portanto, uma sociedade onde o controle é menos severo e mais refinado, sem ser, contudo, menos aterrorizador. Cada indivíduo, considerado separadamente, é normatizado e transformado em um caso controlado.

Deleuze, apesar de sinalizar a emergência das novas configurações institucionais que definem a sociedade de controle, não vai muito longe nas implicações de sua incursão conceitual.

Neste estágio evolutivo, a indisciplina mais do que qualquer outra coisa é uma forma de frear as pretensões do controle homogeneizado imposto pela escola. O mais absurdo ainda são os meios utilizados para se conseguir uma disciplina homogeneizadora por parte de alguns professores "os saudosistas" de um passado idealizado "dos bons tempos", não entendendo que, com o advento da escola de massa, há outras regras e valores envolvidos.

É preciso encontrar mecanismos pedagógicos, caminhos que leve a respostas diferentes, encarando e assumindo que o tempo passou e que aquela

escola freqüentada por alunos dóceis, não está presente nos tempos atuais e sim, um aluno histórico/social diversificado, que precisa ser entendido e compreendido por toda comunidade escolar.

2 A indisciplina como reflexo do contexto sócio/histórico/escolar

O mundo se transformou, a escola também mudou e imagina-se que os professores também tenham se modificado, a fim de acompanhar o processo educacional que não cessa de crescer trazendo dados e informações novas a cada dia.

Em decorrência de tantas mudanças, Aquino aborda uma diversidade de assuntos ligados ao processo educacional entre eles a problemática da indisciplina no contexto escolar. A princípio, ele considera que a indisciplina é um “sintoma” de várias instâncias que não somente a escolar, mas que suas conseqüências se fazem visíveis no interior da relação educativa e que não se pode pensar a escola como uma instituição independente ou autônoma em relação ao contexto sócio-histórico, pois, tudo que ocorre dentro desta instituição pode ter ligação com os acontecimentos exteriores a ela.

Assim, o autor traça uma análise de âmbito didático-pedagógico partindo de dois olhares distintos sobre o tema da indisciplina: um sócio-histórico, tendo como ponto de apoio os condicionantes culturais, e outro psicológico, enfatizando a influência das relações familiares na escola.

Suas explicações históricas são baseadas a partir do texto “*Recomendações Disciplinares*” (1922), que destaca ser a disciplina severa, devendo reinar o silêncio absoluto e os movimentos corporais serem contidos ao máximo, ou seja, os alunos teriam que andar sempre sem arrastar os pés, nem balançar os braços. A disciplina era imposta à base de castigos ou de ameaças. Fazia-se presente o medo, a coação, a subserviência, professor e aluno tinham relações opostas e bem delimitadas, onde um desempenhava a função de autoridade o outro, no caso o aluno, assumia o papel de subordinação completa. Ou seja, o aluno era sempre submisso às ordens preestabelecidas pelo professor.

Segundo Aquino, vínculos entre os pares escolares eram estabelecidos em termos de obediência e subordinação. Era tarefa do professor não só deter o respeito alheio, mas também punir os “desvios”.

O professor não era só aquele que sabia mais, mas que podia mais porque estava mais próximo da lei, aliado a ela. Sua função precípua, então, passa a ser a de modelar moralmente os alunos, além de assegurar a observância dos preceitos legais mais amplos, aos quais os deveres escolares estavam submetidos. Aquino (1996, p. 43).

Aquino acredita que a nova geração se formou a partir da crescente democratização política do país e, em tese, com a desmilitarização das relações sociais. O que temos hoje em dia em nossas escolas é um outro aluno, um novo sujeito histórico, mas que ainda sofre as conseqüências de um modelo pedagógico que prioriza a imagem de um aluno submisso e temeroso.

Outro dado problematizador, colocado por ele, refere-se à conquista social recente na história do país, o direito à escola para todos, de oito anos mínimos e obrigatórios. Quando o que se tinha antigamente era uma escola elitista e conservadora, em que poucos tinham acesso. O autor coloca alguns significados que podem ser abstraídos de fenômenos que assolam esse novo cenário escolar, inclusive a indisciplina. Como primeiro significado, Aquino (2001) diz que, “a indisciplina pode estar sinalizando o impacto do ingresso de um novo sujeito histórico, com outros valores, hábitos e demandas numa estrutura anacrônica e imatura para absorvê-lo plenamente.” (p. 80). Assim, a indisciplina então, não estaria impregnada na figura do aluno, e sim na rejeição operada por práticas incapazes de incorporar o perfil de uma outra clientela escolar.

Daí então, Aquino coloca a indisciplina como um dos sintomas de imposição de uma escola idealizada e gerida para uma clientela específica, e ocupada por outra. O que viria a gerar um confronto entre estes novos ocupantes e a escola, ocasionando um modelo excludente e autoritário. Para Aquino (2001, p. 88), numa visão histórica, a indisciplina significaria, nos dias atuais, “uma força legítima de resistência e produção de novos sentidos, ainda insuspeitos, à instituição escolar”.

Em sua visão psicológica, a indisciplina estará ligada à idéia de estruturação psíquica do aluno indisciplinado. Só que não se deve tomar o fenômeno de maneira isolada, deve-se levar em consideração também fatores psicossociais, “cujas raízes encontrar-se-iam no sujeito, da noção de autoridade.” (p. 89).

Sob esta óptica, reconhecer a autoridade externa, que neste caso seria do professor, irá pressupor uma infra-estrutura psicológica anterior ao ingresso escolar, diz o autor. Complementa ainda dizendo que, “essa estruturação refere-se à introjeção de determinados parâmetros morais apriorísticos, tais como: “permeabilidade a regras comuns, partilha de responsabilidades, reciprocidade, cooperação, solidariedade, respeito mútuo etc.” (AQUINO, 2001, p.89) O autor considera tratar-se do “reconhecimento da autoridade como condição sine qua non para a convivência em grupo e, conseqüentemente, para o trabalho em sala de aula”.

Aquino chama atenção para uma queixa bastante comum dos profissionais da educação: dizer que os alunos de hoje são carentes de tais parâmetros. Desse jeito, tais alunos é que são agressivos/rebeldes, ou apáticos/indiferentes, ou ainda, desrespeitosos/sem limites. Aquino afirma que “não há possibilidade de os educadores arcarem com a tarefa de estruturação psíquica prévia à intervenção pedagógica. Ela é de responsabilidade do âmbito familiar, primordialmente”. (2001, p.89). Assim, o autor acredita que o trabalho escolar não pode ser pensado separado do trabalho familiar. Já que estas duas correspondem as maiores instituições responsáveis pela educação em um sentido amplo.

Sob esse ponto de vista, ele afirma que a indisciplina estaria revelando que se trata de um sintoma de relações familiares desagregadoras, que não estariam dando conta de contribuir com sua parcela na educação de crianças e adolescentes. O que seria um esfacelamento do papel clássico da instituição família. Em decorrência de uma série de fatores, como: desperdício da força de trabalho qualificada; do desvio de função; da inevitável quebra do contrato pedagógico o que acaba ocasionando um estado aberto de ambigüidade e insatisfação, parece haver uma crise de paradigmas em curso, seja no interior das relações familiares, seja no corpo das ações escolares; significando uma perda de visibilidade sobre os grandes sentidos da educação como um todo.

Para Aquino (2001), tanto do ponto de vista histórico, quanto do ponto de vista psicológico, “a indisciplina apresenta-se como sintoma de relações descontínuas e conflitantes entre o locus escolar e as instituições sociais afins.” E complementa ainda, dizendo que,

Não é possível admitir que os entraves disciplinares refiram-se unicamente ao aluno, tratando-se de uma disfunção de cunho psicológico/moral. Também não é possível creditá-los integralmente à estruturação escolar e sua pontualidade sócio-histórica. Muito menos atribuir a responsabilidade exclusiva às ações docentes, tornando-os um problema de natureza essencialmente didático-metodológico. Assim sendo, a indisciplina configura um fenômeno transversal a essas unidades (professor/aluno/escola) (p.93).

Nesse sentido, o autor ressalta como núcleo das práticas escolares e do contrato pedagógico, a relação professor-aluno. Isso se justifica pelo fato desta constituir-se a matéria-prima a partir da qual se produz o “objeto institucional” escolar. Ele chama de objeto institucional algo imaterial e inesgotável - imaginário, acrescenta - que só pode se consubstanciar como fruto de práticas específicas. Cita como exemplo: o conhecimento na escola, a justiça no direito etc.

Esta posição de Aquino (2001) ao dizer que, uma possível saída para o problema da indisciplina estaria inserida na relação “professor/aluno/escola”, se vincula nas necessidades que essas modificações vão requerer, por parte do educador, uma conduta dialógica e da escola uma maior flexibilização das funções institucionais, das negociações entre educador e aluno, estas se farão permanentes, seja para decidir melhores estratégias de ensino, de avaliação ou para discutir os objetivos e conteúdos a serem trabalhados.

Estas conjecturas não quer dizer que o professor irá se render a todas as demandas do aluno, mas sim, ter o aluno como um membro a mais na construção de parâmetros de relacionamento.

Neste novo olhar o trabalho pedagógico se encarrega de ir além do repasse dos conhecimentos acumulados em cada campo irá (re)inventar novos campos óticos sobre cada ciência. Neste novo contexto caberá à escola o papel de fazer com que o aluno desconstrua e reconstrua os conhecimentos das distintas disciplinas. Para isso, de acordo com o autor, “é necessário, pois, reinventar continuamente os conteúdos, as metodologias, as relações, o cotidiano”. (AQUINO, 2001, p.97). Assim sendo, o aluno, para acompanhar tais transformações, terá que se adequar a um outro tipo de disciplina, que não mais será a do silenciamento, da obediência e da resignação, mas sim, uma disciplina que foque a vontade de conhecer e de persistir aprendendo.

Para o autor, a relação pedagógica deve ser regulada conforme princípios de ações, fundado principalmente no conhecimento, considerando-se que o trabalho

cognitivo pressupõe a observância de regras, de semelhanças, diferenças, de regularidades e exceções. O que não significa dizer que, por se tratar de um trabalho com base científica, seja preciso que o aluno mantenha-se imóvel, calado, obediente. É um trabalho que requer inquietação, desconcerto, desobediência. O grande salto será transformar essa turbulência em ciência, essa desordem em uma nova ordem.

Aquino (2001, p. 99) coloca como alguns quesitos principais desse tipo de construção negociada: “o investimento nos vínculos concretos”, acabando com a idealização do modelo de aluno, de professor e de relação, potencializando as possibilidades inerentes a cada um; “a fidelidade ao contrato pedagógico”, mesmo que se tenha de fazer-se lembrado cotidianamente em todas as aulas; e, por fim, a “permeabilidade à mudança e à invenção” em que caberá ao professor reaprender e reinventar a cada encontro no seu campo de conhecimento, utilizando-se de diferentes estratégias e experimentações de distintas ordens.

A idéia de que o aluno de hoje é desrespeitador, trazendo à tona um saudosismo exagerado, por parte de muitos professores, de algumas lembranças da escola do passado, esquecendo-se o quanto ela foi excludente e elitista ao atender apenas a uma clientela muito reduzida da sociedade e já privilegiada. Esquecendo-se também dos famigerados exames de admissão que funcionavam como um legítimo teste de seleção, da relação baseada no medo e na coação, da exigência dos uniformes, das filas, dos cânticos reforçando os traços de uma cultura militarizada inserida no ambiente escolar da época, período este, referente à ditadura militar. É disso que se tem saudades? O que queremos é a volta da submissão e da obediência cega dos nossos alunos? É necessário deixar claro na relação, o tipo de respeito que irá permear o trabalho pedagógico. Pode-se respeitar alguém ou por temor ou por admiração. No primeiro caso, o respeito está fundamentado em noções de hierarquia e superioridade. No segundo caso, em noções de assimetria e diferença.

Será que o cotidiano escolar atual mudou realmente? Para Aquino, (2001) em se tratando de normas disciplinares, apenas houve uma mudança na maneira de fazer com que o aluno silencie. A punição, a represália, a submissão e o medo ainda persistem nos interiores das salas de aula, só que agora, manifestadas através do constrangimento do aluno, de ameaças por meio de notas ou provas difíceis, por exemplo. Nesse sentido, a indisciplina escolar pode estar indicando que,

se trata de uma recusa desse novo sujeito histórico a práticas fortemente arraigadas no ideário escolar, assim como uma tentativa de apropriação da escola de outra maneira, mais aberta, mais fluida, mais democrática”. Trata-se do clamor de um novo tipo de relação civil, confrontativa na maioria das vezes, pedindo passagem a qualquer custo. (p. 107).

Nesse sentido, a indisciplina estaria indicando a necessidade legítima de transformações no interior das relações escolares e, em particular, na relação professor-aluno.

Uma outra idéia explicativa diz respeito à questão de que o aluno de hoje é “sem limites”, não respeita as regras, não reconhece a autoridade e o responsável por tudo isso seriam os pais, que teriam se tornado muito liberal com os filhos. Um tipo de entendimento como esse, mais de cunho psicológico da questão, Aquino irá abordar separando-os em duas partes distintas. Uma primeira parte refere-se à idéia de ausência absoluta de limites e do desrespeito às regras; e a segunda, a respeito da suposta permissividade dos pais.

Se pode tomar como exemplo o jogo ou a brincadeira infantil, onde todas as crianças têm consciência das regras que são muito bem estabelecidas, muitas vezes até rígidas e onde todos a cumprem, a fim de não ficar fora do jogo ou receber alguma punição, para colocar que as crianças, ao iniciarem na escola, também já conhecem muito bem as regras de funcionamento de uma coletividade qualquer. Assim, diz não se pode sustentar essa idéia de que as crianças não têm regras, nem limites.

A parte referente à idéia de suposta permissividade dos pais que estariam gerando crianças sem limites. Evidências existem de que um mesmo aluno pode ser indisciplinado com um professor e não com outros. Aquino (2001, p.110) coloca que é preciso recuperar alguns consensos quanto às funções da família e da escola, e deixar claro que família e escola nem são a mesma coisa, nem são continuidades uma da outra. Um aluno pode ser indisciplinado na escola e não ser um filho mal-educado em casa, ou vice-versa. Ele diz ainda que se costuma confundir muito e, às vezes, “justapor os âmbitos de competências” da escola e da família, esquecendo-se de que “aluno não é filho, e professor não é pai”.

Ainda, segundo Aquino, a função principal dos pais ou de seus substitutos diz respeito ao trabalho de moralização da criança, de suas atitudes e hábitos, ou seja, ao cultivo de determinadas virtudes pessoais e cabe ao professor, o trabalho

com o conhecimento sistematizado em seus diferentes campos, à ordenação do pensamento do aluno, por meio da reapropriação do legado cultural, cujo objetivo seria sua recriação.

De acordo com este autor, o aluno sabe reconhecer quando o professor está cumprindo ou não o seu papel. Quando um jogo é bem jogado, os alunos reconhecem e respeitam suas regras. Da mesma forma, os alunos sabem quando o professor está exercendo sua função ou quando está “enrolando”, “passando o tempo”.

Desta forma, a indisciplina pode ser uma resposta clara ao abandono das funções docentes em sala de aula, já que as atitudes de nossos alunos refletem um pouco nossas próprias atitudes.

A idéia apontada freqüentemente por professores de que o aluno é “desinteressado”. Ou melhor, “de que a sala de aula não é tão atrativa quanto os meios de comunicação, como a televisão.” Colocam ainda como saída, “modernizar a sala de aula com o uso de recursos didáticos mais atraentes e assuntos mais atuais, por exemplo”. Para esse tipo de idéia, mais de cunho metodológico, Aquino (2001) esclarece, partindo da distinção que se faz necessário, entre escola e mídia, que a mídia tem como função a difusão da informação, o entretenimento, o lazer, enquanto a escola deve se encarregar, como já foi dito em outras oportunidades, da (re)apropriação do conhecimento acumulado em certos campos do saber, que corresponde muitas vezes, a um trabalho duro e complexo, mas nem por isso tenha que ser menos prazeroso. Por essa razão, é preciso ter clareza que o objetivo da ação do professor não é apenas a transmissão de determinados produtos do conhecimento, como dados, fórmulas ou fatos, mas principalmente “reconstruir o caminho percorrido antes que se chegasse a tais produtos e seus desdobramentos”. (p. 114).

Como se observa, o trabalho pedagógico vai além da mera difusão de informações. A informação refere-se ao presente, enquanto o conhecimento remete-nos ao passado e é o que antecede uma informação, tornando-a mais compreensível. Por isso que, em sala de aula, é preciso clareza para entender que, nosso ponto de partida é a informação, mas o ponto de chegada é o conhecimento.

Nesta perspectiva, se pode visualizar a indisciplina com “um sinalizador, onde a intervenção pedagógica não estaria acontecendo de maneira satisfatória e atingindo seus reais objetivos”. Assim sendo, Aquino coloca ainda, três dimensões

da educação que não se pode perder de vista quando o assunto é ação educativa. A primeira é a dimensão dos conteúdos (o que se ensina), a segunda, a dimensão dos métodos (como se ensina), e a terceira, a dimensão ética (para que se ensina).

Para o autor, a grande maioria dos problemas enfrentados hoje em dia solicita um encaminhamento de cunho ético, ao invés do metodológico, curricular ou burocrático. A todo instante o aluno indisciplinado quer chamar nossa atenção, quer saber: para que ele tem que aprender tal coisa? Qual a importância disso ou daquilo? O que ele vai ganhar aprendendo isso? E se os professores tiverem clareza em relação ao seu papel e ao valor do seu trabalho, eles poderão alcançar um outro tipo de leitura do cotidiano escolar, sobre os dilemas que se apresentam e as possíveis estratégias para sua execução, quem sabe até, uma possível resolução.

Muitas vezes, se consegue resolver alguns problemas apenas através da reflexão sobre posicionamentos duros, de questionamentos de crenças enraizadas, do confronto de posições imutáveis, debatendo-se contra fatalidades, o que significa uma oportunidade de vivência da sua profissão. Para isso, destaca Aquino (2001), algumas premissas pedagógicas fundamentais, que vão além do plano dos conteúdos e dos métodos, devem ser preservadas no trabalho de todo dia em sala de aula. Tais premissas são:

O conhecimento, objeto único da ação docente, e jamais à moralização de hábitos; a relação professor-aluno, cerne do trabalho pedagógico; a sala de aula, local onde a educação escolar ocorre de fato, e onde devem ser administrados todos os conflitos, nada de mandar aluno para fora da sala ou da escola; o contrato pedagógico, regulador da ação entre professor e aluno, diz respeito às regras de convivência que orientam o funcionamento da sala de aula, e por isso devem ser explicitadas e lembradas sempre (p.120).

Para finalizar a questão disciplinar, Aquino propõe cinco regras éticas, que a seu ver, funcionam como antídoto contra o fracasso escolar, deixando os “problemas” disciplinares de serem considerados prioritários.

A primeira regra ética diz respeito à compreensão do aluno-problema como um porta-voz das relações estabelecidas em sala de aula. É preciso escutar esse aluno, investigá-lo e admitir que algo não vai bem na relação.

A segunda reporta-se à des-idealização do perfil de aluno. Temos que trabalhar com o aluno que temos e não com o que gostaríamos que fosse.

A terceira regra ética faz alusão à fidelidade ao contrato pedagógico. Jamais abrir mão do conhecimento. O professor precisa ter clareza de suas tarefas para que o aluno não esqueça as dele. A ação do aluno reflete a ação do professor.

A quarta regra refere-se a experimentação de novas estratégias de trabalho. É preciso investigar novas possibilidades de atuação profissional, reinventar novos métodos, conteúdos, relações, para que se possa potencializar o trabalho pedagógico.

E a quinta regra ética, diz respeito a dois compromissos básicos imprescindíveis na ação docente em sala de aula a competência e o prazer, que por extensão entra também, a generosidade. Quando se consegue por em prática, obtém-se grande sucesso no desenvolvimento do aluno (AQUINO, 2001, p. 119).

No decorrer desta discussão, ficou claro o quanto a questão da indisciplina é complexa, e quão grande é o número de variáveis e interferências que ela abarca. Assim sendo, não se pode pensar em entender o indivíduo a partir de uma única variável, mas sim, a partir de um contexto mais amplo, de um olhar direcionado para o contexto sócio-econômico do aluno, a relação família/escola e aluno/instituição tendo como base a complexidade das relações que a todo instante se institui, tanto com o mundo, quanto com nós mesmos.

3 O sentido do conceito de indisciplina a partir da disciplina

A disciplina em sala de aula se concretiza em um trabalho, que nem sempre implica clareza de regras de comportamentos apresentados verbalmente ou não, mas implica em clareza dos objetivos a serem alcançados.

Carvalho (1996), caracteriza a indisciplina a partir das definições de disciplina encontradas no *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa* (1964), de Aulete Caldas e busca refletir sobre os significados próprios ao uso escolar, bem como suas implicações a respeito das tarefas de ensino e as atividades escolares cotidianas. O autor registra os seguintes significados para o verbete disciplina:

1. instrução e direção dada por um mestre a seu discípulo...
2. submissão do discípulo à instrução e direção do mestre.
3. imposição de autoridade, de método, de regras ou preceitos...

4. respeito à autoridade; observância de método, regras ou preceitos.
5. qualquer ramo de conhecimentos científicos, artísticos, lingüísticos, históricos, etc.: as disciplinas que se ensinam nos colégios.
6. o conjunto das prescrições ou regras destinadas a manter a boa ordem resultante da observância dessas prescrições e regras: a disciplina militar; a disciplina eclesiástica. Aulete (1964, p. 131)

Carvalho aponta que, exceto o último item o de número 6, que trata do uso eclesiástico ou militar, todos os itens anteriores fazem referência direta à educação. Contudo, a idéia de disciplina, contida no item 6 é a que, mais predomina no discurso dos profissionais ligados à educação, quando o assunto em pauta é a indisciplina.

Para ele, a distinção da idéia e dos pressupostos que guiam a disciplina escolar não está no fato de que no contexto escolar não há prescrições e regras, e sim no fato de que, tanto em um contexto da vida militar quanto na eclesiástica, a disciplina requer um controle sobre o comportamento como um valor, em que “a rigidez do hábito invariável centra-se em um único objetivo para cada instituição: ter uma força armada pronta para o conflito ou atingir a beatitude.” (p.131). Já na escola, a utilização do termo disciplina está menos fundamentada em uma ordem fixa e imutável de procedimentos comportamentais e mais relacionada ao aprendizado das ciências ou demais áreas da cultura.

Entretanto, no momento em que a escola passa a empregar concepções de disciplina como as citadas anteriormente, demonstram necessitar de uma ordem fixa e imutável de procedimentos comportamentais. Nesse sentido, pode-se dizer que o objetivo do processo educacional estaria ligado à fixação de certos comportamentos e não na transmissão e assimilação de determinados conhecimentos, habilidades ou atitudes, que possam exigir certos comportamentos e procedimentos como meios.

Desta forma, Carvalho afirma que,

a trajetória para se entender os problemas da disciplina e da indisciplina escolar consiste na explicitação do vínculo entre a noção de disciplina como área do conhecimento e a de disciplina como comportamentos/procedimentos, vínculo que é próprio e específico da relação escolar

Ele, ainda, considera insuficiente reconhecer que a disciplina ou a indisciplina possa se referir a um conjunto fixo de modalidades de comportamento, mas sim a uma série de atitudes que variam conforme os diferentes contextos lingüísticos e sociais em que o indivíduo se encontra em determinado momento.

O exemplo dos comportamentos religiosos, quando se está em uma igreja, é fundamental que se mantenha o silêncio; ao contrário de quando se estar em uma partida de futebol muito barulho e gritaria. O autor questiona, então, a idéia de que a disciplina no contexto escolar pressupõe “o respeito ou a imposição de regras, métodos e preceitos”, como afirmam as definições 3 e 4 do dicionário. Como resposta, ele coloca que se deixe de lado as questões de respeito ou imposição, e mais não é possível buscar uma definição da lógica do uso desses termos, os quais considera-se ambíguos e de difícil clarificação. No entanto, há necessidade de esclarecer alguns equívocos.

Também destaca que o primeiro desses equívocos seria “procurar nas regras e métodos uma substância única ou abstrata, que os descontextualizasse das experiências concretas onde se manifestam como fenômenos práticos ou entidades lingüísticas”, isso valeria também para o caso da disciplina.

O autor considera a ação disciplinada um saber-fazer e não um saber proposicional; um tipo de ação e não a posse de um discurso.

Quando o professor planeja uma atividade a ser executada por seus alunos, ele deixa claro o objetivo que deseja alcançar e a metodologia para o desenvolvimento daquela atividade. Dessa forma, o professor, ao oferecer maneiras organizadas de se realizar um trabalho, está transmitindo um método de trabalho, e isso é disciplina e não um estoque de soluções.

(...) tanto a instrução e direção dada por um mestre quanto à aquisição por parte do discípulo das regras, métodos e procedimentos _ o respeito bem como a submissão a essa disciplina, que é uma prática social na qual o aluno está sendo iniciado. O ensino (instrução e direção) se constitui em aprendizagem (aquisição) na relação pedagógica mediada pelos trabalhos escolares. (CARVALHO, 1996, p.137)

Sob essa perspectiva, a disciplina escolar não se identifica com boa ordem, mas com práticas que exigem diversas disposições e diferentes tipos de exigência. A questão da disciplina ou indisciplina na escola não se restringe em

obter um tipo padronizado de comportamento, mais do que isso, ela envolve o como ensinar certas maneiras de se trabalhar. A criatividade do professor é um dado bastante significativo para lidar com questões disciplinares. O professor deve criar uma maneira própria de trabalhar, sempre com vistas aos objetivos que deseja.

4 Indisciplina: um olhar focado nas práticas pedagógicas

A prática pedagógica está estruturada a partir dos quadros de referências ideológicas, morais e sociais de todos os envolvidos na instituição escolar e que se cruzam com todo o universo simbólico cultural, como valores, crenças, representações, que dão sentido a suas atitudes e comportamentos. Este cruzamento estrutura as práticas docentes. Desta forma, as representações interiorizadas pelos professores, suas concepções de saber, poder e ensino, precisam ser analisadas conforme surjam questões disciplinares compreendidas no conjunto das práticas cotidianas da escola.

Seqüenciada a análise dos olhares de alguns autores que desenvolvem pesquisas focadas na indisciplina no ambiente escolar Passos (1996) defende, em "*A indisciplina e o cotidiano escolar: novas abordagens, novos significados*", o fortalecimento da aprendizagem e da relação que ela pode gerar com o saber. Desta forma, a autora compreende que o ato pedagógico, quando tomado como um momento de construção de conhecimento, não necessita ser silenciado, nem o professor ser reduzido à condição única daquele que ensina e faz o aluno não exceder sua condição de sujeito que aprende. Diferente do que se imagina, o ato pedagógico é o momento de emergir das falas, do movimento, da rebeldia, da oposição, da ânsia de descobrir e construir juntos, professores e alunos.

No entanto, a maioria das instituições insiste em expressar uma obsessão pela manutenção da ordem, fazendo com que as relações entre autoridade e hierarquia, em que os alunos são inseridos nas escolas, criem uma educação para a docilidade, desenvolvendo nos indivíduos uma dependência que os impede de crescer como sujeitos auto-suficientes.

Assim, disciplina não é sinônimo de silenciamento mas, compromisso com a busca do conhecimento. Nesta direção se pode notar uma nova concepção de disciplina

Nesse sentido, Passos (1996) afirma que:

O termo indisciplina vai ser tomado aqui não como negação ou privação da disciplina, ou no sentido pejorativo que o conceito carrega como desordem, falta de regras e de controle, mas como um fogo que atravessa a calma e faz nascer novos movimentos, diversas imagens invertidas: um atravessamento na forma pela qual as escolas estão socialmente organizadas, passando por toda normatização imposta pela instituição para dirigir-se a um aluno, que pode reconstruir conhecimentos. (p. 118)

Diante do exposto, para uma classe ser disciplinada não necessita de silêncio absoluto, pois nem sempre o silêncio é revelador de disciplina, muito menos garantia de aprendizagem. Porém, a disciplina do silêncio ainda prevalece nas escolas e mais, favorece elogios aos professores e diretores que conseguem sucesso nesse sentido e, conseqüentemente, as críticas são impiedosas para as escolas mais “barulhentas”.

A autora vai buscar nas pesquisas de Enguita (1989) uma contribuição importante a respeito do efeito negativo da autoridade do professor sobre os alunos. Tal efeito faz com que os alunos se lembrem que são submissos à autoridade do professor e que não podem decidir nada sozinhos, que não se pode depositar confiança neles e que devem estar sob tutela. Vale ressaltar que existe ainda uma dicotomização que se tem feito em relação aos processos pedagógicos ao classificá-los em tradicionais ou novos, priorizando os conteúdos sobre os métodos, ou a disciplina sobre a indisciplina, bem como outras classificações que acabam por fragmentar em demasia o ato pedagógico. Ao submeter à prática dos professores a um universo reduzido de classificações como este, corre-se o risco de não conseguir desvelar a heterogeneidade e a singularidade que o cotidiano escolar pode revelar.

Desta forma, Passos optou por pensar na prática pedagógica, em particular, nas questões disciplinares, no âmbito de uma pedagogia crítica.

A pedagogia crítica pretende repensar como as nossas escolas podem se constituir em espaços onde a cultura e as experiências dos alunos e dos professores (seus modos de sentir e ver o mundo, seus sonhos, desejos, valores e necessidades) sejam os pontos basilares para a efetivação de uma educação que concretize um projeto de emancipação dos indivíduos. Passos (1996, p. 121)

A percepção de outras realidades, trazidas pelos alunos na escola, poderá permitir que os modos de ensinar e aprender sejam determinados pelas relações que acontecem na sala de aula. De acordo com a autora, isso tem ligação com a questão da indisciplina, já que não se tem a possibilidade de isolá-la daquilo que aparenta ser um sintoma do que a escola mesma produziu, tanto em termos do significado dos seus conteúdos, das estratégias de trabalho na sala de aula, quanto pela maneira de encarar os alunos e partilhar com eles os espaços, as vozes, o tempo. Para a autora, uma maneira de avançar no entendimento de questões ligadas à indisciplina na escola seria através da percepção do contexto das práticas que constituem o dia-a-dia das escolas.

De acordo com Passos, a análise do cotidiano escolar pode indicar um trajeto teórico que não fragmente os fenômenos, mas que revele a gênese e a natureza do processo educativo. Um estudo desta natureza possibilita compreender a ação dos sujeitos envolvidos, ou melhor, o que ocorre no interior das salas de aula em suas relações com a realidade social mais ampla, entendendo assim, essa realidade específica nas suas articulações com a realidade macrossocial.

5 A ótica dos docentes sobre a indisciplina no ambiente escolar

Afinal, que conceito de disciplina tem os educadores? Seria um conceito pautado na emancipação dos sujeitos, ou voltado para a manutenção da ordem, estabelecimento de comportamentos desejáveis? Nesse último caso, como seria esse “comportamento desejável?”.

Como se vem percebendo no decorrer das discussões focadas pelos autores citados, a questão da indisciplina envolve uma série de conflitos e problemas de extensão bastante complexa, visto que um leque muito grande de variáveis que influenciam o processo de ensino-aprendizagem e entre estas se situa a indisciplina no ambiente escolar, seja ela na sala de aula ou no entorno da escola. No entanto, há um consenso sobre o fato de que sem a disciplina, torna-se muito difícil se desenvolver um trabalho pedagógico significativo.

Nessa perspectiva, a disciplina é apontada como sendo uma dificuldade entre os professores, cujos fatores estão associados principalmente à falta de interesse dos alunos, à dificuldade em motivá-los, ao desgaste da autoridade e do

respeito à figura do professor, à própria política de organização da escola atual e outros.

Se pode então depreender que a falta da disciplina, ou seja, a indisciplina é vista pela maioria dos docentes como sinônimo de desordem, concepção que ainda prevalece em muitas escolas. Uma visão aparentemente tradicional, baseada no silêncio e quietude dos alunos.

Segundo Rego (1996) em "*A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana*" defende teses baseadas nos postulados de Vygotsky onde permite uma análise do fenômeno da indisciplina sob uma visão mais ampla e menos fracionada do que normalmente se vê nos meios educacionais, pelo fato de inspirar maior abrangência, integração e dialética dos diferentes fatores que atuam na formação do comportamento e desenvolvimento individual. A autora inicia sua análise a partir dos inúmeros enfoques que são dados aos termos ligados à indisciplina, tanto nos dicionários, como no meio educacional. Nesta análise, a autora defende a idéia de que, a maneira como os educadores explicam a indisciplina gera muitas conseqüências à prática pedagógica, uma vez que sob essa visão existem elementos que podem intervir não apenas "nos tipos de interações estabelecidas com os alunos e na definição de critérios para avaliar seus desempenhos na escola, como também no estabelecimento dos objetivos que se quer alcançar" (p. 87).

Neste sentido, o fenômeno da indisciplina, no cotidiano escolar, tem deixado os educadores assombrados e perplexos despertando-os para a busca, ainda que sem muito aprofundamento, de explicações para a existência de tal manifestação.

Uma parte significativa dos educadores vê este fenômeno com certo saudosismo por práticas escolares e sociais de épocas passadas, em que não havia lugar para desobediência e inquietação por parte das crianças e adolescentes como já foi relatado anteriormente. Esta perspectiva revela, entre outros aspectos, uma grande dificuldade de atualização do projeto pedagógico de alguns docentes frente às demandas apresentadas pela sociedade atual. Alguns educadores costumam atribuir a culpa pelo "comportamento indisciplinado" do aluno, exclusivamente, à educação recebida na família, desobrigando-se dessa responsabilidade e deslocando o problema para fora do seu domínio.

Outros acreditam que a manifestação da indisciplina no cotidiano escolar está ligada aos traços de personalidade de cada aluno, atribuindo assim, a responsabilidade ao próprio aluno, demonstrando-se tratar de uma concepção de desenvolvimento inatista. Ou melhor, acreditam que os traços de comportamento de cada aluno já vêm definido desde o nascimento, por isso não poderão ser modificados.

Já os diretores, coordenadores e muitos pais, acreditam que as possíveis causas do comportamento de indisciplina nas escolas são de responsabilidade do professor e relacionam a origem da indisciplina à falta de autoridade do professor, de seu poder de controle e aplicação de sanções.

De acordo com a visão da autora, seria um grave equívoco relacionar a indisciplina do cotidiano escolar a fatores inerentes à natureza de cada aluno ou de sua faixa etária. As características de cada um não são inatas, ninguém nasce indisciplinado. Segundo esta autora embora a psicologia contemporânea suporte uma variedade de enfoques teóricos e métodos de investigação sobre a questão, esta “tende a admitir que as características de cada indivíduo não são dadas a priori, nem tampouco determinadas pelas pressões sociais” (REGO,1996, p 92).

Assim sendo, essas características vão se formando a partir de inúmeras e constantes interações do indivíduo com o meio, compreendido como contexto físico e social, que envolve as dimensões interpessoal e cultural.

Ainda segundo Rego (1996), o comportamento indisciplinado não resulta de fatores isolados, como: educação familiar, influência dos meios de comunicação, falta de autoridade do professor, entre outros, e sim de influências múltiplas que recaem sobre o indivíduo no decorrer de seu desenvolvimento.

Com base nestas premissas, a autora entende que as contribuições dos postulados de Vygotsky são importantes para auxiliar, de maneira geral, na reflexão pedagógica e em especial para a análise da questão da indisciplina. Deste modo, ressalta duas importantes implicações.

A primeira implicação leva ao reconhecimento de que a escola não pode abrir mão de sua tarefa educativa no que diz respeito à disciplina. Para que os alunos aprendam as posturas consideradas corretas em nossa cultura, é preciso que o professor seja o modelo que dá condições para que os alunos conheçam, construam e interiorizem valores e desenvolvam mecanismos de controle que regulem sua conduta. Para isso, os educadores precisam adequar suas exigências

às possibilidades e necessidades dos alunos. É necessário buscar uma coerência entre a conduta do professor e a que se espera dos alunos.

A segunda implicação está centrada na idéia de Vygotsky, onde sugere, caso se faça presente à indisciplina na prática escolar, que se busquem as causas e as possíveis soluções para este fenômeno, também nos fatores intra-escolares. Que os educadores tomem como ponto de partida os antecedentes e façam uma análise aprofundada e conseqüente dos fatores responsáveis pela ocorrência da indisciplina na sala de aula.

Por este prisma a questão da indisciplina e dos conflitos no ambiente escolar, sugere inúmeras interpretações e a depender da concepção pedagógica adotada pelo professor, esta postura disciplinar poderá levar em consideração a visão de homem, de educação e de sociedade, inserida no próprio pensamento pedagógico.

6 A indisciplina na perspectiva moral/psicológica

Conforme o exposto, o olhar para a indisciplina no ambiente escolar é bastante complexo e esta complexidade se justifica por existir uma infinidade de variáveis que interferem nas relações e nos comportamentos humanos. A indisciplina dentro desta majestosa hierarquia ocupa um lugar importante no leque dos comportamentos, o vínculo entre indisciplina e moral existe porque ambos colocam o problema da relação do indivíduo com um conjunto de normas, e também, porque os comportamentos indisciplinados se traduzem, muitas vezes, pelo desrespeito aos colegas, professores e à própria escola.

De La Taille (1996) também apresenta uma abordagem bastante interessante sobre a indisciplina no contexto escolar. Nesta análise ele procura estabelecer uma relação entre a indisciplina, a moralidade e o sentimento de vergonha. Ele cita como um dos fatores, que leva à indisciplina “o enfraquecimento do vínculo entre moralidade e sentimento de vergonha” (p.11). Ele explica que a origem do sentimento de vergonha está associada à questão da pessoa se colocar como objeto do olhar, da escuta, do pensamento dos outros. A vergonha, neste

caso, reflete internamente o julgamento que não é próprio. Uma afirmação como essa, causa descontentamento em relação ao que normalmente se tem como verdade, que o sentimento de vergonha acontece devido a um julgamento negativo advindo de outra pessoa. Para muitas pessoas o sentimento de vergonha pode estar vinculado ao sentimento de inferioridade.

Por outro lado, uma pessoa pode sentir-se envergonhada ao ser chamada de feia em sala de aula, ao ser considerada a pior da classe por ter obtido a menor nota em uma prova. No entanto, uma pessoa pode também se sentir envergonhada ao receber um elogio em público, o que seria, neste caso, considerado um julgamento positivo.

De uma forma ou de outra, a vergonha pode estar vinculada ao fato de você sentir-se um objeto do olhar alheio. “E quando esse olhar for crítico, negativo, a vergonha encontrará sua tradução mais freqüente: sentimento de rebaixamento desonra, humilhação” De La Taille (1996, p. 12).

Vários atos de indisciplina traduzem-se pelo desrespeito, ao colega, ao professor, ou ainda da própria instituição escolar. Este desrespeito de certos comportamentos de alunos é, na maioria das vezes, o que mais incomoda e preocupa os educadores.

O surgimento do sentimento de vergonha não tem um período definido, porém, há uma manifestação maior no período de transição entre saída da fase criança e a entrada para o período da adolescência.

De La Taille (1996), resume que,

A partir do momento em que a criança toma consciência de sua própria perceptibilidade, o sentimento de vergonha a acompanhará. E uma de suas “tarefas” no seu desenvolvimento será, justamente, a de lidar com esta vergonha, associando-a a certos valores, legitimando certos olhares e deslegitimando outros. Assim, a vergonha deixará de ser exclusivamente “pura”, e será notadamente associada a um juízo de valor que a criança fará sobre si mesma. A vergonha é, no seu “grau zero”, o sentimento de ser objeto da percepção de outrem; na sua forma mais elaborada, tal percepção é associada a valores positivos e negativos, sendo a vergonha relacionada àqueles negativos. Uma vez que a tendência à afirmação do Eu, à construção de uma imagem positiva de si, é necessidade psicológica básica, a vergonha é sentimento sempre possível e temido, motivação de escolha de conduta e esforços. No início do desenvolvimento, o olhar alheio, notadamente dos pais, é todo-poderoso, formando as primeiras camadas da imagem de si;

depois, este olhar é em parte relativizado tanto na sua origem, quanto no seu juízo. (pp. 12-13.)

Segundo Freud e Piaget a origem da moralidade situa-se na relação da criança com seus pais. E, ambos, também concordam em destacar a importância do sentimento de amor na relação. A criança obedece às ordens dos pais por temer perder seu amor. Esse temor pela perda de amor pode ser traduzido, não só pela preocupação de perder a proteção, como também pelo temor de perder a confiança, a afeição da pessoa que nos ama. Nesse sentido, o autor explica a obediência da criança pequena, não simplesmente devido ao medo de ser punida ou ficar sem proteção, mas também pelo temor de “passar vergonha” diante dos olhos da pessoa amada. Essa fase do medo da perda do amor dos pais corresponde a um controle essencialmente externo.

Muitas vezes, é comum escutar de certos professores, antes de entrar em suas salas de aulas, onde é freqüente o comportamento indisciplinado de alunos, resmungos do tipo: “Lá vou eu mais uma vez para o tormento daquela sala de aula!”, ou então: “Não vejo a hora das aulas acabarem para que eu não precise mais encontrar com fulano, oh menino que perturba!” De La Taille (1996, p. 19),

Ao abordar a questão da indisciplina pela dimensão da moralidade, concorda-se com La Taille quando afirma que não condena moralmente falando a indisciplina, nem que o aluno que segue as normas escolares de comportamento seja um amante das virtudes, pode ser que o medo de castigos e punições influencie a esses alunos.

Será que isso é decorrente do enfraquecimento da relação vergonha/moral? A que se deve tais comportamentos indisciplinados que muitas vezes chegam a atrapalhar a ordem dentro de uma sala de aula?

Pensemos de forma extrema: se o essencial da imagem que os alunos têm de si (e querem que os outros tenham deles) inclui poucos valores morais, se seu “orgulho” alimenta-se de outras características, é de se esperar que sejam pouco inclinados a ver no respeito pela dignidade alheia um valor a ser reverenciado, e nem a considerar seus atos de desobediência como correspondentes a uma imagem positiva de si (afirmação da própria dignidade, como no caso da revolta contra a autoridade). Não sentirão nem vergonha nem orgulho de suas balbúrdias. Não sentirão nada. O olhar reprovador do professor não terá efeito: seus cenários são outros, suas platéias são outras (DE LA TAILLE, 1996, p. 20).

A partir do que foi dito, é feita uma comparação entre uma sala de aula e o caos do trânsito nas ruas e estradas. É desejo de cada motorista que as pessoas admirem seu carro, mas de forma nenhuma admite que julguem a maneira, cada vez mais irregular, como ele o está dirigindo. Pode-se dizer que o mesmo acontece com o aluno. Cada um quer ser admirado, mas considera inconcebível que alguém possa censurá-lo por ter cometido um ato associal. “Quem o fizer não passará de um “moralista”, supremo insulto!” (DE LA TAILLE, 1996, p.20).

A indisciplina em sala de aula não se deve essencialmente a falhas psicopedagógicas, pois está em jogo o lugar que a escola e a moral ocupam na sociedade. Os educadores precisam preocupar-se seriamente com a qualidade do trabalho que está sendo oferecida às crianças, a linguagem, as relações estabelecidas, as atividades propostas. A humilhação, longe de prevenir os delitos, os promove.

De acordo com De La Taille (1996) a solução encontrada seria a de reforçar no aluno, o sentimento de sua dignidade como ser moral. Para isso, cabe à escola lembrar e fazer lembrar aos alunos e à sociedade, que sua finalidade principal é preparar para o exercício da cidadania. Assim, são necessários consistentes conhecimentos, memória, respeito ao próximo e ao espaço público, um conjunto mínimo de normas de relações interpessoais e diálogo franco entre olhares éticos. Não existe democracia se houver completo desprezo pela opinião pública

No cotidiano escolar, ou o professor se impõe pessoalmente por suas próprias características, ou nada acontece, já que sua função é desprezada pelos alunos. Existem casos de escolas particulares que personalizam tanto seu ensino, a ponto de tratar o aluno como um “cliente” a quem ela negocia o seu produto. Acontece uma inversão de legitimidade dos olhares: “é o aluno quem olha e julga”. Quem passa a sentir minorizado, envergonhado, é a escola e seus professores. Chega-se a ponto do professor ouvir do aluno que quem paga o salário dele é o aluno e por isso, não admite que lhe dê ordens ou lhe repreenda. E os professores, por sentirem-se privados de autoridade, desistem de disciplinar e assumem a tarefa de motivar o aluno para que este permaneça na escola.

No âmbito familiar, a família, que antes se organizava em função do adulto, atualmente, passa a si organizar em função da criança. Daí a atual queixa pela falta de limites nas crianças. Tanto os pais, quanto os professores têm medo de impô-lo, por considerar uma imposição do registro adulto, no qual não acreditam

mais. Assim, os pais engatinham na frente de seus filhos, brincam de negar as diferenças, fingem que são apenas amigos, mascaram seus valores por medo de contaminá-los, concordam com seus desejos para não frustrá-los. E este mesmo fato acaba se repetindo no âmbito escolar, onde alguns professores passam a fazer uso de negociações ao invés de ordens.

7 A busca de alternativas para o enfrentamento da indisciplina no contexto escolar

O tema indisciplina é complexo e por isso, não se tem a intenção de encontrar fórmulas mágicas ou soluções para explicar a problemática da indisciplina no ambiente escolar, busca-se no entanto, apontar possíveis caminhos para o seu enfrentamento no cotidiano escolar. Para Araújo, tal complexidade demanda uma transformação da escola como um todo, a fim de torná-la compatível com a realidade e com os interesses da sociedade pós-moderna em construção, o que irá demandar também uma democratização real da instituição escolar e uma busca por trabalhos que levem em conta a construção de valores universalmente desejáveis.

Ele inicia sua análise a partir do sentido do termo indisciplina, encontrado nos dicionários de língua portuguesa, onde constam as seguintes definições: “todo ato ou dito contrário à disciplina que leva à desordem, à desobediência, à rebelião”. Já para o termo disciplina tem-se como definições comuns “regime de ordem imposta ou livremente consentida que convém ao funcionamento regular de uma organização (militar, escolar, etc)”. De acordo com Araújo, “a indisciplina relaciona-se com o não cumprimento das leis, normas e regras da sociedade ou de grupos organizados para determinados fins, como a escola”. Para ele, ao referir-se a escola, a indisciplina pode estar relacionada ao “desrespeito às regras estabelecidas”. (ARAÚJO, 2000a, p. 149)

Assim, recorre a Piaget, no livro “O Juízo moral na criança” (1932), onde encontra a afirmação de que “a essência de toda a moralidade está no respeito que o indivíduo adquire pelas regras”. Nesse sentido, tanto quanto se fala de indisciplina, quanto de moralidade, encontra-se inserido nas discussões, o papel desempenhado pelas regras e pelas leis, demonstrando, desta forma, a presença de uma relação

íntima entre moralidade e indisciplina. Só que essa relação não é direta, nesse caso, alerta o autor: deve-se tomar cuidado. Embora a moralidade esteja relacionada às regras, nem todas as regras têm vínculos com a moralidade. É preciso levar em consideração sob quais princípios foi estabelecida a regra transgredida pelo sujeito para entender se o ato de indisciplina foi imoral ou não.

Outro aspecto que deve ser observado é a maneira através da qual a regra foi determinada, se através de meios coercivos ou baseada em princípios democráticos. Para Araújo, quando uma regra é imposta ao aluno de maneira autoritária, este aluno pode não se sentir obrigado a cumpri-la e a manifestação através da indisciplina pode ser interpretada como um protesto em relação à autoridade. Nesse caso, ao invés do aluno ser considerado imoral, quem poderá ser considerado imoral é o professor, por impor regras injustas ou em benefício próprio e esperar que os outros simplesmente as obedeçam.

Nos últimos anos, Araújo vem desenvolvendo trabalhos com professores de escolas brasileiras, em cursos de formação, que busca instrumentalizá-los para atuar na transformação e democratização da realidade escolar. Esse trabalho tem demonstrado resultados significativos no sentido de diminuir as ações de indisciplina e violência nas salas de aula. Esses projetos priorizam como objeto principal da educação, a construção de personalidades morais autônomas e críticas, e tem como embasamento os princípios democráticos da justiça, da igualdade e da equidade.

Na verdade, este tipo de trabalho não quer de forma alguma apresentar uma receita pronta e acabada de uma “escola idealizada”. No entanto, o autor entende que a construção de uma escola democrática passa pela reorganização do espaço, dos conteúdos e das relações interpessoais dentro da escola. É nesse sentido que o autor propõe que a escola, ao organizar seu projeto pedagógico, esteja disposta a reestruturar e trabalhar com diferentes aspectos que se interrelacionam e destaca: os conteúdos escolares; a metodologia das aulas; o tipo e a natureza das relações interpessoais; os valores; a auto-estima; o autoconhecimento dos membros da comunidade escolar; os processos de gestão da escola.

Ao citar tais aspectos, Araújo (2000a, 2000b, 2001) coloca também algumas razões que o levaram a pesquisar a influência destes, bem como, sugestões de como a escola pode se reorganizar a partir da sua identificação, a fim

de superarem os obstáculos à democratização e sua relação com as distintas dimensões constitutivas da natureza humana.

O primeiro aspecto levantado por Araújo, os conteúdos escolares, aparece como um dos grandes problemas enfrentados pela educação, nos dias atuais, devido a sua inadequação nas diversas disciplinas curriculares. Nota-se que, tais conteúdos são oferecidos sem muita relação com a realidade e com o cotidiano dos alunos, despertando, muitas vezes, a falta de interesse, uma das grandes fontes para se chegar à indisciplina, tão questionada nas escolas ultimamente. De acordo com o autor (2001), com a implementação de um processo de democratização da escola, “inicia-se uma cobrança para que esta, e os conteúdos por ela trabalhados, sejam mais interessantes e próximos do cotidiano e da realidade dos alunos” (p. 13).

No entanto, para que essa democratização aconteça de fato, é preciso coragem e desejo político de reorganizar a estrutura curricular da escola.

O autor propõe como uma saída para se adequar os conteúdos ao cotidiano dos alunos, um trabalho com os “temas transversais” na educação, como: a saúde, a ética, o meio ambiente, o respeito às diferenças, os direitos do consumidor, as relações capital-trabalho, a igualdade de oportunidades, as drogas e a educação de sentimentos. O que não significa com isso, acrescentar novas disciplinas, mas sim, aproximar os conteúdos escolares à realidade cotidiana dos alunos e dessa forma obter maior interesse por parte dos alunos apáticos em relação à educação. Para isso, tais conteúdos devem ser trabalhados interdisciplinarmente e transversalmente aos conteúdos já existentes, considerados tradicionais, com vistas à construção de personalidades morais autônomas e críticas.

Para Araújo, a partir de outra perspectiva, entende-se que os conteúdos escolares têm importante função na constituição da dimensão sociocultural dos sujeitos. Assim sendo, sua reorganização irá permitir que os alunos construam personalidades fundamentadas em conteúdos eticamente mais significativos.

O segundo aspecto abordado é a metodologia das aulas, já que, como se sabe, não é possível construir a cidadania a partir de relações autoritárias e presas a metodologias que apenas transmitem e reproduzem o conhecimento.

Assim, deve-se pensar em um trabalho que privilegie o desenvolvimento da competência dialógica e reflexiva dos educandos, e ao mesmo tempo trabalhar

com estratégias que priorizem a tomada de consciência dos alunos quanto aos seus próprios sentimentos e emoções.

O autor propõe que os professores trabalhem em suas aulas a partir de dinâmicas que incluam três tipos diferentes de atividades: reflexivas; conceituais concretas e práticas experienciais, a fim de que o processo educativo possa tornar-se mais significativo para os alunos, contribuindo assim, para a construção de personalidades morais autônomas.

Ele chama de atividades reflexivas, aquelas atividades onde os alunos relacionam os conteúdos escolares aos aspectos da realidade pessoal e coletiva através de uma reflexão crítica. Podem-se relacionar alguns exemplos de atividades reflexivas como: dinâmicas que pressuponham o diálogo a partir de trabalhos em grupo; debates; assistir a filmes; técnicas como discussão de dilemas; resolução de conflitos; clarificação de valores; exercícios autobiográficos; exercícios de construção conceitual.

Já as atividades conceituais concretas, partem da reflexão pura e se aproximam da realidade concreta do cotidiano. Para atividades deste tipo, o autor sugere que se trabalhe a partir de dinâmicas onde se possa experienciar o conhecimento estudado a partir de situações hipotéticas ou a partir de dados do cotidiano dos alunos. Como exemplo tem-se: as atividades de role-playing, que é uma espécie de dramatização onde os sujeitos vivenciam o que pensam e sentem através de diferentes personagens envolvidos em certo conflito; ou ainda, atividades das disciplinas tradicionais que se baseiem em dados da própria realidade cotidiana. Nesta atividade, os conhecimentos são conceitualizados a partir da experiência concreta e cotidiana dos sujeitos.

Por último, as atividades práticas experienciais que permitem a construção de conhecimentos e valores a partir das próprias experiências sociais. Um exemplo se pode citar é quando os próprios alunos investigam causas, conseqüências e possíveis maneiras de atuar socialmente na resolução de um problema que está envolvendo sua comunidade, ao mesmo tempo em que utilizam a experiência para conhecer as informações científicas e sociais relativas a tal problema.

De acordo com o autor, estas diferentes maneiras metodológicas de se trabalhar os conteúdos escolares se complementam quando as vemos articuladamente e não de forma fragmentada. Assim, a metodologia das aulas juntamente com a reorganização curricular da escola, assume um importante papel

na diminuição dos casos de indisciplina escolar. Aulas dinâmicas, dialógicas, a partir de experiências concretas dos alunos diminuem a probabilidade de incidência de comportamentos julgados indisciplinados.

O terceiro aspecto são as relações interpessoais. Uma escola voltada para a construção da cidadania deve priorizar que as relações entre seus membros sejam fundamentadas em bases democráticas e no respeito mútuo.

Para Araújo (1999b), a palavra respeito significa um sentimento que é experienciado nas relações interpessoais e a partir de reflexões intrapessoais. E explica que, tanto se pode sentir respeito por outras pessoas movidas pelos seus valores e atitudes como também por si próprio, como é o caso do auto-respeito.

Em uma relação fundamentada pelo respeito mútuo, o sentimento que prevalece é o amor. O amor ou a afetividade existente nas relações interpessoais permite que o medo presente na relação não seja o da punição e sim o de decair diante dos olhos do sujeito respeitado. Medo este, característico do sujeito autônomo, capaz de regular suas relações na reciprocidade e na consideração por outras pessoas.

Numa sala de aula, onde não seja necessário utilizar-se de punições e ameaças autoritárias é o tipo de respeito que pauta as relações interpessoais, estabelecendo assim, relações mais harmônicas. Nesta sala de aula, não há lugar para atos de indisciplina, pois o respeito ao próximo prevalece nas relações interpessoais.

O autor coloca ainda, que existe outro elemento comum encontrado na origem entre o amor e o temor sentidos por quem respeita o próximo, que é a admiração. Este sentimento é condição para o respeito. Pode-se admirar tanto quem se ama, quanto quem nos maltrata e é este sentimento que serve de elo entre o amor e o medo presentes no sentimento de respeito.

Araújo acrescenta ser imprescindível a democratização das relações interpessoais na escola e cita o trabalho de Puig (2000), *Democracia e Participação Escolar*, onde constam formas concretas de se operacionalizar o espaço democrático das assembléias na sala de aula. O autor concorda com Puig, ao dizer que as assembléias constituem o momento institucional da palavra e do diálogo. Neste momento, professores e alunos podem falar sobre qualquer assunto que possa parecer importante para melhorar o trabalho e a convivência na escola. Desta maneira, esse é um espaço aberto que se destina tanto à resolução de conflitos,

quanto ao momento de se colocar coisas positivas e de se discutir temas para projetos futuros, permitindo a todos vivenciar um ambiente democrático e respeitoso, que contribui para a educação para a cidadania.

Nas experiências desenvolvidas pelo autor, o trabalho com assembleias tem funcionado para que os atos de indisciplina e/ou violação de regras do grupo sejam discutidos e encaminhados às soluções. Na maioria das vezes, a própria pressão do grupo, quando conduzida de maneira equilibrada pelo professor, exerce influência significativa na auto-regulação do próprio grupo e de seus membros individualmente, promovendo transformações nas condutas consideradas anti-sociais.

O quarto aspecto apontado diz respeito aos valores dos membros da comunidade escolar, o qual se parte do princípio de que são construídos na experiência significativa do sujeito com o mundo. O que depende diretamente dos valores implícitos nos conteúdos trabalhados no dia-a-dia e da qualidade das relações interpessoais estabelecidas entre o sujeito e as fontes dos valores. “Os valores referem-se a trocas afetivas que o sujeito realiza com o exterior. Eles surgem da projeção dos sentimentos sobre objetos, pessoas e/ou relações.” (ARAÚJO, 2001, p. 17)

Destaca ainda que, desde o nascimento, o sujeito realiza trocas interpessoais e a intelectualização dos sentimentos, organizando-se assim, cognitivamente, os valores, a partir dos julgamentos de valor que este sujeito realiza. Tais valorações se organizam em escalas normativas que fazem, muitas vezes, com que o sujeito passe a agir de acordo com eles. Nesse sentido, cada um constrói seu próprio sistema de valores, os quais podem posicionar-se mais centrais ou mais periféricos na identidade. Segundo Araújo são os valores centrais que influenciam a conduta de cada sujeito.

Cita como exemplo que, se os valores centrais na identidade de uma pessoa não são democráticos, suas ações dentro do contexto escolar possivelmente serão autoritárias e não legitimarão as tentativas de democratização do ambiente onde atuam. Daí tem-se como conseqüências diretas observáveis, pessoas que pensam e agem defendendo a idéia de que na escola não há lugar para a democracia e os papéis existentes são bem definidos.

Quem detém o poder manda e quem não o detém obedece. Seus reflexos irão resultar na violência, na exclusão, no autoritarismo e em outras maneiras de organização que caracterizam as escolas como não democráticas. Araújo. (2001, p. 18).

Dessa forma, uma escola consciente de seu papel formativo e instrutivo, que se propõe a desenvolver uma educação voltada à cidadania tem como responsabilidade propiciar a oportunidade para que seus alunos interajam reflexivamente na prática de valores e virtudes vinculados à justiça, ao altruísmo, à cidadania e à busca virtuosa da felicidade. Tais valores são definidos como universalmente desejáveis.

Nesse aspecto, Araújo defende a idéia de que os princípios referidos na Declaração Universal dos Direitos Humanos, por exemplo, embora não deveriam ser impostos a qualquer cultura, eles deveriam ser desejáveis no sentido da sua universalização no contexto social. Para o autor, os princípios contidos nesta declaração pode ser um guia de referência para a elaboração de projetos educativos que almejem uma educação direcionada à cidadania e à construção de personalidades morais autônomas e críticas.

O quinto aspecto levantado é a auto-imagem que cada pessoa tem de si mesma. Araújo concorda com Harkot-de-La-Taille (1999), ao citar que.

(...) cada ser humano constrói para si uma imagem que considera representá-lo, uma imagem com a qual se identifica e se confunde. Imagem esta, que desliza do parecer para o ser, no momento em que, imagem e sujeito constituem um mesmo e único valor (p.20).

Mais uma vez ele se refere ao sujeito psicológico, formado por diferentes dimensões e que constrói, ao longo de sua vida, uma consciência de si mesmo. Neste sentido, este sujeito não está sozinho no mundo, no decorrer do processo, ele se constitui e é constituído nas relações com o mundo objetivo e subjetivo em que vive.

Araújo salienta ainda que a auto-estima pode ser mais negativa ou positiva, sem padrões definidos, com conseqüências visíveis sobre as interações do sujeito com o mundo e consigo mesmo. Assim, uma forma de se trabalhar tal realidade, mais uma vez é através da democratização das relações escolares, excluindo o autoritarismo.

Os educadores, em suas salas de aula, podem aproveitar aquilo que os alunos trazem de positivo, valorizando suas experiências e interesses do mundo não-escolar, tentando direcionar a energia desses alunos para projetos socialmente relevantes. Araújo (2000a, p.156).

É dessa forma que ele tem obtido ótimos resultados com alunos agressivos e indisciplinados que, ao sentirem-se valorizados pelo professor, mudam seu comportamento e ainda passam a valorizar o espaço escolar.

A união destes aspectos somados com o resgate e a valorização dos pontos positivos que são encontrados na personalidade de cada um pode, com segurança, reforçar a auto-estima das pessoas. Com isso, a escola passará a ser mais prazerosa, terá maior significado para alunos e professores, podendo alcançar seu objetivo maior, a construção de personalidades morais autônomas e críticas, através do resgate e da valorização da cidadania, reduzindo sensivelmente os atos de indisciplina no ambiente escolar.

O sexto aspecto a ser comentado refere-se ao autoconhecimento, ou seja, a possibilidade de conhecer a si próprio, conscientizando-se de seus valores e sentimentos.

A construção de consciências autônomas passa pela construção de processos de auto-regulação que permitem ao sujeito dirigir a própria conduta por si mesmo. Além disso, o sujeito é capaz de perceber com maior sensibilidade seus próprios sentimentos e emoções. Araújo (2000a, p.157).

De acordo com o autor, cabe à escola desenvolver um trabalho com metodologias e conteúdos que explorem a reflexão, o diálogo, a percepção e a regulação dos próprios sentimentos e emoções, a fim de desempenhar um papel importante nesse processo de construção do autoconhecimento, de construção de valores morais universalmente desejáveis e de auto-respeito, aspectos importantes para o exercício competente da cidadania, bem como para o enfrentamento dos distúrbios de indisciplina, tão freqüente nos últimos tempos, no ambiente escolar.

Por fim, o sétimo e último aspecto levantado por Araújo, refere-se a questão da gestão escolar, como se vem discutindo, uma escola direcionada ao autoritarismo não contribui para a formação de personalidades morais autônomas e críticas, nem muito menos leva à construção da cidadania.

Neste sentido, retoma o conceito de assembléia que foi discutido anteriormente, visualizando como uma das saídas para a escola, sua implantação, em dois níveis distintos. O primeiro através de assembléia escolar, que envolve uma participação representativa da direção, docentes, estudantes e funcionários. O segundo nível, por meio de uma assembléia docente, que envolve a participação de todos os professores e da direção da escola.

Desta forma, envolve-se a participação de todos nos processos decisórios, ao passo que democratiza a convivência do grupo e as relações interpessoais. De acordo com Araújo, a implementação de tais procedimentos promoverá a mudança nas relações de poder e a conseqüente construção da cidadania.

Os trabalhos de Araújo (2000a, 2000b e 2001), sua experiência em escolas brasileiras, utilizando-se alguns aspectos que interferem no processo de construção de personalidades morais autônomas e de uma escola democrática, comprovam que não há como enfrentar as questões de indisciplina sem promover uma reorganização na instituição escolar e no próprio objeto da educação. Desta forma, ao identificar tais aspectos e discuti-los, é preciso não perder de vista as idéias sobre o pensamento complexo, abordadas anteriormente. Do contrário, se forem analisados de maneira disjuntiva, reducionista e formalizados não possibilitarão compreender este fenômeno tão complexo que é a indisciplina no ambiente escolar.

Ainda de acordo com Araújo (2000a), um caminho para se enfrentar a indisciplina seria através do reconhecimento dos alunos como possíveis parceiros de uma jornada política que tem como meta a construção de uma sociedade mais justa.

As relações na escola devem ser de respeito mútuo, a diversidade dos interesses pessoais e coletivos deve ser valorizada, e a escola deve buscar construir uma realidade que atenda aos interesses da sociedade e de cada um de seus membros (ARAÚJO, 2000a, p.158).

Enfim, uma análise multidimensional da realidade escolar e dos fenômenos de indisciplina. Cada explicação, por si só, é uma verdade parcial, que apresenta uma leitura possível do quadro tecido de eventos, ações, interações, retroações, determinações e acasos que permeiam o ambiente escolar.

8 A indisciplina e a formação docente: um processo reflexivo

Os estudos que tratam da relação entre indisciplina e formação docente são ainda incipientes, conforme sugere Estrela (2002). A autora apresenta os problemas de indisciplina como sendo preocupações e ansiedades que começam no período inicial da formação docente, mas que, nem sempre são levados a sério.

Nessa direção, é no período de formação inicial que as competências devem ser adquiridas e reavaliadas ao longo da formação continuada. A aquisição dessas competências desejáveis não deve ficar alheia ao percurso da formação, nem separada do contato com as situações reais, nesse sentido, o professor deverá aprender a identificar esses entraves e fundamentar-se teoricamente. Essa formação orientada para a prevenção da indisciplina deverá assentar-se em dois eixos: o professor enquanto agente normativo e o professor enquanto agente organizador da aula.

Assim, a autora afirma que:

Essa visão pedagógica determinará a seleção e instrumentalização de conhecimentos provenientes da investigação sociológica ligada às variáveis que constituem o contexto da ação. Essa instrumentalização permitirá transmitir para o professor uma parte da responsabilidade da indisciplina na sala sem, no entanto, dela desresponsabilizar o aluno, a escola, a família ou a sociedade. Os professores vêem assim abrir-se-lhes um campo de atuação mais ao seu alcance, pois jogam no seu próprio terreno, regulando o seu próprio comportamento e podendo dispor de um conjunto de informações variadas sobre a situação. (ESTRELA, 2002, p.111).

Nesta perspectiva, o principal objetivo de formação inicial é ensinar o professor a refletir sobre o seu ensino e a elaborar seus próprios projetos de pesquisas, definindo-se então como profissional investigador e inovador.

Nesse sentido, ainda destaca:

Em síntese, de formas diferentes e com estratégias diferentes conforme se trate de formação inicial ou de formação contínua, parece-me que uma formação para a prevenção da indisciplina na aula, pelos quadros referenciais que mobiliza e pelas atitudes que incentiva, favorece de forma especial a utilização de um conjunto variado de estratégias e de técnicas de formação. (...) que podem contribuir para um processo de “conscientização” no sentido mais lato, isto é, para uma tomada de consciência crítica e

real e das relações de significação e de ação que cada um constrói com o meio em geral e com o meio em que exerce a profissão em particular. (p. 113)

Assim, disciplina não é sinônimo de silenciamento, mas de compromisso com a busca do conhecimento. Neste processo o papel do professor é importante não como figura central, mas como coordenador do processo educativo, já que, usando de autoridade democrática, cria conjuntamente com os alunos, espaços pedagógicos interessantes, estimulantes e desafiadores, para que neles ocorra a construção de um conhecimento escolar significativo.

É necessário que entre os pares estabeleça-se a forma de comunicação necessária para que a aprendizagem significativa ocorra realmente. Neste processo o professor desempenha o papel de referência (seja para ser seguido ou contestado); mas os alunos podem aprender a lidar com o conhecimento também com os colegas. Uma coisa é o conhecimento “pronto”, sistematizado, outro, bem diferente, é este conhecimento em movimento, tencionado pelas questões da existência, sendo montado e desmontado. Aprende-se a pensar, ou, se quiserem, aprende-se a aprender.

Em suma, o ofício docente exige a negociação constante, quer com relação à definição de objetivos e às estratégias de ensino e de avaliação, quer com relação à disciplina, pois esta, se imposta autoritariamente, jamais será aceita pelos alunos.

Por fim, o jovem que não se desenvolveu normalmente manifesta (na escola ou fora dela) comportamentos inadequados, que são muitas vezes julgados como sendo comportamentos indisciplinados. Isso indica, então, a correlação entre indisciplina e moralidade. A importância da colaboração da família é notória, pois, quando as famílias participam da vida escolar, torna-se mais fácil a integração dos alunos e melhora a qualidade do processo de ensino.

Capítulo II

**INDISCIPLINA NO AMBIENTE ESCOLAR:
uma relação conflituosa entre professor/aluno**

*“Corrigi, ajuda; encorajar,
ajuda ainda mais”..*

Goethe

1 Limites: um desafio no trabalho docente

A resposta mais freqüente relacionada à questão da indisciplina diz respeito à “falta de limites” dos alunos. Alguns professores arriscam ainda mais: “é preciso impor limites!” Ou, buscando respostas externas: “a família não coloca limites”. Nesse contexto, a obediência, o respeito, a disciplina, a retidão moral, a cidadania, enfim, tudo parece encontrar solução nesse vocábulo limite. O que parece interessante e alvo de uma reflexão é que desde os primeiros ensaios de constituição social da vida humana, para a geração mais velha, a mais nova é desregrada, desajuizada e inseqüente. Sabe-se que a qualquer idade, muitas pessoas apresentam falta de limites, mas não podemos esquecer que seu excesso também pode causar certo sufoco. Para compreender essa aparente contradição, faz-se necessário debruçar-se sobre o tema, freando o uso do termo limite, em seu caráter exclusivamente restritivo.

Segundo o dicionário de Antônio Houaiss (2001) o termo limite remete.

A linha que determina uma extensão espacial ou que separa duas extensões; linha de demarcação; raia; espaço de tempo que determina uma duração ou que separa duas durações. No sentido figurado determina os contornos de um domínio abstrato ou separa dois desses domínios; linha que marca o fim de uma extensão (espacial ou temporal); termo que não pode ou não deve ser ultrapassado falta de perfeição; insuficiência, defeito (p. 125).

O termo “limite” reporta a idéia de fronteira, separação entre territórios. Se existe uma divisa é porque existe dois lados separados. ‘O limite do meu terreno são os muros’, idéia básica de restrição, ou seja, além dos muros não é meu – aqui entendido como fronteira intransponível.

Porém, a idéia de fronteira remete-nos também ao movimento de transposição, de ir além. Daí, De La Taille em “*Limites: três dimensões educacionais*” (2001) evidenciar que muitas descobertas aconteceram pela inquietação de cientistas que não se conformavam com os limites impostos pelo seu tempo – daí a invenção da luz elétrica, do telefone, entre tantos outros recursos que hoje estão disponíveis para facilitar a vida das pessoas, sem dúvida esses cientistas foram além dos limites, romperam fronteiras, expandiram limites construindo novos conhecimentos. “Passamos toda a infância procurando esquecer a criança que

éramos na véspera. O crescimento é isto. E a criança não deseja nada além do que não ser mais criança”. (DE LA TAILLE, 2001, p. 13).

Cada etapa do desenvolvimento humano nada mais serve do que um limite a ser superado. A motivação encontra-se, certamente, na próxima etapa. Essa é a mola afetiva do desenvolvimento enquanto se quer viver transpor limites. “A tomada de consciência de si é progressiva; não aparece um belo dia, milagrosamente.” (p. 128). Portanto, é muito estreito pensar “limite”, apenas como uma barreira, um fim, como limitação, interpretando-o em apenas um dos seus significados.

Alargando um pouco mais a interpretação do termo, “limite” o autor oferece alguns conceitos.

“Limite” pode significar aquilo que deve ser transposto, seja para atingir a maturidade, seja para caminhar em direção a excelência em alguns campos de atuação e conduta.

“Limite” pode também remeter à fronteira da intimidade, ou seja, ao controle do acesso dos outros a nossa pessoa.

“Limite” pode significar aquilo que deve ser respeitado, não transposto, seja para viver bem, seja para deixar os outros viverem. De La Taille (2001, p. 145).

O impasse educativo encontra-se no discernimento se o limite é um convite a passar para o outro lado ou, pelo contrário, uma ordem para permanecer de um lado só. Em muitos momentos, dentro ou fora do ambiente escolar, o papel do professor é decisivo para interpretar esse termo, comprometendo-se com a máxima da sua existência como profissional para ajudar na construção da autonomia de seus alunos.

2 A construção da autoridade no ambiente escolar

Todo o processo de democratização complexifica as relações sociais do ambiente que dão suporte à convivência tão necessária ao progresso, mas não suficiente. Nesse pano de fundo surge o que podemos chamar de “crise da autoridade”. A escola constituída nesse processo tem se confrontado diariamente com a necessidade de resignificação de seus papéis, suas funções, suas práticas. O

que é necessário conservar e o que é possível transformar? Quais os novos limites e exigências de “novo” trabalho escolar?

A constituição da autoridade corre dois grandes perigos, no que tange a sua fundação o primeiro é estar sobre bases ilegítimas – autoritarismo, e o outro em seu extremo oposto, negar a autoridade em nome da igualdade – hipocrisia e ausência. Não é possível negar a assimetria existente na relação professor/aluno, entendendo o professor como conhecedor de coisa que o aluno precisa/deseja conhecer. Isso não descaracteriza a importância do professor aprender com o aluno continuamente - evocando cooperação e reciprocidade como atributos essenciais dessa relação. Os projetos de realização pessoal dos alunos não se confundem e não se resumem aos projetos docentes. Na tentativa de superar esse desencontro, é imprescindível que haja colaboração celebrando os termos do contrato que une as partes, porque pelo simples fato de os alunos proporcionarem ocasião e permissão para que o professor realize seu projeto de conhecimento, ele (o professor), continua a aprender.

De onde vem essa autoridade que proporciona ocasião e permissão para o desenvolvimento do trabalho docente? Em outras palavras, em nome do que os alunos vão se dispor, voluntariamente, a acreditar no que dizem seus professores e a fazer o que pedem? Autoridade é definida pela maioria dos dicionaristas sob a forma do direito; ter prerrogativa de; estar qualificado para; ser digno de. E ainda, forma de superioridade constituída por investidura; direito de fazer obedecer; domínio; influência; prestígio. Portanto, ficam claro dois tipos de autoridade distinta a primeira por investidura, propiciada pela hierarquização nas relações sociais – delegados, juizes, e, porque não dizer, professor e a segunda propiciada pelo prestígio e pela competência. Segundo Piaget, podemos entender esses dois tipos de autoridade a partir do tipo de respeito construído nas relações interpessoais se unilateral ou mútuo.

Piaget em “*O Juízo Moral na Criança*” (1994) estabelece um diálogo com Durkheim e Bovet, focando a discussão em um ponto conflitante: a fonte para a ação moral (para cumprir as regras) que para os dois estudiosos, encontra-se no papel exercido pela autoridade nas relações interpessoais (Bovet), ou na sociedade (Durkheim). O que intriga Piaget é que ao fortalecer o papel da autoridade como fonte da ação, a moral que será alcançada é da heteronomia, e não a da autonomia, amplamente defendida em seus estudos. Os três estudiosos consideram o

sentimento do bem e a consciência do dever como fundamentais para compreender a ação moral, mas não chegam a um consenso no que diz respeito à obrigação da consciência em agir de acordo com o sentimento do bem, uma vez que o dever não está necessariamente de acordo com o bem. E é aí em que ambos, Bovet e Durkheim, acabam por submeter o bem ao dever. O que fica claro para Piaget é que se a criança não ultrapassar a moral do dever puro, onde todo dever tem como fonte alguém superior a ela (autoridade) não desenvolverá uma moral autônoma.

Bovet introduziu um elemento central na discussão – o respeito – que inclusive acabou por influenciar os trabalhos de Piaget, quando afirma que a obrigação da consciência tem duas condições a primeira que o indivíduo receba, e segunda que respeite as fontes das ordens, porque se não houver respeito à ordem não será aceita. O respeito é fruto da coordenação entre dois sentimentos o amor e temor (medo). A obediência, portanto, acaba acontecendo ou por medo de perda do amor, ou de sofrer punições. No entendimento de Bovet para que o respeito à regra e à autoridade torne-se uma obrigação da consciência, esses dois sentimentos devem estar presentes na mesma relação. Para Piaget há apenas um tipo de respeito: o unilateral (sentido único, daquele que respeita para aquele que é respeitado). Fazendo aqui um adendo, às relações estabelecidas dentro da escola, na sua maioria, partem dos problemas de indisciplina diagnosticados pelos professores e estas acontecem porque, a base dessas relações é de obediência e não de respeito, não havendo com isso, o exercício da autoridade, mas sim, do autoritarismo.

No entendimento de Piaget (1994), a moral é uma das fontes que, de mãos dadas com o respeito unilateral, dão origem ao dever e heteronomia¹. E o outro tipo de respeito é aquele estabelecido através da cooperação - que em oposição a coação – tem como ideal lógico a reciprocidade, possível através do respeito mútuo, originando à moral do bem e da autonomia.

A socialização permitida entre iguais, crianças na mesma faixa etária sem a presença de autoridade, são fecundas para o desenvolvimento de relações

¹ Sujeição a uma lei exterior ou à vontade de outrem; ausência de autonomia; qualidade ou estado do que é heterônomo; segundo Kant (1724-1804), sujeição da vontade humana a impulsos passionais, inclinações afetivas ou quaisquer outras determinações que não pertençam ao âmbito da legislação estabelecida pela consciência moral de maneira livre e autônoma. Dicionário Antônio Houaiss.

recíprocas, portanto, cooperativas. Ressalta-se o fato de que para Piaget o respeito mútuo é precedido psicogeneticamente pelo respeito unilateral.

(...) o elemento quase material do medo, que intervém no respeito unilateral, desaparece então progressivamente em favor do medo totalmente moral de decair aos olhos do indivíduo respeitado: a necessidade de ser respeitado equilibra, por conseguinte, a de respeitar, e a reciprocidade que resulta dessa nova relação basta para aniquilar qualquer elemento de coação (PIAGET, 1994, p.284).

Sem dúvida, o medo de decair diante dos olhos de quem se quer bem é muito diferente do medo presente na relação de coação, ele é característico do sujeito autônomo, que regula suas relações na reciprocidade e na consideração pelas outras pessoas.

3 Valores e regras sociais no comportamento escolar

Como se vem discutindo neste capítulo a educação é um processo de humanização em que seres se organizam intencionalmente e apropriando dos avanços civilizatórios em benefício próprios e da coletividade. A disciplina, enquanto ordem consentida livremente torna-se imprescindível para o funcionamento regular das organizações sociais, especialmente na escola, dada sua função educativa.

Historicamente os seres humanos desenvolveram um modelo de vida individualista, no qual os interesses particulares sobrepõem-se aos coletivos e os de dominação aos de emancipação. Assim, a disciplina funciona como um instrumento de autoritarismo, de imposição, subordinação, de castigo, tortura, impedindo o desenvolvimento dos outros.

A escola é uma instituição autoritária, em detrimento do autoritarismo vigente nas relações sociais, entretanto vivencia como negação e alteração desse mesmo autoritarismo existente, ela constitui atitudes que abordaram a disciplina². A disciplina imposta e a não disciplina constituem preocupação, dúvidas e incertezas nos professores e alunos.

² O conceito de disciplina se refere ao regime de ordem imposta ou mesmo consentida; ordem que convém ao bom funcionamento de uma organização; relações de subordinação do aluno ao mestre; submissão a um regulamento. Dicionário Antônio Houaiss

No ambiente escolar, o grande foco de crítica e da atribuição da responsabilidade pelos problemas indisciplinados recai sobre o aluno e sua família. Geralmente desestruturada, desorientada, com hierarquia de valores invertidos, transfere para a escola suas funções e não realiza a iniciação civilizatória, estabelecendo limites e desenvolvendo hábitos básicos. Nesse contexto, o professor sente-se confuso com ele mesmo, com a escola e com a sociedade, cuja relação mudou, profundamente, com o crescimento do senso crítico dos educadores.

No entendimento de Estrela (2002) cada escola, cada sala de aula pode ver-se como um espaço histórico pedagógico e arqueológico, em que a sedimentação de uma camada possibilita a constituição de outras que a encobrem, mas que um olhar atento pode descobrir.

Nesta mesma ótica, Vasconcelos (2000) informa que a crise da disciplina na escola e na sala de aula está associada à queda do mito da ascensão social obtida através da escola, e que por muito tempo mostrou os alunos a ser alguém na vida, uma vez que nunca foi considerada como um espaço prazeroso. O mesmo autor ainda argumenta que disciplina é atenção, interesse e participação. Disciplina em sala de aula implica na ação coerente com o regulamento estabelecido na entidade de ensino, tanto por parte do corpo discente, quanto do corpo docente. Implica em uma significativa harmonia no desenvolvimento determinado como meta pela instituição de ensino.

A problemática disciplinar não pode ser solucionada fora dos parâmetros sentido e limite. A sociedade diante da desorientação geral deseja superar o velho, mas desconhece o novo, com crises de racionalidade, de projetos sociais, de utopias, do sentido de viver, de autoridade em nível mundial, de mudança no sistema de valores. Assim sendo, a tarefa escolar não é fácil, sobretudo depois da fase inicial, onde os partícipes precisam reconhecer algum sentido. Segundo Vasconcelos (2000) “A função da escola é a formação do homem novo e da nova sociedade. Este homem novo deve ter a capacidade de autodeterminação; toda a ação do professor, da escola, da família e da sociedade deveria ajudar a formar este autogoverno”. (p.25)

Na verdade, tanto o professor quanto a escola e a família estão com seus autogovernos indefinidos, o que termina desorientando o aluno. A crise consentida é motivada pela classe dominante que almeja a disseminação da permissividade em relação ao consumismo de bens supérfluos. A criança e o jovem atual obedecem

primeiramente ao mercado materializado nas marcas e grifes da moda, pois quem não ostenta os símbolos de consumo é marginalizado pelo grupo.

Um reforço importante nesta discussão está presente no pensamento de Alves (2004) onde ele afirma

Liberdade é poder fazer aquilo que a gente quer muito mesmo. (...) E há homens e mulheres, centenas, milhares, que passam a vida inteira sem fazer o seu desejo mais profundo, sabem fazer a vontade dos outros. Eles não aprenderam à liberdade. Foram domesticados. (p.49)

No cotidiano, os professores percebem que os questionamentos acerca da disciplina são fortes e geralmente optam em impor uma disciplina a qualquer custo, utilizando instrumento de coerção como penalidades, especificamente quanto à nota, ou ignoram esta problemática, negando sua missão de educador.

Segundo Luna (1991) “A indisciplina parece ser mais freqüentemente gerada em duas situações como último recurso contra a autoridade autoritária ou autoritarismo do professor ou como expressão de sua falta de autoridade”. (p.69) assim sendo a ação educacional e a relação professor aluno é construída e reconstruída continuamente como as interações sociais. Contudo, a relação pedagógica está na vontade humana, sendo esta fundamental para a construção da relação educacional.

Muitos educadores entendem a educação como repressão, outros acreditam que o ato educacional tem como ponto de partida a liberdade total. É importante que as necessidades e capacidades dos seres humanos sejam respeitadas, para que eles consigam desenvolver sua autonomia e, ao mesmo tempo, saibam compartilhar suas vidas com profundidade. Isso é atingido quando há uma evolução saudável do ser.

Foucault (1994) “concebe a disciplina como métodos que tem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante e suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade”. (p.27). É salutar que os professores respeitem os alunos, considerando as circunstâncias em que eles se encontram, pois o ser humano, a exemplo do mundo, é cheio de particularidades. Somente quando se sabe ver e apreciar as diferenças é possível verdadeiramente encontrar o outro.

O trabalho com a família se torna necessário por conta das transformações sociais, as relações entre escola e família têm se modificado. Hoje, a família critica a escola e transfere suas responsabilidades educacionais, enquanto os alunos se apresentam na escola desprovidos dos limites supostamente trabalhados pela família, estimula a postura autoritária da escola, que espera da família participação na formação do aluno.

Assim sendo a escola tem uma importante função a de conscientizar os pais da necessidade do exercício disciplinar dos filhos na ambiente familiar na tentativa de amenizar os atos de indisciplina na escola. Em função deste trabalho, a prática das reuniões de pais deve ser mais formativa, independente do número de partícipes para atender as necessidades emergentes. Na realidade, uma forma mais eficaz de atingir a família é através dos filhos, cabendo à escola o cuidado de avaliar os problemas dos alunos que decorrem da família ou da própria instituição. Agindo assim, o aluno terá sempre argumento para auxiliar os pais a compreenderem a proposta escolar.

A família é a instituição primeira com a qual o ser se depara ao nascer e da qual recebe as informações que o formarão quanto a sua concepção do mundo e suas relações com ele e com todo o seu universo.

Rego (1996), tomando como base os estudos de Vygotsky acredita que a educação recebida na família, na escola e na sociedade de um modo geral, influencia na construção dos sujeitos. A escola representa o elemento imprescindível para realização dos indivíduos que vivem numa sociedade letrada e nesta são desafiados a entender as bases dos sistemas de concepções psíquicas para obter a consciência de seus processos mentais. Dessa forma, o comportamento individual mais ou menos indisciplinado dependerá das experiências de sua história educativa, a qual estará relacionada com as características do grupo social e da época vivenciada.

Alguns educadores atribuem o comportamento indisciplinado do aluno, exclusivamente à educação familiar, isentando assim a escola e seus mecanismos excludentes. Outros acreditam que a indisciplina no cotidiano escolar está relacionada aos traços da personalidade, atribuindo a responsabilidade ao aluno, por tratar de uma concepção de desenvolvimento inatista, ou seja, os traços comportamentais são definidos desde o nascimento, por isso não são modificados.

Para Rego (1996)

As características individuais não são inatas, ou seja, ninguém nasce indisciplinado e que embora a psicologia contemporânea suporte variados enfoques teóricos e métodos investigativos sobre a questão, tende a admitir que as características de cada indivíduo não são dadas a priori, nem tão pouco, determinadas, pelas pressões sociais. Estas características formam-se a partir das interações individuais, com o meio, compreendido como contexto físico e social, que envolve as dimensões interpessoal e cultural. O comportamento indisciplinado resulta de influências múltiplas que recaem sobre o indivíduo no processo de seu desenvolvimento. (p.96).

Sabe-se que as características de cada indivíduo podem sofrer modificações a partir do contexto em que estes está inserido e que a família enquanto principal instituição de socialização exerce forte influência no comportamento da criança do adolescente. A atitude dos pais e suas práticas educativas interferem no desenvolvimento individual e no coletivo fazendo com que estes adquiram mecanismos de convivência harmoniosa e desempenhem tarefas que de alguma forma favoreçam o bom andamento de qualquer atividade que venham a desempenhar.

Moreno e Cubero (1995) identificaram três estilos de práticas educacionais paternas, predominantemente na maioria das famílias e suas influências no comportamento da criança: pais autoritários são aqueles que além de serem poucos comunicativos e afetuosos, são rígidos, controladores restritivos quanto ao nível de exigência de seus filhos. As condutas são avaliadas a partir de rigorosos padrões pré-estabelecidos, valorizando a obediência às normas e regras por eles definidas. Já os pais permissivos, valorizam o diálogo e o afeto. Apresentam grande dificuldade de exercer controle sobre a criança. São tolerantes e indulgentes em relação aos desejos, atitudes e impulsos infantis, não exigem responsabilidades de seus filhos. Os pais democráticos conseguem equilibrar a necessidade de controlar e dirigir as ações infantis, de exigir amadurecimento independência e o respeito às necessidades, capacidades e sentimentos de seus filhos. São comunicativos, afetuosos e estimulam as crianças a expressarem suas opiniões quanto aos aspectos que os afetam sem comprometer o estabelecimento de regras

e limites para o exercício disciplinar firme. Cada estilo paternal acarreta conseqüências no comportamento das crianças. As submetidas a uma educação familiar autoritária manifestam obediência e organização, entretanto maior timidez, apreensão, baixa autonomia e baixa auto-estima. As que possuem pais permissivos, apesar de alegres e dispostos, apresentam comportamento impulsivo, imaturo, além de dificuldade em assumir responsabilidades. Os que recebem educação democrática apresentam significativo autocontrole, boa auto-estima, capacidade de iniciativa, autonomia, facilidade nos relacionamentos e demonstram interiorização dos valores morais difundidos na família. São capazes de assumir determinadas posturas pelos seus valores intrínsecos e não por temor às sanções externas (p. 190).

A criança e o jovem durante o processo de desenvolvimento apresentam traços que não dependerão exclusivamente das experiências vivenciadas no interior da família, mas também das aprendizagens nos diferentes contextos socializadores, como por exemplo, a escola. A relação entre professores e alunos baseada no controle excessivo, na ameaça, na punição ou na tolerância permissiva provoca reações e uma dinâmica diferente da inspirada nos princípios democráticos.

Rego (1996) ao interpretar as idéias de Vygotsky sugere duas importantes implicações quanto à valorização da escola e do educador na formação do aluno:

A primeira reconhece que a escola não deve se eximir de sua tarefa educativa no que se refere à disciplina. Se uma das metas da escola, é que os alunos aprendam a ser solidários, cooperativos e tenham respeito aos colegas e professores, a prática escolar deve garantir as condições para que as crianças não somente conheçam estas variáveis, mas construam e interiorizem estes valores e assim desenvolvam mecanismos de controle regulares de sua conduta. A segunda sugere que a indisciplina em determinada prática, suas causas, assim como as possíveis soluções para este fenômeno, devam ser buscadas também nos fatores intra-escolares. (p.99).

Em outras palavras, mais do que esperar a transformação das famílias ou de lamentar os traços comportamentais que cada aluno apresenta ao ingressar na escola, é necessário que os educadores concebam estes antecedentes como ponto de partida e, principalmente, façam uma análise aprofundada e conseqüente dos

fatores responsáveis pela ocorrência da indisciplina na sala de aula. O aluno ao entrar na escola está imerso de um desafio para integrar normas e regras obtidas em casa, rompendo assim o vínculo do mundo materno.

Para reforçar as idéias de Rego vale recortar o que pensa Campebell (1990), a respeito desta discussão.

Na pré-adolescência e adolescência, esta ruptura é ainda mais dramática; trata-se agora do “caminho de herói”[...] a estrutura e, algo do sentido espiritual desta aventura, já podem ser detectados na puberdade, como nos rituais de iniciação das primitivas sociedades tribais, por meio dos quais uma criança é compelida a desistir de sua infância a se tornar adulto dir-se-ia que para morrer para a sua personalidade e psique infantis e retornar como adulto responsável. E esta é uma transformação, pelo qual todo indivíduo deve passar. Na infância, vivemos sob proteção ou supervisão de alguém: entre os quatorze e os vinte um anos – e caso você se empenhe na obtenção de um título universitário, isso pode prosseguir talvez até os trinta e cinco anos -, você não é, em nenhum sentido, auto-responsável, um agente livre, mas um dependente submisso, esperando e recebendo punições e recompensas. (pp. 131-132.)

Os pais atribuem aos filhos seus desejos e fazem das crianças e adolescentes seus mensageiros. A indisciplina, a exemplo do fracasso escolar, muitas vezes decorre do desajuste familiar e de problemas de ordem afetiva, emocional e diferenças individuais.

Segundo Vasconcelos (2000) “a família pode ajudar a disciplina na escola através da prática do diálogo com filhos, a fim de conhecer sua dinâmica de vida, construindo uma postura crítica, com reflexão sobre o sentido da vida, com competência e solidariedade” (p.101).

O problema da indisciplina não deve ser encarado como alheio à família nem tampouco à escola, já que, na nossa sociedade, elas são as principais agências educativas.

Ao longo deste capítulo, foram discutidos aspectos referentes aos valores e regras no comportamento escolar, assim como, questões ligadas à história da educação e seus desafios frente ao mundo contemporâneo. Procurou também, ressaltar a função da família no tocante a indisciplina e ao fracasso escolar.

4 A indisciplina escolar e a relação professor/aluno na perspectiva institucional

Uma instituição se configura a partir das relações que legitimam as ações sociais realizadas no cotidiano. Assim sendo, se pode configurar a escola como uma instituição intrínseca a sociedade.

Segundo a abordagem institucional exposta em Aquino (1998), a escola não é tão somente reprodutora de características externas a ela, mas também gera formas de relações que lhe são específicas. Certamente, a rede de relações que se constitui não é somente definida pela escola, mas pelas diferentes instituições na qual o ser social está envolvido.

Vários autores pontuam que as causas da indisciplina escolar residem tanto na organização da escola, quanto nas relações interpessoais. Aquino (1996) defende que a escola não está preparada para trabalhar com os alunos que recebe e, aponta que a escola recebe sujeitos não homogêneos, provenientes de diferentes classes sociais, com diferentes histórias de vida e com uma “bagagem” que, muitas vezes é negada pela escola. Sabe-se o quanto é difícil encontrar escola onde se valoriza a cultura do alunado. Os professores se defendem afirmando que a escola não oferece condições, haja vista o número de alunos por sala de aula e a falta de recursos didáticos apropriados.

Outro aspecto ressaltado por Aquino (1998) é o da abordagem psicologizante, que aponta os casos de indisciplina como consequência de “falhas” do indivíduo em sua personalidade ou até de identidade. Porém, este autor alerta que todo indivíduo é aquilo que ele faz ou o papel que desempenha enquanto membro de um grupo, em sua definição. O sujeito passa a ser definido e conhecido pelo lugar institucional que ocupa. Portanto, como todos são sujeitos institucionalizados é compreensível e inegável a importância de se estudar um problema a partir de uma abordagem que analisa a instituição e suas ações vivenciadas.

Necessariamente, a indisciplina escolar deve ter, dentre seus diferentes enfoques, o da perspectiva institucional e partindo desta é necessário que se analise as relações dominantes no contexto escolar, em particular, na relação professor-aluno.

A escola, segundo Guimarães (1996, p. 78), “está planejada para que as pessoas sejam todas iguais” e desta forma, seria mais fácil controlar os espaços, os alunos e os funcionários para um regime disciplinador que levaria à submissão do que se travar uma luta consciente da necessidade do entendimento desta diversidade de pessoas presentes na escola. Porém, os fatos que estão presentes no cotidiano da escola nos apontam para outro aspecto, a resistência a este controle e dominação institucional, pois, a partir do momento em que a escola despreza esta heterogeneidade, concretizada nas diferenças, desperta nos alunos a força da resistência a tudo aquilo que for imposto como normas ou regras e se cristaliza na indisciplina levando os espaços da escola a uma constante tensão entre forças antagônicas.

Guirado (1996) discute o conceito de indisciplina relacionado ao poder da instituição e aponta o modo de controle das escolas, ressaltando que o poder de dominação é ambíguo, pois ao mesmo tempo em que controla através da repressão, “incita as práticas que se quer eliminar ou combater” (p. 58). Assim sendo, se pode entender que o poder é usado para controlar e reprimir, legitimado pelo seu uso e, conseqüentemente, cria forças de resistência e assim, apresenta uma dimensão negativa, em que a tensão entre as forças envolvidas é constante. Todavia, a escola faz uso deste poder repressivo através da privação da liberdade, do domínio de “seu próprio tempo, seu fazer, seu lazer” (p. 62). Vê-se que as escolas, muitas vezes, utilizam alguns procedimentos de controle, visando à ordem a vigilância e a sanção normatizadora.

Neste contexto, a avaliação formal ou mesmo a informal pode ser concebida como sanção normatizadora do poder, pois, a classificação do sujeito se dá pelo seu comportamento perante o grupo (sob a perspectiva do professor) e é feita sua rotulação na classe, como sendo o aluno mais ou menos indisciplinado. Dessa forma assegura-se um alto grau de dominação quando da elaboração e aplicação da prova escrita chegando a afirmar que determinados alunos jamais obterão uma nota suficiente para ser aprovado, em outras palavras, o aluno considerado como indisciplinado dificilmente consegue ter sucesso no final do ano e este fato colabora sensivelmente para a estatística do fracasso escolar seja ele por reprovação ou pela evasão escolar.

Nesta discussão, Aquino (2001) aponta a fragilidade do professor em lidar com essa realidade heterogênea e tão diversificada, demonstrando estar

perdido nesse processo tão complexo que se formou que necessita de uma teia de proteção por considera-se abandonado, sozinho e sendo responsabilizado por diversos problemas encontrados na escola.

Esta dificuldade de ação do professor hoje aponta, mais uma vez, para o fato de que, a escola está recebendo indivíduos, possivelmente, desprovidos daquele perfil previamente estabelecido nas relações historicamente reconhecidas como homogêneas. A escola ainda insiste em querer uniformizar comportamentos e os professores se sentem saudosos daquele respeito originado do medo. É fácil perceber que há um choque entre o que era esperado pelos professores em relação aos alunos e o que se encontra hoje. Os códigos de respeito, obediência, submissão já estão superados e não valem mais para basear, pautar a realidade escolar, nem as relações presentes na escola.

Aquino (1996) salienta o uso que se faz da religião, acreditando-se na redenção dos alunos através de orações ou de frases religiosas moralizantes. Nesses casos, o desenvolvimento moral estaria sendo buscado pelo uso de palavras sejam elas orações, frases ou sermões utilizados pelos professores; contrariando o que Piaget (1994) aponta como forma de educar moralmente, pelas ações e não com palavras.

Quando se acredita que o desenvolvimento moral é responsabilidade exclusiva da família ou da religião, não oferece a escola espaços para este trabalho que também é de sua responsabilidade. Porém, quando se acredita que o desenvolvimento moral se dá nas relações de cooperação, nas discussões coletivas e na solidariedade, então, o papel da escola e do professor é vital para proporcionar um ambiente cooperativo, solidário e justo. No entanto, este papel da escola normatizador, não deve ser entendido como sendo o objetivo principal da instituição, deixando em segundo plano o desenvolvimento integral, o cognitivo e os conhecimentos científicos.

Entretanto, a solução pode estar na forma como se dá a relação professor/aluno, ou seja, nos vínculos que se estabelecem nas relações cotidianas para que a tarefa central de reposição e recriação do legado cultural aconteça. Outra alternativa está centrada no desenvolvimento de um trabalho fundado no resgate da moralidade discente, através da relação com o conhecimento. Dessa forma, não pode ser compreendida como simplesmente banir a educação moral das escolas. Pode-se entender que sua proposta é a de que essa educação moral

tenha vínculo com os conteúdos desenvolvidos através da forma de trabalho adotada e que não deve ser uma educação moralizante em que a hegemonia dos comportamentos é o objetivo, mas que a relação professor/aluno possa ser um dos focos no trabalho disciplinares e que os princípios como: o respeito mútuo, a cooperação e a solidariedade estejam presentes, sem que a escola deixe de lado seu papel de espaço de construção do conhecimento.

Guimarães (1996) concorda com Aquino sobre a questão das normas e atitudes, sustentando que o professor considera que sua posição normatizadora será suficiente para apaziguar os atos indisciplinados e sugere aos professores alternativa de deixar de “ocupar” o lugar de normatizador para que os alunos possam “viver com mais intensidade a misteriosa relação que une o lugar- escola e o nós-alunos”. (p.79).

Desta forma, a autora defende a necessidade de espaço, para que o aluno se manifeste; de oportunidade, para que ele estabeleça trocas; de situações, em que através da convivência em grupo ele possa construir e estabelecer relações. Neste contexto, o professor deverá ser somente o mediador e não unicamente o orientador e direcionador de comportamentos, atitudes, ou seja, um “ditador” de padrões.

São diversos fatores que contribuem com a indisciplina no ambiente escolar entre eles se configura a relação professor/aluno, por estar interligada no processo ensino aprendizagem, conseqüentemente indicando a necessidade de encontrar alternativas que venham favorecer o bom andamento das ações desempenhadas na escola.

Originalmente, esta já é uma relação de produção de uma violência porque os papéis institucionais de professor e aluno já estão definidos e revelam uma diferença, no mínimo conceitual, de lugares quanto ao domínio do saber. Assim, também, a relação professor-aluno como resultado da importação de efeitos de violência que lhe são externos institui-os e dá certo olhar mais “produtivo” sobre o cotidiano escolar contemporâneo Aquino (1998, p.13).

Em suma, do ponto de vista institucional, todo exercício de autoridade é violento e essa violência é pré-determinada pela relação assimétrica; porém, essa violência é considerada produtiva na medida em que toda intervenção institucional objetiva a transformação de determinada matéria

apropriada pelo objeto. No caso da escola, pelo conhecimento gerado na ação pedagógica.

De acordo com Aquino (1999, p.140), a relação de ensino é “uma das mais difíceis a ser executada em nossa sociedade”, por ser, a priori, uma relação simétrica em que ao educador cabe o ensinar e lhe dá “licença ao exercício de um domínio que é muito fácil de consagrar por meio de instituições hierárquicas e coercitivas”. Porém, essa relação também é assimétrica por haver a possibilidade de aprender por parte daquele que ensina o professor. Essa relação, portanto, se caracteriza pela colaboração entre professor e aluno.

É evidente que a idéia a ser defendida neste caso é a de que há necessidade, também, de um trabalho pautado na reciprocidade e, conseqüentemente, na cooperação porque o professor, além de ser um educador, é um aprendiz.

Não há, neste sentido, lugares fixos a serem ocupados como aprendiz e mestre, mas um meio propício para o desenvolvimento de uma relação recíproca: o conhecimento.

No entanto, mesmo que o aluno e o professor sejam parceiros no fazer pedagógico, é necessário preservarmos a distinção de papéis entre aluno e professor; ou seja, embora o professor possa aprender com seus alunos, o dever de ensinar continua sendo o do professor como é, o do aluno, de aprender, pois este é o objetivo da procura à educação escolar.

Aquino (1998 p.17) defende a idéia de que o professor é o responsável em apresentar o mundo ao seu aluno, contribuindo para preservar o patrimônio cultural, instruindo seus alunos quanto aos conhecimentos acumulados e, contribuindo para a transformação das novas gerações.

É na sala de aula, neste ambiente privilegiado de relações pessoais entre os mais diferentes atores, que o trabalho pautado na reciprocidade deve ser implantado e respeitado. Para a eficácia das ações baseadas neste princípio (o da reciprocidade) é necessário, segundo Aquino (1999, p.149), que algumas questões sejam consideradas no cotidiano escolar, por alunos, por funcionários, por pais e, principalmente, por professores.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA DESENVOLVIDA NA INVESTIGAÇÃO

“A grandeza não consiste em receber honras mas em merecê-las”.

Aristóteles

1 Um enfoque qualitativo

A definição da metodologia no estudo se caracteriza como um elemento essencial, ou melhor, indispensável ao desenvolvimento de um trabalho científico. Este é o espaço reservado para definir os procedimentos metodológicos “o como” e os instrumentos técnicos “com quê” o pesquisador vai desenvolver sua pesquisa de campo.

No caso específico desse estudo científico foi utilizado uma abordagem qualitativa, por se tratar de uma pesquisa que explora a realidade educacional, seus embates e suas idéias, numa perspectiva teórica e prática, na tentativa de um entendimento mais completo sobre a problemática que circunda a indisciplina no ambiente escolar. A escolha do método qualitativo tem uma razão importante que é explicada por Bogdan e Biklen (1994, p. 19).

Ainda que a investigação qualitativa no campo da educação só recentemente tenha sido reconhecida, possui uma longa e rica tradição. As características desta herança auxiliam os investigadores qualitativos em educação a compreender a sua metodologia em contexto histórico.

Do ponto de vista histórico, o teórico Triviños (1987) também concorda que o método qualitativo ainda é sistematicamente jovem, pois tem seu marco inicial nos países da América Latina, na década de 70, e este interesse tornou-se crescente, mesmo porque este já era largamente utilizado, faltando apenas ser sistematizado. O ensino sempre priorizou o trato claro da sua tendência a uma análise mais profunda de cunho qualitativo na sua realidade.

2 Um estudo descritivo

Uma boa parte dos estudos realizados sobre educação tem enfoque descritivo, uma vez que, o objetivo maior destes é conhecer a realidade educacional. Para Martins e Bicudo (1989) a descrição tem como “(...) mérito principal não a exatidão ou o relato dos pormenores do objeto descrito, mas a capacidade de criar

para o ouvinte (ou para o leitor), uma reprodução tão clara, quanto possível do mesmo" (p. 46). E como as descrições dos fenômenos estão impregnadas dos significados que o ambiente lhes outorga e são produtos de uma visão subjetiva, rejeita toda expressão quantitativa. Desta maneira, a interpretação dos resultados surge como a totalidade de uma especulação que tem como base a percepção de um fenômeno num contexto.

Segundo Cervo e Bervian (1996) a pesquisa descritiva "(...) observa, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos [variáveis] sem manipulá-las" (p. 49). É pretensão desse estudo descrever, interpretar e analisar as verbalizações dos professores.

3 Problema e objetivos

Na realidade, a indisciplina na escola é um fenômeno da sociedade, do sistema de ensino assim como, a manutenção da disciplina sempre foi uma preocupação de todas as épocas, no entanto, é salutar distinguir a indisciplina escolar de outras formas de violência que ocorre fora dos muros da escola e que podem levar ao comprometimento da vida dos envolvidos nos conflitos.

Assim sendo, o problema em questão se refere à compreensão e o entendimento de **como são vistos, pelos professores, os atos de indisciplina no ambiente escolar de ensino fundamental**. Nesse contexto, discute-se a relação professor/aluno numa perspectiva que se configura como sendo sujeitos históricos/social, providos de mudanças profundas registradas nos últimos tempos e as conseqüências dessas transformações deslumbra um cenário complexo, diante da diversidade de situações enfrentadas no cotidiano escolar, sem perder de vista o desafio da escola atual, em cumprir com o seu papel de educar a todos respeitando a heterogeneidade presente no ambiente escolar.

Segundo Estrela (2002)

Não basta que a escola assegure a transmissão do saber, mas ela própria deve incentivar a recriação-criação do saber. O papel do professor deixa de ser essencialmente o de transmissor para se tornar o organizador da aprendizagem e o estimulador do desenvolvimento cognitivo e socioafectivo do aluno. (p. 39)

Nessa perspectiva se define como objetivo geral dessa investigação.
Analisar os olhares dos professores face à indisciplina no ambiente escolar de uma escola pública do ensino fundamental.

Para responder ao objetivo geral desse estudo científico, fez-se necessário instrumentalizar os objetivos específicos, vistos estes, como eixos condutores para chegar à luz do ponto de partida. Assim sendo, foi contemplado:

- Relacionar o contexto da indisciplina na escola com o referencial teórico estudado.
- Detectar as opiniões dos professores sobre as causas dos atos de indisciplina e os modos de agir.
- Propor alternativas que reduzam os atos indisciplinados no ambiente escolar

A partir dessas e outras questões explicitadas, decidiu-se utilizar uma metodologia de caráter qualitativo¹ apoiada na entrevista semi-estruturada com o propósito de contribuir significativamente para a problemática em questão.

4 Caracterização do universo da pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma unidade escolar pertencente à rede estadual de ensino e está localizada na zona sul da capital Aracaju, cujo Estado é Sergipe o menor da federação, pertencente à região nordeste do Brasil. Administrada por um diretor, duas coordenadoras e uma secretária, que cuida dos documentos, sendo que todos os cargos são de escolha política. Possui um número grande de alunos matriculados 1.390, assim distribuídos: 498 alunos no turno da manhã onde funciona somente de 1ª a 4ª série do ensino fundamental; 521 alunos no turno vespertino, assim distribuídos: 06 turmas de 5ª série, 05 turmas de 6ª série, 04 turmas de 7ª série, 03 turmas de 8ª série e 371 no turno noturno, que funciona com ensino regular de 1ª a 8ª série e EJAEM (Educação de Jovens e Adultos do Ensino Médio).

¹ A metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos em profundidade, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamentos etc. Lakatos (2006, p. 269).

Possui um corpo docente de 68 professores distribuídos nos três turnos, o turno vespertino, foco desta pesquisa, possui 30 professores atuando em sala de aula e uma estrutura física razoavelmente conservada, as salas são amplas, mas, muito quente e não possui sistema de ventiladores nem ar condicionado.

Serve merenda escolar nos três turnos e muito bem apreciada pelos alunos principalmente no turno matutino e noturno no segundo caso muitos alunos vêm do trabalho direto para a escola.

5 Sujeitos da pesquisa

Os sujeitos desta pesquisa estão centrados no turno vespertino e a preferência por este turno tem algumas razões entre elas: é neste horário que funciona de 5^a a 8^a série, concentra-se o maior número de adolescentes e foi citado como o turno que apresenta o maior número de reclamações de atos indisciplinados no ambiente escolar.

O turno vespertino conta com um total de 30 professores e, deste universo, 14 foram os que se colocaram a disposição como sujeitos da pesquisa: 02 professores de História, 01 de Sociedade e Cultura, 02 de Português, 01 de Educação Física, 02 de Geografia, 02 de Matemática, 01 de Ciências, 01 de Arte, 01 de Inglês e 01 de Redação. Os mesmos foram aceitos e em seguida foi discutido o cronograma de execução das entrevistas.

6 Estratégia de Pesquisa: Estudo de caso

O delineamento de pesquisa utilizado foi o estudo de caso cuja principal preocupação é a interação entre fatores, tendo como objetivo central compreender o evento em estudo e ao mesmo tempo desenvolver teorias mais genéricas a respeito dos aspectos característicos do fenômeno observado.

É preciso ressaltar que o fenômeno não pode estar isolado de seu contexto (como nas pesquisas de laboratório), já que o interesse do pesquisador é justamente relacionar o fenômeno e seu contexto.

Em geral, estudos de casos se constituem na estratégia preferida quando o "como" e/ou o "por que" são as perguntas centrais, tendo o investigador um pequeno controle sobre os eventos, e quando o enfoque está em um fenômeno contemporâneo dentro de algum contexto de vida real.

Este tipo de estratégia pode contribuir para aumentar o entendimento de fenômenos sociais complexos, permitindo uma investigação das características significantes de eventos vivenciados.

7 Instrumentos metodológicos utilizados no trabalho de campo

O termo trabalho de campo pode se referir a aquele que vai em busca de melhorar sua terra, mas também está ligado aos estudos metodológicos qualitativos, em que o pesquisador passa a ter uma importante convivência com seus pesquisados. No caso da educação, o pesquisador passa a se aproximar dos sujeitos da pesquisa, normalmente, nos momentos necessários ao desenvolvimento de algo referente ao foco do estudo.

7.1 Entrevista

O instrumento principal desse estudo foi a entrevista com educadores cujo objetivo foi colher informações pertinentes para o entendimento da problemática da indisciplina no ambiente escolar "(...) favorecendo assim, a exploração em profundidade de seus saberes, bem como de suas representações, de suas crenças e valores (...)" (LAVILLE & DIONE, 1999, p. 182).

Desta forma, no dia 1º de agosto de 2006, apresentei-me a direção da escola, selecionada para trabalhar esta pesquisa, a fim de colher as entrevistas necessárias.

Expliquei a diretora os motivos que me levavam a estar ali e, de imediato, fui encaminhada a sala dos professores onde, mais uma vez expliquei sobre este trabalho e a necessidade de colaboradores para participar das entrevistas. Dos 15 professores presentes apenas 08, naquele momento, demonstraram interesse, apesar de ter deixado claro que não havia disciplinas específicas, podendo todos

participar. Combinamos que seria feito um cronograma para a efetivação das entrevistas, levando em consideração a disponibilidade de tempo de cada entrevistado.

No dia seguinte, 02 de agosto de 2006, retornei a escola, optando pelo horário de recreio a fim de encontrar um maior número de educadores, e apresentei, novamente, a importância do meu trabalho e a necessidade de colaboradores. Dos 12 professores presentes apenas 06 se prontificaram a contribuir. Assim, feitas as devidas anotações, agendamos outro momento para apresentação do cronograma das entrevistas.

Estas foram realizadas nos meses de agosto, setembro e outubro do ano de 2006 e a média de duração das sessões ficou em torno de 40 minutos. Houve apenas uma sessão mais longa que durou 1 hora.

As entrevistas seguiram um cronograma (Apêndice C) e foram realizadas na própria escola, durante o início ou término das aulas, no intervalo ou no recreio: sempre a critério dos entrevistados.

Diante da possibilidade de exposição das informações, tendo em vista tratar-se de um trabalho científico, os entrevistados só concordaram em colaborar se usassem nomes fictícios, mesmo tendo deixado claro o respeito pelas informações e transcrição fiel das verbalizações.

Sugeri nomes de flores e todos concordaram. Assim, passaram a ser denominados: Rosa, Hortência, Dália, Cravo, Violeta, Jasmim, Crisântemo, Lírio, Rosa amarela, Suspiro, Antúrio, Berduelga, Cactos e Sorriso. Resolvido este problema, passamos a caracterização do perfil de cada um (Apêndice B).

Rosa, 44 anos, Licenciada em Geografia, com pós-graduação em Meio Ambiente e 26 anos de magistério. Trabalhando, atualmente, apenas naquela escola.

Hortência, 40 anos, professora de Sociedade e Cultura, uma disciplina pertencente à parte diversificada do quadro curricular do ensino fundamental do Estado de Sergipe, com especialização em Identidade Cultural e com 18 anos de magistério. Lecionando, também, na rede municipal de ensino.

Dália, 42 anos, professora de Ciências com especialização em Educação Ambiental e 14 anos de magistério na rede estadual. Também leciona na rede privada.

Cravo, 28 anos, lecionando Educação Física somente na rede estadual, com especialização em Psicopedagogia e 08 anos de magistério.

Violeta, 47 anos, professora de Português há 25 anos, com especialização em História da Arte. Leciona também na rede municipal de ensino.

Jasmim, 32 anos, professor de Geografia, com 10 anos de magistério. Pretende fazer especialização na sua área e leciona na rede municipal.

Crisântemo, 41 anos, leciona Língua Portuguesa e tem especialização em Literatura brasileira, com 16 anos de magistério e atuando também na rede privada.

Lírio, 34 anos, professor de História com especialização em Educação e Patrimônio Público. Leciona há 14 anos e também tem vínculo na rede municipal.

Rosa amarela, 40 anos, leciona Inglês há 22 anos e tem especialização em Metodologia do Ensino da Língua inglesa. Leciona também em cursos de Inglês.

Suspiro, 39 anos, professora de Matemática com especialização em Educação Matemática. Tem 07 de magistério e não trabalha em outras instituições.

Antúrio, 37 anos, licenciado em Matemática, com 16 anos de magistério e leciona também na rede privada.

Berduelga, 29 anos, leciona Redação há 05 anos, com Pós-graduação em Literatura Brasileira e não trabalha em outra instituição.

Cactos, 48 anos, professor da disciplina Arte com especialização em Arte e Comunicação. Leciona há 26 anos e também atua na rede privada.

Sorriso, 25 anos, licenciada em História e pós-graduada em Cultura Sergipana. Leciona há 02 anos a disciplina História e também trabalha em escola privada.

Nas entrevistas, procurei usar algumas perguntas norteadoras para que o entrevistado pudesse expressar-se livremente. Este tipo de entrevista se caracteriza por semi estruturada.

(...) na qual o entrevistador apóia-se em um ou vários temas e talvez em algumas perguntas iniciais previstas antecipadamente, para improvisar em seguida suas outras perguntas em função de suas intenções e das respostas obtidas de seu interlocutor (LAKATOS; MARCONI, 2006, p. 190).

A coleta das informações junto aos professores se deu através de entrevistas individuais realizadas segundo um roteiro padronizado com questões abertas que envolviam a problemática da indisciplina registrada no ambiente escolar.

O guião da entrevista semi estruturada é composto de 14 questões abertas (apêndice D), onde faz uma investigação consistente, na busca por respostas que venham respaldar as formulações teóricas estudadas e os acontecimentos registrados no ambiente escolar. Também serve para garantir que algumas questões relevantes não sejam esquecidas ou desconsideradas.

Segui certo ritual comum perante os entrevistados: a cada sessão de entrevista recomeçava de onde tinham parado, formulava verbalmente as perguntas e pedia ao entrevistado que expressasse sua visão. Porém, por diversas vezes, ao formular determinada pergunta os docentes respondiam e logo surgia outra indagação, aos poucos ia enriquecendo o debate e entrelaçando a temática por diversos viés do conhecimento.

Nas entrevistas, fiz uso do gravador (após autorização dos sujeitos), a fim de que fosse preservada, com fidelidade, a fala dos entrevistados, no intuito de perceber a expressão de grande e significativa parte de suas emoções, desejos, opiniões, sentimentos e experiências.

8 Trajetória das entrevistas

A escola, seja ela pública ou privada possui seus procedimentos administrativos que regulamentam o bom andamento da instituição assim sendo, elaborei os procedimentos e objetivos a serem atingidos nesta etapa do trabalho.

O primeiro contato com a escola se deu no dia 01 de agosto de 2006, às 13 horas, onde explanei para a diretora do estabelecimento de ensino, de nome Maria José (fictício), o objetivo da pesquisa e os procedimentos adotados para a realização do trabalho. Não houve impedimento, apenas a ressalva de que não poderia retirar os professores da sala de aula.

Solicitei algumas informações sobre a escola e a diretora pediu a uma coordenadora de ensino, de nome Marta (fictício), para disponibilizar as informações e os dados necessários para a pesquisa, tanto da escola como dos professores.

Analisei total de alunos matriculados na escola e por turno; total de professores que lecionam na escola; dados pessoais e profissionais dos docentes que atuam no horário vespertino, alvo desta pesquisa e o horário geral dos professores. Às 15h30minutos deu o toque para o recreio e a diretora aproveitou o horário para apresentar a pesquisadora aos professores daquela tarde. O próximo contato se deu no dia seguinte, ou seja, no dia 02 de agosto de 2006 desta vez foi direto para a sala dos professores e aguardou a chegada deles, pois era o seu horário de descanso, se apresentou mais uma vez e solicitou a colaboração dos que não estavam no dia anterior para participar da pesquisa.

As entrevistas foram realizadas a partir do cronograma (Apêndice C) e anotadas num caderno e posteriormente transcritas para análise.

Os professores envolvidos na pesquisa, como todo ser humano, apresentaram alguns problemas, a pesquisadora necessitou de mais tempo e paciência para concluir as entrevistas. Alguns casos mereceram destaque.

Os professores denominados Rosa, Dália, Violeta e Cravo conseguiram responder as perguntas da entrevista em apenas um dia, Dália aproveitou o horário do recreio, Rosa teve um horário vago e no final os dois últimos horários ficaram disponíveis, pois faltou água e os alunos foram dispensados a pesquisadora aproveitou para concluir as entrevistas com estes professores.

No dia seguinte, a pesquisadora chegou cedo à escola pois a professora Hortência não daria aula no primeiro horário e tinha agendado para a entrevista. Neste dia a entrevistada respondeu a quase todas as perguntas ficando apenas três para uma outra seção que ocorreu no dia 21/08 no horário do recreio.

A professora Jasmim, também leciona nesta mesma escola no turno noturno e já ficava direto aguardando o próximo turno, a entrevista se realizou no dia 10/08 a partir das 17h40 minutos e teve uma duração longa, 55 minutos foi muito tranquilo e sem intervenção de outras pessoas. Houve tempo suficiente para responder a todas as perguntas e ainda conversar um pouco sobre outros assuntos da educação.

O professor denominado Crisântemo, como a maioria dos professores, tem uma carga horária bastante elevada pertence à rede privada e estadual, embora tenha feito o cronograma dentro das suas disponibilidades, no dia da entrevista ele estava dividido e assoberbado de provas e trabalhos para corrigir, marcou outra data

e nesta ele respondeu a todas as perguntas, concluindo a sua parte foi a mais longa entrevista durou exatamente 1 hora.

Vale ressaltar que o período se prolongou em virtude de alguns envolvidos na pesquisa terem pouco tempo e nas datas marcadas eles conseguiam responder apenas algumas perguntas a cada encontro, a exemplo dos professores denominados de Cactos, Lírio doente e Antúrio estes tinham o tempo muito reduzido fazendo com que necessitassem de mais uma data para a conclusão do roteiro da entrevista, isto porque aproveitava-se os intervalos de apenas 10 minutos ou o recreio que tinha 20 minutos, mas esperava terminarem de lanchar para começar o trabalho.

A professora Rosa Amarela, respondeu as perguntas em mais de uma seção, ou seja, nos dias 14/ e 24/08 aproveitando que nestes dias ela tinha horário vago. Ela foi rápida nas respostas e, cada dia teve uma duração média de 20 minutos.

As entrevistas com a professora Suspiro transcorreu dentro da normalidade, pois ela, de forma mais generosa, dedicou um pouco do seu tempo após a última aula do dia 14/08 e 19/09, para atender a pesquisadora e tiveram uma duração em torno de 45 minutos.

O professor denominado Berduelga havia agendado para uma data mais não se confirmou (por questões pessoais), dias depois procurou a pesquisadora para informar que iria acontecer uma reunião de professores no dia 16/08 às 15h30min. e que no final poderia iniciar as entrevistas. A próxima seção foi agendada e aconteceu no dia 22/09 no final de suas aulas e como faltava apenas duas perguntas, foi rápido.

A professora Sorriso é outra professora que fica na escola aguardando o próximo turno para trabalhar e aproveitou para responder a entrevista como ela ainda teria que ir lanchar nas proximidades iniciou de imediato, ou seja, às 17h30min. Comentou do contexto dos problemas que afetam o bom andamento de uma escola incluindo os atos indisciplinados, assunto da entrevista.

O professor denominado de Cactos, no primeiro contato só deu tempo responder uma pergunta agendou outras datas, mais ficou doente por alguns dias e somente quando retornou as aulas concluiu a entrevista.

Deve-se esclarecer que um dos sujeitos da pesquisa denominado Lírio apresentou um volume significativo de informações, do ponto de vista qualitativo,

mas não pode concluir todas as questões ficou doente (mais de 30 dias), quando retornou estava bastante aborrecido com o sistema, por não substituí-lo, pois teria que repor as aulas de sua ausência pediu desculpas e não respondeu as demais perguntas.

Após a conclusão da etapa de campo, iniciou-se o processo de análise preliminar onde a pesquisadora buscou significados nas verbalizações de cada sujeito, desenvolvendo uma análise interpretativa. Por interpretação entende-se:

(...) tomar uma posição própria a respeito das idéias enunciadas [...] é ler nas entrelinhas, é forçar o autor a um diálogo, explorar toda fecundidade das idéias expostas, é cotejá-las com outras, enfim é dialogar com o autor. (SEVERINO, 2000, p. 56).

Pretendeu-se buscar significados nos aspectos principais das respostas às hipóteses levantadas, clarear ao leitor os sentimentos e atitudes dos professores diante dos atos de indisciplinas que foram relatados durante o período de investigação.

As entrevistas realizadas permitiram confrontar os fatos levantados com a teoria estudada, podendo-se chegar a uma conclusão quanto às interações no ambiente escolar.

Com a leitura, análise e organização destas informações buscam-se formas de representá-los em palavras que demonstrem a regularidade e padrões dos mesmos, de maneira que permita caracterizá-los, segundo Bogdan e Biklen (1994), em famílias: “As famílias de codificação apresentadas deverão proporcionar-lhe alguns instrumentos para desenvolvimento de categorias de codificação que lhe serão úteis na classificação dos dados”. (p. 223).

A partir dos embasamentos já descritos foi possível desenvolver categorias utilizando-se da análise dos relatos. Essas famílias ou classes de verbalizações foram identificadas porque demonstraram, na análise interpretativa, aspectos similares ou aspectos que se correspondiam entre si. Segundo Bogdan e Biklen, (1994). “As categorias constituem um meio de classificar os dados descritivos que recolheu [...] de forma que o material contido num determinado tópico possa ser fisicamente apartado dos outros dados” (p. 221).

Em um mesmo momento, os dados colhidos e as categorias levantadas vêm juntarem-se às observações teóricas, através deste material foi possível fazer comparações, relações e interpretações dos conteúdos.

(...) as categorias de análises não podem ser impostas de fora para dentro, mas devem ser construídas ao longo do estudo, com base em um diálogo muito intenso com a teoria e em um transitar dessa para os dados e vice-versa. (ANDRÉ, 2004, p. 45)

Este autor demonstra a importância de atribuir os valores, as crenças, as concepções e os significados culturais aos atores pesquisados, “(...) tentando descrevê-los e compreendê-los e não encaixá-los em concepções e valores do pesquisador”. (p. 46).

Assim sendo, buscou-se compreender as interpretações dos professores sobre os atos de indisciplinas no ambiente escolar no ensino fundamental e desenvolver uma análise crítica dessas interações.

Quadro III.1 - Cronograma das Entrevistas

Nº do prof.	Nome fictício	Dia e mês	Local	Horas	Horário do prof.	Tempo gasto
-	-	01/08	-	-	-	-
-	-	02.08	-	-	-	-
01	Rosa	07/08	S. dos prof.	13h	Horário vago	40min.
02	Dália	07/08	S. dos prof.	16h	Final das aulas	30min.
03	Cravo	07/08	S. dos prof.	14h.	Horário vago	40min.
04	Violeta	07/08	S. dos prof.	16h	Final das aulas	35min.
05	Hortênci	08/08	S de vídeo	13h.	Primeiro horário	50min.
06	Jasmim	10/08	S. dos prof.	17h30min	Final das aulas	55min.
07	Crisântemo	10/08	S. de vídeo	15h30min.	Recreio	
08	Lírio	10/08	S de vídeo	13h50min	Intervalo	10min.
09	Rosa amarela	14/08	S. de vídeo	14h30min	Horário vago	20min.
10	Suspiro	14/08	S. dos prof.	17h30min	Final das aulas	25min.
11	Antúrio	16/08	S de vídeo	15h30min.	Recreio	15min.
12	Berduelga	16/08	S. dos prof.	17h30min	Final da tarde	35min.
13	Cactos	21/08	S de vídeo	13h50min	Intervalo	10min.
14	Sorriso	21/08	S. dos prof.	17h30min	Final das aulas	20min.
05	Hortênci	21/08	S. de vídeo	15h30min.	Recreio	25min.
06	Jasmim	22/08	S. dos prof.	12h40min	Antes das aulas	20min.
07	Crisântemo	22/08	S. de vídeo	16h30min.	No final da aula	1 hora
08	Lírio	24/08	S de vídeo	13h50min	Intervalo	10min.
09	Rosa amarela	24/08	S. dos prof.	14h30min	Horário vago	20min.
11	Antúrio	28/08	S de vídeo	15h30min.	Recreio	30min.
13	Cactos	30/08		13h50min		
06	Jasmim	05/09	S. dos prof.	12h40min	Antes das aulas	15min.
08	Lírio	19/09	-	13h50min	-	
10	Suspiro	19/09	S. dos prof.	17h30min	Final das aulas	25min.
12	Berduelga	22/09	S. dos prof.	17h30min	Final das aulas	15min.
13	Cactos	20/10	S de vídeo	15h30min	Recreio	30min

CAPÍTULO IV

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA INVESTIGAÇÃO

“Uma coisa sobretudo dá atração ao pensamento do homem: a inquietação. Um espírito que não seja ansioso irrita-me ou aborrece-me”.

Anatole France

1 Análise e discussão dos resultados das entrevistas

As conquistas que o povo brasileiro obteve do ponto de vista da democratização do acesso ao ensino formal continua um projeto inacabado, uma tarefa por se encerrar, uma vez que, decorridas quase três décadas da última grande reforma do ensino brasileiro, ainda não se consegue fazer valer integralmente essa proposta de democratização desencadeada. Igualmente, o grande desafio dos educadores atuais passou a ser a permanência "de fato" das crianças na escola com sucesso que, sabidamente, se consegue apenas com a qualidade do ensino ofertado.

Essa é a grande tarefa dos educadores brasileiros na atualidade: fazer com que os alunos permaneçam na escola e que progridam tanto quantitativa mente quanto qualitativamente nos estudos. Mesmo porque escolaridade mínima e obrigatória é um direito adquirido por todos aqueles nascidos neste país.

Partindo dessa realidade, constata-se a necessidade de estudar as relações educativas e seus conflitos. Parafraseando Saviani (1994), "que este estudo possa contribuir para que professores revejam suas práticas pedagógicas auxiliadas e ou provocadas" (p. 89) pelas contribuições aqui reveladas.

A discussão dos resultados da pesquisa tem como ponto de partida a reestruturação das classes de verbalizações formuladas pelos 14 professores participantes da pesquisa. Desta forma foi possível constituir conjuntos de categorias e de subcategorias a partir das semelhanças das respostas emitidas nas entrevistas.

Na busca de organizar as categorias de verbalizações, foram adotados os seguintes critérios de seleção: semelhanças nas falas; freqüências nas respostas, ou seja, a mesma categoria de resposta apresentada por vários participantes e a relevância das respostas para o tema.

A reestruturação dos resultados obtidos através das falas implicou na síntese das verbalizações, transcrições literais, busca de correlações e articulações entre as verbalizações dos diferentes sujeitos. O processo descritivo, portanto, foi alicerçado nas construções individuais e entrelaçamento das informações dos participantes da pesquisa.

Os nomes da equipe diretiva e dos professores são fictícios, uma decisão tomada entre a pesquisadora e os entrevistados para resguardar algumas questões

peçoais. Todos os depoimentos são verdadeiros e autorizados, sua transcrição, pelos sujeitos da pesquisa.

Segue abaixo, a estruturação das categorias e subcategorias todas baseadas nas respostas e nos discursos colhidos durante o processo investigatório.

Quadro IV.1 - Categorias e subcategorias dos resultados da investigação

Categoria 01 – Apreciação dos atos de indisciplina no contexto escolar		
Subcategorias	1.1	Conceituação, no olhar dos professores pesquisados, dos atos de indisciplina.
	1.2	A busca pelas causas dos conflitos que geram indisciplina.
Categoria 02 – Possibilidades de prevenção dos atos indisciplinados		
Subcategorias	2.1	As iniciativas de prevenção dos conflitos
	2.2	O Estatuto da Criança e do Adolescente instrumento protetor dos direitos da criança e do adolescente
Categoria 03 – Indicativos apontados como colaboradores dos atos de indisciplina		
Subcategorias	3.1	A pretensão de estar em evidência, um fator preponderante de atos indisciplinados.
	3.2	As transformações da sociedade afetando o comportamento dos jovens
Categoria 04 – Posicionamentos dos professores para amenizar os atos de conflitos que geram indisciplina		
Subcategorias	4.1	Adaptação, uma questão que pode fugir ao pedagógico do convívio escolar
	4.2	O novo, processo lento, difícil e gradativo para acontecer
Categoria 05 – A concretude da autoridade dos professores e da escola com alunos indisciplinados		
Subcategorias	5.1	A questão da afetividade na relação professor-aluno
	5.2	A postura dos professores e o posicionamento da escola diante dos atos de indisciplina
	5.3	Apreciação do professor diante das angústias e insatisfações da profissão que escolheu
Categoria 06 – Perspectivas de mudança no desempenho final dos alunos diante dos atos indisciplinados		
Subcategorias	6.1	O descompasso nos atos indisciplinados frente ao rendimento escolar.
	6.2	Atitudes dos professores diante dos atos considerados indisciplinados.
Categoria 07 – Nível de aprendizagem X atos indisciplinados uma relação complexa no contexto das punições educativas		
Subcategorias	7.1	Os meios de punição, por parte dos professores, diante dos atos repetitivos de indisciplina.
Categoria 08 – Expectativas dos professores diante da realidade investigada		
Subcategorias	8.1	Perspectivas dos professores investigados para o problema da indisciplina no contexto escolar

Categoria 01 – Apreciação dos atos de indisciplina no contexto escolar

É tarefa de todos, principalmente dos educadores, garantir um ensino de qualidade e para todos, indisciplinados ou não, esta garantia passa a ser o dever "número um" de todo educador preocupado com o valor social de sua prática e, ao mesmo tempo, compromissados com seus deveres profissionais.

Subcategoria 1.1 Conceituação, no olhar dos professores pesquisados, dos atos de indisciplina

As verbalizações se constituem nas maneiras pelas quais determinados comportamentos são tidos como indisciplinados.

Indisciplina ocorre na relação professor-aluno... Indisciplina é geralmente, quando ultrapassam os limites (Ap. B - nº. 01 Rosa).

Outros exemplos:

Indisciplina... ficar fora da sala de aula, querer sair toda hora para ir ao banheiro, brincadeiras de mau gosto com os colegas, brincadeiras agressivas (Ap. B - nº. 09 - Rosa amarela).

É quando não obedecem as regras e limites, não aceitam o que o professor fala (Ap. B - nº. 05 - Violeta).

Indisciplina é não ter limites, do que eu posso, até onde eu posso e como eu posso fazer... Tudo que ultrapassa ao normal, ao aceitável (Ap. B - nº. 14 - Sorriso).

No plano da reflexão sobre a indisciplina poder-se comparar a opinião dos participantes com as de alguns teóricos. Historicamente, o conceito de indisciplina tem sido atrelado à noção de disciplina. A leitura etimológica elaborada por Garcia (2000, p. 51-52) sugere duas matrizes latinas associadas ao termo disciplina. De um lado o termo *discipulus*, originado do verbo *capere*, que descreve um indivíduo em situação de aprendizagem, que se apropria de algo que lhe é mostrado. Outra matriz seria o verbo *'disco'*, comumente traduzido por aprender ou tornar-se familiarizado. Dessa raiz deriva o sentido de disciplina como seguir ou acompanhar. Historicamente, a noção de disciplina vai se atrelar à noção medieval de castigo e punição e apenas mais tarde assume o sentido de ramo do conhecimento.

No cenário das mudanças na escola a noção de indisciplina, como contraposição de disciplina, pode ser ao sentido associada, por exemplo, de ausência de conhecimento, de conduta contestatória ou divergente dos esquemas de controle.

Para Estrela (2002, p. 17) a indisciplina pode ser pensada como negação da disciplina, ou como "desordem proveniente da quebra das regras estabelecidas pelo grupo". Ainda segundo Estrela (1995, p. 65) é sobretudo o professor que produz e comunica normas sociais que julga necessária para exercer sua ação pedagógica, e assim prescreve determinadas posturas e regras a serem aceitas, muitas vezes sem a devida discussão com os alunos, sem que aquelas atendam suas expectativas e necessidades.

Ao considerar o conceito de indisciplina com base na interpretação dos professores, recorre-se a Fortuna (2002, p. 90), que aponta a noção predominante "do não cumprimento de regras, de rebeldia contra qualquer regra construída sem uma justificativa viável, criando transtornos e incapacidade de se organizar e se relacionar de acordo com as normas estabelecidas por um grupo".

No decorrer dos tempos o conceito de indisciplina vem se modificando, tal como suas expressões na escola. Segundo Garcia (1999, p. 103): "a indisciplina escolar apresenta, atualmente, expressões diferentes é mais complexa, 'criativa' e parece, aos professores, mais difícil de equacionar e resolver de um modo efetivo" dificultando assim o processo de aquisição dos conhecimentos que são passados pelos professores.

Guimarães (1996) afirma que "ambos reconhecem nessas condutas o caráter de desobediência e rebelião a uma ordem imposta ou livremente consentida que convém ao funcionamento regular de uma organização" (p.73).

As atitudes hostis, agressivas, atritos e competições são as condutas observadas nos conflitos nas relações em sala de aula, como observam os sujeitos a seguir:

A briga e a agressão têm alunos que agredem uns aos outros, eles se pegam mesmo... Jogam carteira e material dos amigos (Ap. B - nº. 08 Lírio).

Um mexe com o outro, chega a dar rasteira, esconde o material (Ap. B - nº. 04 - Cravo).

Alguns participantes consideram que a disciplina está relacionada ao nível de envolvimento do aluno em seu trabalho e o seu contrário, a indisciplina, o não envolvimento.

Entende-se que a indisciplina guarda relações com todo o cenário educacional e envolve diversos atores em sua produção social. No entanto, a percepção dos professores fornece uma perspectiva sobre o processo de construção social da indisciplina, que pode ajudar a pensar particularmente a possibilidade de sua desconstrução.

Tardif (2002) sugere pensar o processo de elaboração dos saberes sociais dos professores como algo indissociável de suas práticas, “do modo como, no cotidiano, eles são, fazem, pensam, dizem, mobilizam saberes e muitas vezes ancorados em suas crenças e valores” (p. 15). Assim, o que vai ser denominado indisciplina, nas escolas, precisa ser pensado como uma construção social que ocorre através das interações entre professores, alunos e outros atores, em um ambiente cultural de interação, a escola, que significa um mundo que é significado também pela existência de indisciplina.

Neste ponto se discute até onde é possível exigir do aluno a passividade, retirando-lhe o direito à inquietação. “O conhecimento não se faz através da passividade e sim da inquietação e da curiosidade”. (FREIRE, 1996, p. 58).

A agitação, a movimentação pode vir a conduzir e acrescentar conhecimento. O desafio que o novo representa, a perseverança nas condutas, a obstinação do aluno conflituoso e indisciplinado pode florescer em fatores condutores do conhecimento.

Alguns participantes colocam como meta desenvolver e oportunizar o envolvimento desses alunos para com as atividades escolares e procuram organizar o trabalho, não considerando que o aluno deva estar quieto e passivo o tempo todo, mas sim, construindo uma boa relação professor-aluno um importante trunfo na gestão da sala de aula, pois os alunos dão uma enorme importância à pessoa do professor e, no campo disciplinar, o “gostar” ou “não gostar” do professor pode fazer a diferença, pode significar “ganhar ou não os alunos”. Estabelecer relações interpessoais positivas implica disponibilidade para ouvir os alunos, para se aproximar deles, ser afetuoso, empático, inspirar confiança, ter humor, ter e ser calmo na abordagem dos problemas, respeitar o aluno, confiar nele e tudo isto com a dose de firmeza necessária para fazer cumprir as decisões tomadas.

Como nos exemplos a seguir:

Eu tento fazer com que ele se interesse pelo menos em desenvolver o mínimo em sala de aula, digo: 'Faz essa tarefa, depois eu deixo você sair, só essa atividade. Você sai, esfria a cabeça, depois volta para fazer mais (Ap. B - nº. 02 – Hortência).

Nem sempre a criança que fala muito, não para sentada na carteira é indisciplinada, ela pode ser uma criança ativa e sendo assim, se envolve com as atividades sugeridas (Ap. B - nº. 06 - Jasmim).

Parafraseando Vasconcelos (2000) a relação pedagógica é uma relação que deve buscar integrar os alunos com os outros e com a sua realidade. Busca-se construir a disciplina dos sujeitos participantes do processo educativo e, dessa forma, as necessárias condições para o trabalho coletivo onde haja, o desenvolvimento da autonomia e da solidariedade, ou seja, as condições para uma aprendizagem significativa, crítica, criativa e duradoura. Uma disciplina marcada pela consciência participativa, do respeito ao limite do outro e seu próprio e de responsabilidade coletiva para a construção do conhecimento.

(...) uma disciplina com capacidade de comandar a si mesmo, de se impor aos caprichos individuais, à veleidades desordenadas, significa, enfim, uma regra de vida. Além, disso, significa a consciência da necessidade livremente aceita, na medida em que é reconhecida como necessária para que um organismo social qualquer atinja o fim proposto. Vasconcelos (2000, p. 54)

A disciplina, não deve ter fim em si mesma, ela pode estar relacionada aos objetivos maiores da escola, que deve formar o aluno como pessoa capaz de pensar, de estudar, de dirigir de, ajudar a construir uma nova hegemonia, a hegemonia das classes populares. Que entende esta realidade como uma variável para uma mudança social mais ampla. A experiência de não-poder, de impotência, repetida constantemente, vai levando a um estado de apatia, de descrença no mundo e na humanidade, facilitando, inclusive, o campo para a busca de subterfúgios alienantes (drogas, fanatismo político ou religioso, misticismo, jogos de azar, etc.).

Numa visão dialético-libertadora, compreende-se que a disciplina se constrói pela interação do sujeito com outros e com a realidade, até chegar ao autodomínio; pode-se afirmar, parafraseando Paulo Freire: “Ninguém disciplina

ninguém. Ninguém se disciplina sozinho. Os homens se disciplinam em comunhão, mediados pela realidade”.

O educador, num primeiro momento, pode assumir a responsabilidade pela disciplina, enquanto articulador da proposta, levando, no entanto, a classe a assumi-la progressivamente.

Algumas verbalizações apontaram que os alunos, quando envolvidos em conflitos, tomam atitudes que violam regras.

Indisciplina é quando eles passam do limite e às vezes eles passam do limite quando estão brigando, a gente tem que ficar de olho [...] não é só a bagunça, se considerar isso indisciplina, 100% dos alunos da sala são indisciplinados (Ap. B - nº. 12 – Berduela).

Verifica-se nessa verbalização a necessidade que o participante percebe de estar demonstrando os limites quando utiliza a expressão de ter que “estar sempre de olho”. Tiba (1996) coloca: “Disciplina pode ser ensinada. Quem o faz é o disciplinador” (p.176).

Embora várias verbalizações remetesse à percepção que os participantes têm dos conflitos, a pesquisadora selecionou algumas falas representativas, incluindo os dois tipos de conflitos: internos e interpessoais.

Algumas vezes, a pessoa pode estar num conflito interno com ela mesma e não estar relacionada à pressões externas, mas sim as estruturas profundas dentro da própria pessoa. Ou seja, as questões relacionadas aos conflitos entre si mesmo e o si próprio. Um lado da personalidade representa certos desejos, enquanto a outra parte luta contra eles e age defensivamente para não ser prejudicada.

Enquanto que no modo interpessoal, as realidades de diferentes indivíduos são, algumas vezes, tão diversas que surgem "turbulências" quando eles tentam se comunicar ou interagir junto. Suposições básicas, crenças, valores e pressuposições sobre o mundo se agrupam para criar modelos diferentes da realidade. Quando esse modelo não contém mecanismos para reagir criativamente às "turbulências" com os outros, a energia é liberada na forma de discórdias, disputas, lutas, ou seja, de indisciplina. negociação, e mediação são formas de administrar conflitos interpessoais.

Referindo-se aos conflitos interpessoais, o participante abaixo relata os fatores que suscitam conflitos em sala de aula.

As atitudes de gritar um com o outro, pegar as coisas dos colegas sem pedir permissão, não respeitar os colegas, empurrá-los na hora da saída e da entrada, xingar (Ap. B - nº. 01 - Rosa).

É o aluno que gosta de falar o tempo todo, que procura assunto para conversar com a professora e com os colegas, que não para na carteira (Ap. B - nº. 10 - Suspiro).

Aquele que precisa chamar a atenção, ele provoca o outro e consegue o que quer (Ap. B - nº. 13 - Cactos).

Aquele que não respeita as regras da sala de aula, que não gosta de ouvir, que não respeita a individualidade dos demais (Nº. 05 - Violeta).

Apenas dois participantes chamaram a atenção para os conflitos internos,

Existem dois pólos de conflitos, ou a criança é muito fechada e não gosta de conviver em grupo e interagir em sala de aula ou a criança é agitada, não consegue ficar parada, está sempre entrando em atritos com os grupos (Ap. B - nº. 14 -Sorriso).

O mais tímido também vive conflito e gera conflito. Eles têm problemas que não conseguem descarregar, quando descarregam é difícil contornar (Ap. B - nº. 06 - Jasmim).

O primeiro tipo de conflito é reconhecido por Pickering (2002) como interpessoal, o segundo tipo refere-se como conflito interno, apresentando condutas de omissão e de isolamento. Pelo fato dessas condutas não incomodar ou interferir no andamento das atividades acadêmicas como os atritos interpessoais, o aluno que vive nesta situação de conflito interno não é sempre notado, porém, as duas formas de interferência na relação podem levar a paralisia ou dificuldades.

Contudo, Puig (2000) e Chiavenato (1998) salientam aspectos positivos desses conflitos. Segundo os autores os conflitos podem ocasionar mudanças e inovações, na medida em que, enquanto ocorrem, oportunizam a reflexão, capacidade de lidar com frustrações e problematização da realidade.

Do ponto de vista dos atos cometidos pelos alunos no ambiente escolar, o livro de Guimarães faz diferenciação entre disciplina, indisciplina e violência, verificando o sentido que a língua portuguesa reserva aos conceitos.

Todo ato ou dito contrário à disciplina que leva à desordem, desobediência, à rebelião constituir-se-ia em indisciplina. A disciplina enquanto regime de ordem imposta ou livremente consentida que convém ao funcionamento regular de uma organização [militar, escolar, etc.] [...] A violência, por sua vez, seria caracterizada por 'ato violento que, no sentido jurídico, provocaria, pelo uso da força, um constrangimento físico ou moral'. (GUIMARÃES 1996, p.73).

Ainda na percepção de Guimarães (1996).

Tanto nas brigas [envolvendo alunos, professores e diretores] como nas brincadeiras existe uma duplicidade que, ao garantir a expressão de forças heterogêneas, assegura a coesão dos alunos, pois eles passam a partilhar de emoções que fundam o sentido da vida coletiva (. 79).

Demonstra a indisciplina como algo ambíguo que não é expressa somente como raiva ou como vingança, mas carrega com ela a intenção de interromper a tentativa de controlar excessivamente e tentar destituir a intenção da escola em deixar todos iguais para ficar mais fácil de direcionar. A escola utiliza-se para isso de mecanismos disciplinares, controle, gestos, atitudes, instituindo a submissão e a docilidade, uma ação observada em todos os níveis.

Segundo Garcia (1999, p. 104) as expressões de indisciplina têm sido relacionadas “a fatores internos ou externos à escola”. Entre as razões internas estariam, por exemplo, as condições de ensino e aprendizagem, a natureza do currículo, as características dos alunos, aos modos de relacionamento estabelecidos entre alunos e professores, e o próprio sentido atrelado à escolarização. Entre os fatores externos destacam-se a violência social, a influência da mídia e o ambiente familiar dos alunos. Neste cenário a indisciplina guarda relações com todo o cenário educacional e envolve diversos atores em sua produção social.

Outra perspectiva, fornecida por Rocha (2002, p. 103), sugere que a percepção social é uma forma pela quais as pessoas mantêm contato com o mundo em que vivem. A percepção necessita de diferentes ocasiões para se transformar em conhecimento, e enquanto um processo ativo origina-se da relação entre sujeito e objeto. Assim, o que vai ser denominado indisciplina, nas escolas, precisa ser pensado como uma construção social que ocorre através das interações entre professores e alunos, entre outros atores, em um ambiente cultural de interação, a

escola: que significa um mundo que é revelado também pela existência de indisciplina.

Oliveira (2002) realizou uma pesquisa com professores, sobre a percepção da indisciplina e foi publicada na revista *Psicologia, Educação e Cultura* no ano 2002, o resultado conceitual foi surpreendente:

(...) não respeitar professores e colegas, não cumprir regras pré-estabelecidas, ser mal comportado, malcriado, perturbar o trabalho dos colegas e professores, fazer barulho, não permitir o bom funcionamento da aula, falar o tempo todo, provocar desordens, boicotar as aulas, faltar com pontualidade, rebeldia á autoridade e ofender os colegas e professores. Oliveira (2002 , pp. 90 - 93)

Neste trabalho ele apresenta a indisciplina interpretada pelos professores, segundo uma sinuosa leitura comportamental e remete ao conceito de indisciplina muito antigo onde o ambiente escolar é um lugar de silêncio, obediência e de cumprimento de regras preestabelecidas pelas autoridades da escola.

Finalmente destaca-se a contribuição de Capalbo (1979, p. 39), essa autora afirma que grande parte dos hábitos, costumes e conhecimentos são “repassados através dos nossos pais, professores, das pessoas mais velhas e expressam a visão de mundo, típica do grupo social onde se nasce e cresce”, ou seja, são as referências culturais específicas daquele ambiente social que necessitam ser exploradas, respeitadas e valorizadas.

Subcategoria 1.2 – A busca pelas causas dos conflitos que geram indisciplina

A análise efetuada com respeito a essa temática aponta vários fatores determinantes dos conflitos e indisciplinas. Porém, um número significativo apontou a influência das relações sociais e a desestrutura familiar como sendo fortes motivadores, para os conflitos e indisciplinas gerados no ambiente escolar.

Às vezes é por que algum fato violento que ocorreu em casa entre os pais, ou mesmo entre os colegas na rua, a falta de atenção dos pais para com essas crianças. O modo como se comportam, reflete o modo como foram criados, sem regras e direção por parte dos adultos que com eles convivem (Ap. B - nº. 01-Rosa).

Estão acostumados a falarem e a fazerem o que querem... Lá na casa deles é normal e conseqüentemente eles repetem o mesmo na sala de aula. A maneira como falam com os irmãos, com os vizinhos é a mesma aqui dentro da escola. A forma de se comportar, o vocabulário que aprendem nos primeiros anos de vida na família é repetido aqui (Ap. B - nº. 08- Lírio).

Cubero e Moreno (1995) apontam que as crianças trazem consigo condutas e valores internalizados para o contexto escolar. É dentro do contexto familiar que se adquire os primeiros valores, a aprendizagem do controle da impulsividade, a aprendizagem da linguagem. À escola cabe desenvolver seu papel socializador, levando em consideração as vivências anteriores da criança.

Segundo Freire (1998) seria então a “leitura do mundo” do aluno pelo professor com sua “leitura do mundo” favorecendo interações positivas.

A maioria dos professores concorda que os alunos são na escola “o que trazem de casa”, atribuem ainda à “falta de educação dos pais” e que:

A escola deveria dar um apoio aos pais... Agindo na família, essa família passa a se estruturar melhor e enviar, mandar seus filhos mais calmos para a gente (Ap. B - nº. 02- Hortência).

A escola é uma válvula de escape. A culpa não é só dos pais. Cada um tem que se virar, trabalhar (Ap. B - nº. 12- Berduelga).

Os pais trabalham o dia inteiro não têm tempo para educar mesmo à criança, trabalha o dia inteiro quando chega em casa então a criança pode tudo, chega na escola também pode tudo, não tem em casa (Ap. B - nº. 13- Cactos).

Uma criança que em casa é bem tratada recebe um beijo, um abraço, pelo menos uma palavrinha de carinho, na escola ela se relaciona bem com os colegas, com a gente. A criança que sai de um lar violento pra ele é natural à vida, então ele acha que na rua, o que ele vive em casa vive na escola (Ap. B - nº. 07- Crisântemo).

Possivelmente, a preocupação da maioria dos pais é com a sobrevivência dos filhos, ficando para segundo plano o acompanhamento e o incentivo para estudarem, segundo os sujeitos entrevistados, e isso, em parte, devido ao contexto sócio econômico dos pais e à falta de perspectiva de um futuro breve. Pode-se observar que algumas entrevistas têm forte conotação emocional, além das análises de cunho econômico e social

A maioria é apática, passiva ou agressiva, ou uma coisa ou outra, porque não tem objetivo nenhum na frente (Ap. B - nº. 14- Sorriso).

Não tem perspectiva de futuro, eles vivem num contexto sócio econômico de muita dificuldade... sonham muito alto... mas se contentam com pequenas coisas, o que a escola pode oferecer foge dos interesses deles (Ap. B - nº. 05 - Violeta).

Antigamente você dizia para o aluno que se ele estudasse ele teria um futuro, hoje não, você tem uma série de profissionais aí, com especialização, mestrado, desempregado, batendo com 2, 3 empregos, então eles, sabem (Ap. B - nº. 09- Rosa amarela).

As crianças que são provenientes de um lar mais estruturado, com melhores condições básicas de educação, na escola, passam a ser agredidas, tornam-se mais facilmente vítimas, elas tornam-se mais frágeis, fragilizadas (Ap. B - nº. 06- Jasmim).

Pode-se inferir claramente que os professores desse grupo, em parte, estabelecem uma forte relação entre o nível sócio-econômico das famílias e o fato de os alunos não terem objetivos ou perspectivas na ou para a vida e, em função disso, não encontram objetivos nos estudos, o que demonstram haver uma forte concepção social no sentido de que os estudos não se justificariam para as classes mais baixas.

Esses depoimentos vão ao encontro do que Royer (2002) chama de *stress* familiar, que inclui a pobreza, maus tratos, abusos físicos ou psicológicos, uma disciplina severa, família numerosa ou desfeita, falta de afetividade. Os professores têm uma clara percepção que a indisciplina e os conflitos não estão nas crianças, mas constituem-se num meio que as mesmas utilizam-se para lidar com seu ambiente. É algo que vão aprendendo no próprio meio familiar. Some-se a isso o fato de que existem celebridades, seja no nível político, ou esportivo, especialmente no futebol, que vencem na vida e não precisaram, dos estudos.

Infelizmente uma parcela significativa da população ainda não percebeu a importância que os estudos têm mesmo que este não tenha o valor utilitário ou econômico para a vida, mas, como um bem para si próprio. Segundo alguns professores, esta também pode ser mais uma causa para a indisciplina no ambiente escolar.

Essas informações são confirmadas por levantamento realizado em 2001 pelo Sindicato de Especialistas de Educação do Magistério Oficial do Estado de São Paulo (Udemo) e publicado na Revista Nova Escola (2002).

Em 87% dos 429 estabelecimentos pesquisados, o desinteresse pela instituição está associado ao fato de ela não demonstrar sua utilidade. Em 64% delas os estudantes não vêem um futuro promissor e não se sentem ligados ao espaço em que estudam (p. 17).

Esses professores mostram uma visão de educação voltada para a ascensão social e não conseguem contrapor-se ao discurso dos alunos. Tanto que consideram “lar mais estruturado” aqueles que se amoldam ao modelo tradicional, com a presença de pai, mãe, filhos e uma casa para morar, desconsiderando a complexidade e as múltiplas formas de manifestação da família atual.

Pode estar havendo a idealização de um aluno que muitas vezes é dado como bom exemplo, nas salas de aula das universidades, aquele aluno branco, de classe média, obediente, submisso, que se utilizava da escola para legitimar sua posição social, que era o estereótipo de um aluno de uma geração ou duas atrás, estaria ainda no imaginário de parte dos professores.

A nossa responsabilidade é muito grande, e não vai resolver o problema colocar o aluno fora da escola. Eu penso que quando acontece muito isso está na hora de parar, pensar e ver o que está acontecendo, porque com determinado professor não existe indisciplina e com outro é todo dia?. Acrescentando, não é só culpa do aluno não, tá? Eles não estão aqui para serem mandados embora, porque senão fica muito fácil, vamos esvaziar a escola, então para que vai servir a escola? Não é verdade? É uma grande luta (Ap. B - nº. 05- Violeta).

Outra concepção muito forte entre os professores diz respeito ao distanciamento entre o discurso sobre a importância da educação e o que ocorre na prática, no dia-a-dia da escola, como, por exemplo, o fato de as escolas serem totalmente desprovidas de computadores e de uma mínima infra-estrutura necessária para que as aulas possam tornar-se mais atrativas.

Queremos nos atualizar, temos vontade e tudo, mas não nos dão condições, voltamos para a escola onde nós só temos o discurso, então aí fica difícil (Ap. B- nº. 04 Cravo).

Em outras palavras assim indaga essa professora. Como tornar um professor dinâmico e com aulas atrativas, para superar esse desinteresse, com essas condições que temos? Há uma sinalização, por parte de alguns professores, de que as condições que são oferecidas, que são as mínimas possíveis, também

podem aumentar a indisciplina ou seja, pode ser um reflexo da qualidade das aulas; de aulas monótonas e desinteressantes resultante da falta de condições dos professores.

Categoria 02 – Possibilidades de prevenção dos atos indisciplinares

A questão da prevenção está na fala de todos os participantes como alternativa a ser aplicada contra a instalação de indisciplinas e de entraves nos relacionamentos, entretanto um dos participantes apontou que a escola tem priorizado os conteúdos historicamente acumulado em detrimento das questões em torno do trabalho com atitudes e comportamentos.

Na perspectiva da análise de conteúdos, ou seja, mesmo não estando contempladas nas categorias de análise inicialmente previstas, podemos observar que o sentimento de culpa é outro aspecto presente na fala dos professores.

Subcategoria 2.1 As iniciativas de prevenção dos conflitos

Nas verbalizações que se seguem, os participantes reconhecem que nem sempre é priorizada a prevenção de condutas inadequadas.

(...) no planejamento escolar não se prioriza trabalhar comportamentos e atitudes, se prioriza os conteúdos acadêmicos, leitura, cálculo e escrita (Ap. B – nº. 11- Antúrio).

Na verdade não são todos os professores que se preocupam com isso (Ap. B – nº. 10 - Suspiro).

Eu acho que é mais trabalhado no ensino religioso... como eu não dou ensino religioso, só quando aparece no texto (); No nosso caso é mais bem trabalhado na Educação Cristã (Ap. B – nº. 03- Dália).

A professora descreve na sua verbalização que o trabalho para o desenvolvimento de atitudes e comportamentos é deixado a encargo das aulas de ensino religioso. Numa atitude que reflete um trabalho individualizado e longe da interdisciplinaridade. Uma alternativa de trabalho pedagógico que visa a superação do individual pelo coletivo; a fragmentação pela continuidade da construção do conhecimento; a formação de parcerias para o desenvolvimento de projetos e o

respeito pelas experiências e interesses dos alunos numa constante troca de conhecimento.

Esta verbalização remete a um pensamento da educação, que foi construído ao longo da sua história tendo como base a fragmentação entre os diferentes campos do conhecimento onde o aluno é visto como uma parte separada de um todo, o professor uma figura que deve transmitir apenas os conhecimentos estritamente da sua matéria e a escola um espaço onde todos pensam da mesma forma e são homogêneos. Esta visão felizmente tem sido questionada a partir de um novo paradigma denominado interdisciplinaridade defendida por diversos teóricos entre eles destaca-se Japiassu (1992, p. 108) que define a interdisciplinaridade como sendo “uma nova atitude diante da questão do conhecimento, de abertura à compreensão de aspectos ocultos do ato de aprender”. Ferreira (2001), também fala da Interdisciplinaridade como sendo “movimento de criar e (re)criar outros pontos de discussão, não existe um conceito fechado é um movimento sinfônico que perpassa a construção do conhecimento” (p. 33).

Cabe aqui destacar que a interdisciplinaridade aponta para a construção de uma escola participativa e decisiva na formação do sujeito social, articula saberes, conhecimentos e vivências, ou seja, um trabalho coletivo e solidário na organização da escola. No tocante a indisciplina trabalhar com o coletivo, negociando regras, discutindo procedimentos e construindo um ambiente escolar participativo e solidário pode surtir efeitos espetaculares na resolução das questões de conflitos.

Ao contrário da verbalização anterior, a que se segue abaixo deixa claro o respeito ao trabalho coletivo, com atividades de prevenção de condutas inadequadas e adaptação às regras de conduta.

Eu procuro nas ações do dia-a-dia mostrar para eles o que é certo e o que é errado, o momento exato para falar, o respeito ao próximo, a hora de cumprir as tarefas, a hora de brincar. Procuro fazer com que interiorizem aquilo, não só falando por falar (Ap. B – nº. 02- Hortência).

Em qualquer espaço social e em especial, na comunidade escolar espera-se comportamentos aceitáveis, desejáveis sob o ponto de vista pedagógico e social. A ação da escola não deve centrar-se na busca de controle da indisciplina; a tônica

da escola deve ser da prevenção de comportamentos de indisciplina e da instalação de condutas conflituosas.

Tal postura também está de acordo com as sugestões de Vasconcelos (2000) na busca da prevenção. Segundo esse autor, deve prevalecer o estabelecimento de regras bem definidas, construídas e questionadas periodicamente, criando um clima de confiança e respeito ao professor e ao seu trabalho.

No exemplo a seguir o professor inclui a discussão de normas de conduta para si mesmo

Eu marquei em um cartaz, e falei: 'Agora vocês vão cobrar de mim e eu de vocês'. Falei que a professora não podia chegar atrasada, tinha que cumprir um horário e eles também. Todos que chegarem atrasados devem dar justificativas... na hora do hino, acho até engraçado, se eu não for lá na fila com eles, eles não entram, as outras turmas entram e eles não, até eu chegar (Ap. B – nº. 01-Rosa).

Esses acordos quando firmados coletivamente definem quais atitudes ou comportamentos são possíveis, não somente na sala de aula mas, no ambiente escolar como um todo e implica numa relação de partilha, podendo trazer resultados bastante animadores e fortalecedores da relação professor-aluno.

Essas idéias são compartilhadas também por D'Antino e Silva (2002). Os autores apontam que, em situações de conflitos, principalmente nas séries iniciais, cabe ao professor mediar e oportunizar o desenvolvimento da autonomia moral, isso é possível através da construção coletiva de regras, discutindo-as e demonstrando a necessidade de estabelecê-las.

Dependendo do caso, eu invento uma história para tirar um fundo moral, cito fatos que realmente aconteceram na família e os próprios alunos acabam tirando as suas conclusões (Ap. B – nº. 13- Cactos).

Por exemplo, entre os meus alunos a sexualidade já está na flor da pele, eu então procuro trabalhar com eles textos que abordem esse tema. Se houver algum tipo de separação entre eles, eu procuro trabalhar temas como as discriminações através de textos, filmes, etc. Sempre procurando amenizar os conflitos que eles estão passando (Ap. B – nº 05- Violeta).

Eu tenho um ou dois alunos que tem parentes presos, eu mostro,... aconselho a pensar e refletir se é aquilo que eles querem para a vida deles, conversas sobre

as regras da escola e da sociedade, sobre a importância de segui-las e as conseqüências de não segui-las (Ap. B – nº. 14- Sorriso).

Trabalhos desenvolvidos como estes dos depoimentos acima partindo da realidade vivenciada, dentro das perspectivas dos alunos, conteúdos que fazem sentido em seus contextos, reflexões críticas sobre as situações do cotidiano colaboram para que se crie um clima harmonioso em sala de aula.

O uso de interpretação de histórias, filmes, textos e exemplos do cotidiano que sirvam de orientação de conduta, são recursos também utilizados.

Outras formas de motivação também se destacam como: variar os arranjos grupais, utilizando umas vezes trabalho de grupo outras de pares e também trabalhos individuais para dar vivacidade à aula e evitar discursos monótonos; utilizar uma linguagem clara e acessível; utilizar os exemplos dados pelos alunos para trabalhar os conteúdos ou seja, fazer a ponte com os conhecimentos anteriores dos alunos, suas sugestões e assim, impulsionar um ritmo dinâmico a aula. A transição suave entre as atividades requer, por exemplo, instruções claras sobre a tarefa a realizar, para que os alunos se inteirem do que se pretende e espera que façam se necessário, aguardar pela sua conclusão.

(...) em atividades que priorizem o respeito humano, a socialização entre eles, atividades recreativas ou escritas que busquem a socialização. Acho que é uma forma de prevenir a indisciplina (Ap. B – nº. 10- Suspiro).

A educação, nesta atual conjuntura social, necessita de professores com atitudes semelhantes às descritas acima, para que se possa desenvolver nas crianças e jovens uma consciência ampla da importância do outro, para que se viva em harmonia, que se plante a semente da solidariedade entre as crianças e jovens. A este respeito precisa-se refletir sobre a urgência de criar-se nas escolas um ambiente de discussão e ações pedagógicas coerentes com a presente realidade, sem perder de vista as tão sonhadas transformações, pois é nessa sociedade que alunos e alunas vão interagir, e, quem sabe, como idealizava Paulo Freire, provocar transformações que levem a um bem viver coletivo.

A respeito dessa transformação que urge, Gadotti (1998) afirma.

O homem faz a sua história intervindo em dois níveis: sobre a natureza e sobre a sociedade. O homem intervém na natureza e

sobre a sociedade, descobrindo e utilizando suas leis, para dominá-la e colocá-la a seu serviço, desejando viver bem com ela. Dessa forma ele transforma o meio natural em meio cultural, isto é, útil a seu bem-estar. Da mesma forma ele intervém sobre a sociedade de homens, na direção de um horizonte mais humano. Nesse processo ele humaniza a natureza e humaniza a vida dos homens em sociedade. O ato Pedagógico insere-se nessa segunda tipologia. É uma ação do homem sobre o homem, para juntos construírem uma sociedade com melhores chances de todos os homens serem mais felizes. (p. 81).

Entender essa complexidade das ações educativas faz-se necessário para que se saia de posturas extremistas, ora envolta numa propagação midiática, ora desacreditada de quaisquer que sejam as mudanças no setor educativo. Porque se nota nos dizeres de alguns educadores total apego a tudo que de novo apareça nos meios de comunicação ou seja, caindo em verdadeiros modismos educacionais que apontam receitas sem nenhuma profundidade teórica. Desacreditada, porque também se nota, nos dizeres de outros, total desapego ao que de novo apareça, ou seja, fortemente ligados à tradição, ao que deu certo, portanto, vivendo de uma extrema resistência ao novo para perpetuar o velho.

Outro exemplo:

... eu busquei recursos mais atrativos para a matemática quando me deparei com algumas indisciplinas, prêmios para o grupo que ganhasse a competição. Todos participam e ajudam mutuamente. Tento mostrar que um dia a gente perde e o outro a gente ganha. Eles vão entendendo e aceitando as regras. Está dando certo (Ap. B – nº. 10 -Suspiro).

Estas e outras promoções de atividades grupais e interativas são recursos preventivos de atitudes e comportamentos de indisciplina no ambiente escolar.

A este novo educador compete refazer a educação, reinventá-la, criar as condições objetivas para que uma educação realmente democrática seja possível, criando alternativas pedagógicas que favoreçam o aparecimento de um novo tipo de homem, solidário, preocupado em superar o individualismo e construir o coletivo.

Certamente essas e outras alternativas, não poderão ser elaboradas nos gabinetes dos tecnoburocratas da educação e nem virá em forma de lei ou reforma. Só será possível se está for pensada, pelos educadores no seu cotidiano coletivo, nos embates conflitantes das salas de aula com os alunos descobrindo e redescobrimo caminhos que podem e deve ser percorrido em prol de uma

sociedade justa e igualitária. Essa reeducação já começou e ela é possível e necessária.

As relações entre os iguais, segundo Coll e Colomina (1996) contribuem para a aquisição de valores, para o desenvolvimento do autoconceito, controle dos impulsos agressivos, superação do egocentrismo, desenvolvimento da capacidade de cooperação e disponibilidade para a ajuda, enfim, contribuem para a socialização.

Subcategoria 2.2 - O Estatuto da Criança e do Adolescente instrumento protetor dos direitos da criança e do adolescente

A fonte inspiradora do ECA é a proteção integral da criança e do adolescente, assegurar o direito à educação e o seu pleno desenvolvimento tornando-a capaz de exercer sua cidadania. As crianças e adolescentes das classes mais desfavorecidas economicamente, só poderão atingir tal objetivo com uma escola pública, gratuita, de boa qualidade, aberta, democrática, e com professores bem preparados e constantemente atualizados, seguros das decisões que podem tomar.

Art. 58. No processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais, artísticos e históricos próprios do contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a estes a liberdade de criação e o acesso às fontes de cultura (ECA, 1996, p. 32).

Uma quantidade significativa dos professores entrevistados, possivelmente, não conhece, nunca leu ou nunca estudou o Estatuto da Criança e do Adolescente lei nº. 8069/90 ou o conhecem apenas superficialmente. Mesmo assim têm opinião formada a respeito do mesmo. Vejamos alguns depoimentos referentes a esse assunto:

Hoje o povo tem receio de, a direção, receio de ferir o Estatuto, de arrumar complicação, às vezes até levar ao Promotor, então todo mundo tem um pouco de medo disso, né? (Ap. B – nº. 10- Suspiro).

Alguma parte tem que ser remodelada... deveria ser mudado (Ap. B – nº. 09- Rosa amarela).

Sim, eles sabem muito dos direitos deles, eles não sabem dos deveres, entendeu? Dos direitos eles sabem. Chega, não se a senhora relar a mão em mim eu vou ao Conselho Tutelar... essa arma eles têm. Tem algumas mães aqui, que falam assim: não adianta ir lá ao Conselho, eles só dão razão para a criança e a criança perto, quando a mãe vai ao Conselho, aí sim, perde

todo o limite. Acho que nem eles lá, tem bem definido o que os pais podem. Dar uma palmadinhas para educar é espancamento, já vai lá, pronto aí já vira aquele, e nós temos crianças aqui que estão bem dentro, geralmente são aqueles que não têm limites mesmo, aqui na escola (Ap. B – nº. 01- Rosa).

Não agravando ECA sabe, eu acho que desarmou o professor, sabe? Nem todas as crianças, têm muitas que acham que qualquer coisinha que o professor fizer chamar a atenção, por exemplo, ele vai ter uma proteção, um respaldo. Então tem essa proteção, a gente perde. Eu acho que a gente perdeu muito, tanto a escola como muitas famílias também sabem? Porque eu penso o seguinte professor, se a gente não corrigir o filho, a criança, o que eu vejo na escola não são meus alunos, para mim são meus filhos, e na hora eu esqueço que eu estou numa sala de aula, então, às vezes, a gente quer corrigir ter feito um negócio errado, a gente esquece que é professor e quer corrigir como se fosse pai. Professor, por incrível que pareça, na 7ª e 8ª eles não fazem muita referência ao Estatuto, mas na 5ª já tem muitos alunos que sabem do Estatuto, sabe? Ah, a senhora ficou brava comigo eu vou ao Estatuto (Conselho Tutelar) são aquelas crianças as mais carentes possíveis, sabe? Esses dias eu estava conversando com uma mãe e ela me falou assim pra mim que ela mandou ele lavar louça pra ela e ele falou assim: você está me explorando, e eu vou no Conselho Tutelar, certo? Então tem criança assim bem carente, que a mãe pede para fazer alguma coisa eles já apelam, sabe? Eu não conheço a fundo o Estatuto, certo?(Ap. B – nº. 14- Sorriso).

Acho que o Estatuto veio para organizar, para proteger, e acho que foi uma coisa boa que aconteceu. Só que, em algumas situações, o Estatuto deu um privilégio maior para os jovens, adolescentes, e eles passaram a ter um pouco mais de espaço, invadindo o espaço, sabe? Dentro de uma hierarquia acho que houve uma invasão, porque eles se sentiram mais soltos, mais livres, mais protegidos e, muitas coisas começaram a acontecer. Aqui na escola fizemos um estudo muito superficial do Estatuto, nada assim com profundidade (Ap. B – nº. 13- Cactos).

Eu acho que a ECA veio para proteger sim, veio para proteger e dar uma paz, principalmente na questão da violência sexual, de pais omissos, eu acho isso muito importante... eu acho que o ECA veio trazer uma grande contribuição. Eu penso assim, que os professores têm que ter consciência que a nossa responsabilidade é muito grande (Ap. B – nº. 06- Jasmim).

Olho, eu acho que eles têm que ter os seus direitos, tem que ter conhecimento desses direitos, mas acima de tudo eles também tinham – o ECA, Conselho Tutelar – também 126 tinham que ver as obrigações e os deveres desses adolescentes. Porque eu sempre falo, só aparece os direitos humanos quando um ladrão é preso, agora quando alguém é seqüestrado vai lá os direitos humanos ajudar a família? Então o Conselho Tutelar está fazendo do mesmo jeito: ele é os direitos... os direitos...os direitos e a hora que a gente pede auxílio, não temos Conselho Tutelar, não temos direitos. Tem que haver algum órgão também que nos ajude a colocar os limites que todo mundo pede na escola, colocar limites na criança, ajudar a criança a ser educada, dentro de determinados limites. Nós hoje não temos nada, quer dizer, que eles têm tudo, nós não temos nada. A gente só pode ir ao Conselho Tutelar se estiver arrebitado, porque como vai provar uma agressão verbal? Hoje o ECA reforça o direito da criança, reforça a indisciplina, a violência, as atitudes sem limites de uma criança e do adolescente (Ap. B – nº. 08- Lírio).

Como se pode verificar, as opiniões estão divididas. Muitos professores acham que o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) está contribuindo para que haja uma situação de indisciplina, não só na escola como também em casa e na sociedade.

Outros entrevistados acham que, de maneira geral, dá-se ênfase aos direitos da criança e do adolescente em detrimento de seus deveres ou obrigações e que isso está interferindo de forma negativa no processo educacional, a tal ponto que professores estão se sentindo acuados ou pressionados, sem saber que medidas tomar para retomar a condução do processo seja de ensino, como de educação ou formação.

Outra parte significativa dos professores entrevistados entende que o Estatuto da Criança e do Adolescente, veio para proteger o direito, o respeito, à dignidade, à integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente.

A interpretação dada, às vezes, confunde a autoridade como a possibilidade de castigos físicos, pois quando a professora diz que não pode “relaxar” no aluno pode estar deixando implícito o seu desejo de não só “relaxar” no aluno, mas poder inclusive bater.

De maneira geral uma boa parte dos professores não leu e nem conhecem o documento apenas ouviram falar e possivelmente fazem juízo, de certa forma não muito coerente. Na verdade o ECA foi elaborado para proteger as crianças, pois do contrário não teria sentido se criar uma lei para contribuir com as mazelas da sociedade contra as crianças inocentes. Cabe a escola divulgar, pedir a colaboração de todos para que se utilizem os pontos mais significativos da lei e juntos se construa uma sociedade mais justa e harmoniosa, como também a tarefa de desmistificar, perante as crianças e os adolescentes, que os atos cometidos por eles abusivamente serão analisados e os envolvidos penalizados.

Categoria 03 – Indicativos apontados como colaboradores dos atos de indisciplina

A aceitação, o reconhecimento e o sentimento de pertencer ao grupo são fatores importantes para criança e são apontados como causas de conflitos e de interferência nas relações.

Subcategoria 3.1 - A pretensão de estar em evidência, um fator preponderante de atos indisciplinados

Sentir-se aceito ou não interfere no autoconceito e auto-estima do aluno. Segundo os relatos, a rejeição dos companheiros pode desencadear conflitos e indisciplinas.

Como sugerem as falas a seguir.

Diante das discriminações dos colegas, gozações e quando o professor não consegue trabalhar com essas situações, gera mal humor no aluno, falta de confiança em si mesmo (Ap. B – nº. 08- Lírio).

O mesmo entrevistado em outra situação acrescenta.

... o grupo o afasta e ele faz de tudo para impor sua presença (Ap. B – nº. 08- Lírio).

Outros participantes assim descrevem essa interação.

... por vezes são aceitos porque os outros têm medo deles e para continuarem a serem aceitos, permanecem colocando medo neles. (Ap. B – nº. 03- Dália).

Ele não é aceito pelos colegas. Em uma atividade em sala de aula eu pedi que os alunos escrevessem o nome de um amigo. O Pedro, aquele briguento, não escreveu alegando não ter amigos, ele sentia que não era bem aceito pelos colegas (Ap. B – nº. 05- Violeta).

Eles fazem gracinhas para chamar a atenção dos outros alunos e do professor, sentem-se rejeitados e fazem de tudo para chamar a atenção dos outros (Ap. B – nº. 07- Crisântemo).

Mussen (1988) entende que, crianças que possuem condutas anti-sociais são freqüentemente rejeitadas e tendem a assim permanecerem com as suas sucessivas importunações, brigas e discussões. Cubero e Moreno (1995) destacam que o rechaço dos colegas está relacionado ao surgimento de "(...) problemas emocionais, sentimentos de ansiedade, baixa auto-estima, condutas desordenadas e sentimentos de hostilidade para com a escola". (p.256).

Por outro lado, Minicucci (1997) aponta que: "a segurança que traz a satisfatória relação social livra o aluno da tensão emocional e capacita-o a concentrar-se em suas tarefas escolares". (p.121)

Ainda relacionado à necessidade de ser aceito, os sujeitos da pesquisa apontaram também a necessidade que o aluno tem em chamar atenção sobre si, conflitando ou quebrando regras com esse objetivo.

A baixa estima em qualquer ser humano causa problemas em crianças e adolescentes este dano ainda é maior e, pode ter diversas reações sendo algumas de agressividade uma forma de ocupar o espaço a todo custo, mesmo que venha contrariar outras pessoas ou se isolar completamente do grupo, num processo de internalização da inferioridade, aquele que não sabe nada, não faz nada certo, não consegue acertar nada podendo levar a uma decisão radical seja ela de abandonar as aulas, bagunçar ou até mesmo de não mais comparecer a escola. Esta é uma discussão bastante difícil, de se trabalhar, porém necessária diante do alto grau de indisciplina no ambiente escolar.

Os participantes abaixo apontaram o egocentrismo e a imaturidade como causa dos conflitos e indisciplinas nas crianças e nos adolescentes.

Imaturidade, quando a criança não está pronta para estar naquela realidade, naquela série, aí causa dificuldade de se adaptar as regras da escola (Ap. B – nº. 02- Hortência).

É o aluno que ainda é egocêntrico, eles querem tudo do jeito deles, inclusive a atenção exclusiva do professor para com ele (Ap. B – nº. 05- Violeta).

Geralmente, nas séries iniciais é o egocentrismo que as crianças ainda não perderam, eles não conseguem dividir nada com os seus colegas e querem toda a atenção voltada só para eles, inclusive da professora. Esse é o principal gerador de conflito nessa fase em sala de aula (Ap. B – nº. 04- Cravo).

O egocentrismo é próprio da idade em que se inicia determinadas fases importantes da vida, como do processo de escolarização, e se caracteriza pela incapacidade de se colocar no lugar do outro. Quando em situação de conflito, os egocêntricos querem que predomine os seus desejos. Cabe salientar que, não existe nas condutas egocêntricas um caráter intencional, caracteriza-se por atitudes de imaturidade, impossibilidade de compreender e internalizar as regras estabelecidas.

Dentro duma escola, tá? Analisando o contexto escolar, porque se for lá pra fora, talvez o homem esteja mais em evidência na sociedade, agora, dentro da escola, pelo menos dentro desta escola, eu acho que está “pau a pau” (Ap. B – nº. 12- Berduela).

Olha, eu acho assim que em questão de violência, os meninos nesta idade de 5ª a 8ª série, os meninos são mais violentos. Pelas próprias brincadeiras, pelo porte, eles querem mostrar força física. Agora em questão de indisciplina é tudo mais ou menos, eu acho que as meninas são um pouco mais acomodadas, mas também quando são indisciplinadas elas superam os meninos. Vai mesclando e aí, quando chega uma certa idade, depois da oitava, as meninas são até mais ousadas que os meninos. Tem a ver também com o grupo, algumas amadurecem mais cedo e as outras tendem a imitar (Ap. B – nº. 13- Cactos).

Não tem nada a ver. Eu acho que é nato na menina, ela ser mais delicada e um pouco mais assim disciplinada, eu sinto que é nato. O menino é mais indisciplinado. Na Educação Física não deveria ter havido essa bifurcação de ter separado meninos e meninas. Hoje a gente manda eles fazerem um gesto, só de dar uma requebrada na cintura, eles acham, por exemplo, que só de dar uma requebrada na cintura, eles são bicha, eles não são bicha. O homem verdadeiro ele requebra, por que não? Não tem nada a ver, concorda? Mas só que por uma coisa nata o homem, pelo que eu vejo no meu dia-a-dia, ele é um pouco mais individualista ou até discriminador, é um pouco mais agressivo, é aquela coisa eu só faço aquilo que eu acho certo (Ap. B – nº. 09- Rosa Amarela).

As respostas ficaram muito divididas uma boa parte dos professores entende que, atualmente, meninos e meninas são igualmente indisciplinados. Enquanto outros acham os meninos mais indisciplinados. Alguns professores entendem que os meninos são mais violentos e as meninas mais indisciplinadas e outros que os meninos agredem mais fisicamente e as meninas mais verbalmente. Apareceram ainda respostas como: “antes eram os meninos, agora as meninas” e “um pouco mais os meninos”.

Na prática tem se observado que a questão da indisciplina na escola, ou fora dela, não está mais necessariamente vinculada ao gênero, pois tanto meninos como meninas, em momentos diferentes, e de forma diferenciada têm se mostrado atores ou partícipes de situações de indisciplina.

Parte dos professores afirma que ainda existe o estereótipo de que o sexo masculino deve fazer jus ao comportamento do macho que seria mais agressivo, mais violento, enquanto a menina deve ser mais delicada mais meiga e por via de consequência é mais disciplinada que os meninos. É como se fosse

proibido às meninas serem agressivas, é o que Foucault denomina de “corpos dóceis”. Trata-se da naturalização da cultura.

Subcategoria 3.2 - As transformações da sociedade afetando o comportamento dos jovens

O avanço dos meios de comunicação e da tecnologia trouxe diversas mudanças, algumas benéficas, diante da sua rapidez e evolução no mundo, enquanto outras nem tão boas, pois, necessita de uma visão mais esclarecedora do real sentido que está sendo divulgado. Neste sentido, as opiniões se dividem quanto à contribuição para o aumento dos conflitos e dos atos de indisciplinas na escola.

Este fato foi apontado por somente um dos participantes. Vale a pena aqui citar, pois se trata de um depoimento relevante.

São muitas as causas... seriam também as mudanças rápidas da sociedade, as mudanças de valores. Valores que se perdem e assim se perde o controle. Falta saber que limites seguir, tanto os pais como os educadores, justamente por causa dessas mudanças rápidas da sociedade, dos valores e das questões morais. Os pais e educadores não sabem delimitar onde está o certo e o errado. Se a escola é ou não efetiva na formação dos cidadãos. É uma coisa gerando outra. Já não se têm mais famílias como antigamente, consideradas padrão: pai, mãe, filho, cachorro, papagaio. Uma mudança gera outras mudanças, está entendendo... (Ap. B – nº. 13- Cactos).

Mudanças profundas ocorreram em um tempo relativamente curto. A escola e seus profissionais estão diante de realidades diversas e da urgência em acompanhá-las. Entretanto, os governos dos países subdesenvolvidos não priorizam, em suas políticas públicas, o setor educacional, uma vez que se observa a falta de investimentos na escola, na formação docente e na qualidade do ensino.

Essa colocação revela também, a dificuldade dos professores em cumprir a sua função com competência, diante de tantos conhecimentos novos ficam em dúvida sem saber quais os valores que devem transmitir na relação com os alunos, na elaboração de suas aulas, quais conteúdos devem selecionar para desenvolver suas aulas com significado e uma produção de conhecimento que seja valiosa para todos os alunos. A atuação pedagógica do educador traz consigo uma gama de significados e simbolismos produzidos na sua trajetória de vida. Essas

representações irão atuar de forma significativa na vida e na formação do educando, através da relação deste com o educador e seu trabalho.

A superação dos problemas pessoais e didático-metodológicos deve ser uma preocupação constante de qualquer professor, pois os mesmos são vitais no processo de ensino e aprendizagem. No entanto, essa superação só ocorrerá através de uma busca constante pela atualização e formação continuada, aliada a uma análise crítica reflexiva do cotidiano da sua prática pedagógica. Coll e Miras (1996) destacam o duplo papel do professor: “o de instrutor e o de mantenedor da disciplina”. (p.268)

Nesse sentido, precisa-se conhecer a realidade multifacetada e compreender como as mesmas são produzidas para, a partir dessa compreensão, criar mecanismos que possam ser eficazes e condizentes com a realidade vivenciada por cada professor em sua atuação profissional, pois é para esse aluno real que se precisa direcionar essa prática pedagógica visando um vislumbrar mais harmonioso e produtivo no ambiente escolar.

Como lembra Tardif.

O professor não precisa mudar suas técnicas, seus métodos de trabalho, precisa, isto sim, ver o aluno como alguém capaz de estabelecer uma relação cognitiva e afetiva com o meio circundante, mantendo uma ação interativa capaz de uma transformação libertadora (2002, p. 26).

No ambiente educacional ingressam alunos de diferentes origens, culturas, níveis de desenvolvimento intelectual e idades. Essas diferenças representam as experiências de vida e conhecimentos adquiridos num meio sócio-cultural distinto para cada aluno. A construção do conhecimento ocorre através da interação do sujeito com a sociedade/grupo em que está inserido. As individualidades representam as diferenças culturais que existem em uma determinada sociedade. Não valorizar essas diferenças que cada aluno traz seria um modo de encaminhar os sujeitos para a exclusão. Martinelli (1996) se refere ao papel deste profissional e da educação como: “um esforço pessoal e técnico dirigido no sentido de formação do caráter e da transformação da conduta humana” (p.12).

Um educador, que se preocupe com que a sua prática educacional esteja voltada para a transformação, não poderá agir inconsciente . Cada passo de sua

ação deverá estar marcado, por uma decisão clara e explícita do que está fazendo e para onde possivelmente está encaminhando os resultados de sua ação.

(...) às vezes o professor não colabora para a disciplina do aluno, esquece que o aluno é um ser e que não só em função dos conteúdos que essa relação deve acontecer. A aula tem que ser interessante, estar dentro da vivência, da realidade dos alunos. A aprendizagem tem que ser significativa, o aluno deverá utilizar esse conhecimento no seu dia-a-dia, isso ajuda a prender o interesse dele (Ap. B – nº. 14- Sorriso).

A aprendizagem não significativa pode provocar o desinteresse no aluno e conseqüentemente, sua atenção se volta para fora do contexto que o professor está sugerindo.

Com um contexto tão diversificado, com tantas atribuições assumidas, como a falta de crédito ao papel da escola e do professor e o crescente desinteresse dos alunos, o professor vive seu próprio dilema e entra mais facilmente em conflito com o aluno. São interesses antagônicos provocando atritos, mesmo que implicitamente entre o professor e o aluno.

Muitas vezes eles não querem trabalhar e nós professores pedimos que façam as tarefas e eles não gostam, não estão interessados nos assuntos, aí gera conflito com o professor (Ap. B – nº. 05- Violeta).

No exemplo a seguir, o participante admite que suas próprias atitudes podem levar a instalar conflitos:

... Existem atitudes que nós mesmos tomamos que gera conflito, a forma como tratamos certas crianças, tratando-as de maneira diferenciada em função de seus constantes conflitos (Ap. B – nº. 01- Rosa).

O aluno não vem e fala para a gente: 'professora, eu quero carinho e atenção'. Com os comportamentos de indisciplina ele acha um jeito de falar. 'Fulano senta'. 'Fulano, meu amor, fica quieto'. A partir do momento que eu der o que ele pede, o que ele precisa, ele se torna mais próximo e melhora o comportamento (Ap. B – nº. 11- Antúrio).

Nas verbalizações sobre essa temática observou-se que os participantes não se limitaram a atribuir causas únicas, até porque são diversas, para explicar os conflitos e indisciplinas refletiram em cima de várias causas.

O que se deve almejar em termos de disciplina é uma busca constante de construir uma nova consciência no aluno visando às condições necessárias para um trabalho coletivo em sala de aula (e na escola), onde haja o desenvolvimento da autonomia e da solidariedade, ou seja, as condições para uma aprendizagem significativa, crítica, criativa e duradoura.

Categoria 04 – Posicionamentos dos professores para amenizar os atos de conflito que geram indisciplina

Com respeito ao que se pode esperar dos alunos frente à correção ou a busca de adaptação às normas, os participantes colocam alguns posicionamentos importantes.

Subcategoria 4.1 – Adaptação, uma questão que pode fugir ao pedagógico do convívio escolar

Alguns professores fizeram referência a alunos com problemas neurológicos e foram citados como aqueles que não conseguem se desenvolver com sucesso em relação ao seu comportamento. O que foi revelado é que, suas problemáticas envolvendo a conduta social permanecem sem solução. Os sujeitos pesquisados retratam a sua incapacidade de fazer com que tais alunos se organizem e encontrem o caminho da aprendizagem harmoniosamente.

Aqueles que têm problemas são difíceis. A Sabrina e o Tiago que tomam remédios controlados... é difícil. Se não tiver ninguém para brigar com eles, eles brigam sozinhos e não aceitam em nada que você sugere. A Sabrina mesmo, ela está escrevendo e dá uma coisa na cabeça dela e joga tudo, a carteira, o caderno, sem mais nem menos... Mesmo tomando remédio. Ela bateu em mim, quebrou a televisão em casa. Assim relatou a mãe. (Ap. B – nº. 05- Violeta).

Segundo Tiba (1996) crianças com distúrbios neurológicos são “agitados, apressados, briguentos, inquietos, [...] acabam tumultuando a sala [...] são delinqüentes graves” (p.138, 139). Requerem controle com medicação adequada.

Esse controle, segundo a professora, não é feito. As condições econômicas e sociais da família são precárias. O acompanhamento é feito pelo sistema de saúde pública, precisa se locomover para centros maiores para efetuar o tratamento. Outro fator de dificuldade para o tratamento é que os pais perdem dia de

serviço para acompanhar a criança. Alguns professores acabam assumindo, junto com as famílias ou mesmo sozinhos, esses acompanhamentos ao médico. Na maioria das vezes as condutas inadequadas permanecem e se agravam, os remédios acabam e as famílias não têm condições de repor.

O resultado do trabalho na escola é precário com essas crianças, permanecem perdidas em meio das atividades pedagógicas, cujo objetivo escapa tanto ao professor como ao aluno, simplesmente vão à escola.

Subcategoria 4.2 – O novo, processo lento, difícil e gradativo para acontecer.

A postura que o professor adota frente ao trabalho de esclarecimento, de desenvolvimento de condutas que levam a adaptação às regras, as atitudes e aos novos comportamentos são fatores de suma importância e que vão interferir diretamente no sucesso dos alunos.

Uma parcela significativa dos professores indicou que a 5ª série seria o momento crítico para comportamentos indisciplinados. Justificam pela mudança do sistema de um professor único até a quarta série, por vários professores, a partir da quinta série. Pelo fato de até então a professora ser considerada a “mãezona” da turma e que a acompanha desde a 1ª até a 4ª série e a partir da 5ª serem vários professores, sem um vínculo maior com a turma, cada um entrando e saindo a cada 50 minutos.

Some-se a isso o fato de desejarem demarcar o território, a necessidade de auto - afirmação junto ao grupo e amigos. Como muda muito de professor, e é só aquele ano, outro ano serão outros professores, eles se sentem os “donos do pedaço”. É considerado um período de transição. Enquanto outros numa proporção muito menor entendem que não existe esta diferença.

Eu vou falar em nível de séries, de quinta a sexta série, parece que existe mais indisciplina dentro da sala, na sétima e na oitava eles já conseguem se controlar melhor (Ap. B – nº. 05- Violeta).

Esta diferença já não existe. Porque você pega essa dificuldade que a gente está tendo de trabalhar, desde a 1ª série até a 8ª e ensino médio. Portanto, essa falta, proveniente da falta de limites, de educação, de insolência, de agressividade que eles têm vem desde pequeno. Já não existe mais diferença (Ap. B – nº. 04- Cravo).

Eu acho a quinta série. É uma série de transição do aluno. É muito diferente o comportamento (Ap. B – nº. 08- Lírio).

Percebe-se uma posição fatalística, a coisa é assim mesmo, sempre foi, e vai continuar sendo, está difícil de mudar, não temos condições, independe da idade. Essa posição de pessimismo, ou realista segundo alguns, está presente em boa parte da representação dos professores. Isso de certa forma justifica que não há o que fazer, não adianta, eles são assim mesmo desde pequenos, é uma posição determinista.

Os levantamentos mais recentes têm demonstrado que a faixa de idade tem variado de acordo com o tipo de comportamento observado. As agressões verbais, mentiras, por exemplo, tem sido maiores na faixa dos 12 aos 15 anos e depois decresce, tem sido considerado um problema passageiro.

Categoria 05 – A concretude da autoridade dos professores e da escola com alunos indisciplinados

Ao longo da pesquisa foram surgindo várias colocações com respeito aos sentimentos que os alunos indisciplinados e conflituosos suscitam nos professores.

Em um primeiro momento, quando o vínculo entre professor aluno ainda não está estabelecido, a desestrutura dos comportamentos dos alunos assusta os professores. Entretanto, a relação se transforma com o fortalecimento do vínculo.

Subcategoria 5.1 - A questão da afetividade na relação professor-aluno

Nas verbalizações abaixo se percebe que o papel de professor é confundido com o papel de mãe, os sentimentos que nutrem são verdadeiros e intensos como os de uma mãe para com seus filhos.

Tais posicionamentos reflexivos dos professores demonstram sua humildade em buscar novos caminhos, demonstram maturidade. O afeto que dele emana atinge os alunos, forças de influências recíprocas operam nessa relação. Eles se comunicam entre si e a mensagem é o afeto, é o amor que pode então, transformar.

A disposição afetiva que os professores nutrem pelos alunos é o fundamento da relação entre eles e irá determinar as trocas comunicacionais, a linguagem, as expressões e condutas frente ao processo acadêmico.

Como no exemplo a seguir.

Bom, no início foi um susto, só que a gente vai se apegando, hoje eu sou apaixonada por eles, e eles também por mim... apesar de tudo. Quando preciso me afastar por alguns dias, a minha volta é uma festa parece que está chegando à mãe (Ap. B – nº. 05- Violeta).

Pelo fato de me prender mais tempo com eles para manter seu bom comportamento, eles ficam marcados em mim e isto provoca um carinho intenso entre eu e ele, gera uma atitude de confiança entre nós (Ap. B – nº. 13- Cactos).

São aqueles que acabam dando mais carinho, acabam sendo especiais para mim (Ap. B – nº. 01- Rosa).

É uma coisa interessante porque as crianças comportadas, dentro de um ano ou mais, a gente acaba esquecendo. Já as mais agitadas ou indisciplinadas, de alguma forma marca o professor, ele não o esquece. Querendo ou não o professor cria um laço com esse aluno. É mais fácil criar um laço afetivo com esses alunos do que com os ditos 'normais' (Ap. B – nº. 08- Lírio).

Um número significativo de participantes verbalizou que esses alunos tidos como indisciplinados acabam sendo especiais em função do desafio que eles representam, pela energia depreendida na busca de auxiliá-los, pelo carinho, pelo amor que se desenvolve nessa relação enfim, eles provocam emoções variadas e desenvolvem vínculos significativos com os professores.

O sentido mágico que o professor acima dá ao sentimento que nasce (até mesmo involuntariamente) entre os alunos com dificuldades de comportamento demonstra um alto grau de afetividade nesse vínculo que essa relação propicia e cria entre ambos, especialmente no professor, leva o profissional a refletir e a se questionar diante dos diversos comportamentos que para uns são de indisciplina enquanto para outros professores pondera fazendo determinadas afirmações “isso é coisa da idade depois melhora” ou “é uma fase, mas são meninos bons” Estes e outros depoimentos demonstram que existe sim uma grande afetividade na relação professor-aluno.

Tento de toda maneira ajudar e isso gera uma confusão de sentimentos dentro de mim. Eu me pergunto: ‘Será que estou sendo uma boa professora para eles ou será que eu quero me transformar em uma mãe para tentar suprir um pouco

da falta de atenção e carinho que eles estão precisando (Ap. B – nº. 02-Hortência).

Alguns participantes sentem a necessidade de intervir diante de “alunos problemas”.

Geralmente são os alunos que mais precisam da gente (Ap. B – nº. 07-Crisântemo).

O professor acima compreende aquilo que Aquino (1999) preconiza as condutas problemas não podem constituir-se em “empecilhos” para ação do professor e das ações pedagógicas.

Esses são os que precisam de maior cuidado, precisam ser trabalhados em suas condutas, não aqueles que têm família que os orientam ou aqueles que não brigam ou fazem confusão na escola (Ap. B – nº. 06- Jasmim).

Acreditar no que faz é fundamental para se fazer bem, em especial os professores que estão constantemente envolvidos nas questões pessoais dos alunos. Neste íterim, é importante ressaltar ainda que não há docência sem discência, pois quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. E essa interação dialética professor-aluno, aluno-professor é que torna a prática pedagógica um desafio maior, não obstante muito mais prazeroso e criará laços de amizade e respeito favoráveis ao processo ensino-aprendizagem, despertando nos alunos direcionamentos mais solidários e democráticos em sua relação com a sociedade, que se percebe injusta na distribuição desigual dos benefícios sociais devido ao processo de produção desses bens nos moldes do capitalismo. Como declara (FREIRE, 1996, p. 87).

É preciso, porém, que tenhamos na resistência que nos preserva vivos, na compreensão do futuro como problema e na vocação para o ser mais como expressão da natureza humana de estar sendo, fundamentos para a nossa rebeldia e não para a nossa resignação em face das ofensas que nos destroem o ser. Não é na resignação mas na rebeldia em face das injustiças que nos afirmamos.

Faz-se necessário que o aluno compreenda o mundo em que vive e se proponha, como cidadão, a mudá-lo na busca de condições de vida plena para todos.

Parafraseando Freire (1996) ensinar exige enfrentar e responder aos desafios. Acrescentando a percepção de Aquino (2000), não existem pré-requisitos morais para o aproveitamento escolar.

Outro participante preocupado em intervir demonstra que a persistência, os enfrentamentos dos desafios trazem bons resultados.

Às vezes eu perco o sono. Eu acho que todos os alunos têm direito de aprender a ler e a escrever e o aluno indisciplinado também. Eu vou embora preocupada, o rendimento dele é prejudicado, ele acaba perdendo o conteúdo e tendo rendimento baixo. A gente tem que procurar várias formas de ajudar esse aluno, tentar descobrir o que se deve fazer para acomodá-lo, buscar, investigar, dar atenção, conversar. Você não pode abandoná-lo. Alguma coisa ele vai aprender, ele não vai sair sem saber nada (Ap. B – nº. 10- Suspiro).

Freire (1996) aponta que o educador progressista não pode se recusar a dar “atenção dedicada e amorosa à problemática mais pessoal deste ou daquele aluno” (p.163) porque não é psicólogo ou assistente social. Antes de tudo o professor deve estar na condição humana e, sendo assim, tem sempre uma dimensão terapêutica para oferecer ao outro.

Subcategoria 5.2 - A postura dos professores e o posicionamento da escola diante dos atos de indisciplina

São aqui apresentados pareceres que dizem respeito ao ponto de vista dos professores, a forma como eles representam e as expectativas que nutrem em relação às atitudes de seus alunos, dentro e fora da escola.

Eu sou muito radical, sabe? Aí eu derriço, falo o que eu tenho que falar, pra ele saber, eu sempre falo que pai, mãe e professor, e os mais velhos, têm que ser respeitados, aí eu falo o que tenho que falar, explico. Comecei a lecionar com 12 anos e nunca aconteceu comigo de aluno me mandar tomar em determinado lugar ou coisa parecida como já ouvir de alguns colegas isso nunca. (Ap. B – nº. 07-Lírio).

A gente tem que conquistar o aluno. A gente vai levando, tem que ter jogo de cintura. Tem que ter um pacto entre o aluno e o professor, tem que ter empatia, se não tiver isso não vai. Na base da autoridade é difícil, aí é difícil. Você tem que fazer uma troca com eles (Ap. B – nº. 04- Cravo).

Autoridade não. Existe espaço para o diálogo. O diálogo é importante, mas às vezes, se torna insuportável. Eles confundem liberdade com libertinagem. Cada professor é um professor. Eu sou de família de professores, mas vou confessar: eu tenho dificuldade muito grande em aceitar esta realidade que está tendo hoje: o aluno querer ditar regras, eu acho isso muito difícil. Ditar regras para o lado em que haja interesse não de conteúdo é tipo assim, desvirtuar uma matéria, então você acaba se debatendo. Ou você entra no esquema deles, dá o básico do básico ou... Tem caso que a gente tem que usar de autoridade. Muita falta de autoridade, não no sentido de autoritarismo, mas de chegar e dizer: olha, o professor aqui sou eu. É isso que está acontecendo, é essa falta de autoridade, essa falta de colocar quem é quem dentro da sala de aula é que está desencadeando isso aí, também. Eu não concordo com desrespeito, com uma adolescente fazendo o que quer, no momento em que ele quer, mas eu não concordo não adianta porque eles continuam fazendo. O que antes era raríssimo, alguém ser desobediente, assim alguém ser indisciplinado, hoje é raríssimo alguém estar preocupado com a disciplina (Ap. B– nº. 02- Hortência).

A gente deve ensinar e praticar a democracia. Eu acredito que a escola mudou muito, e pode ser que, não estejamos preparados para lidar com isso, tanto em nível de Brasil, e acaba refletindo aqui na escola também. Talvez você não esteja preparado para estar lidando com essa liberdade e acaba se perdendo, deixa muita liberdade e acaba se perdendo porque não sabe lidar com essa questão (Ap. B – nº. 08- Lírio).

Percebe-se, na fala do professor, certa preocupação com a forma de conduzir os atos indisciplinados e demonstra maturidade na reflexão do ensinar e praticar no exercício da democracia, ou seja, que o discurso seja coerente com a prática. Evidente que esse tipo de comportamento exige muito equilíbrio por parte do docente, autocontrole, paciência, maturidade.

Grande parte dos professores entende que não deve discutir com aluno em sala de aula, diante dos colegas. É comprar uma briga que o professor perde. Quando o professor discute com um adolescente diante de seu grupo de iguais, deixa o grupo contra o professor. Trata-se não só do orgulho pessoal do aluno, como de seu grupo que com ele se solidariza e muitas vezes se identifica.

Antigamente tinha aquele professor autoritário, dominador, aquele bem tradicional, o diretor que vigiava o professor, já começava a violência daí, de vigiar a sala de aula e olhar pela janela e escutar o que você estava falando. Hoje em dia tudo mudou, está o mundo moderno com o computador, e mesmo entre pais e filhos, professor e aluno são diferentes. Hoje você não vai impor aquela disciplina que tinha antes, que professor batia na mão de aluno,

não tem nem como hoje em dia. Hoje é mais através do diálogo, tratando de igual para igual. Tem vez que a gente até perde a estribeira (Ap. B – nº. 09- Rosa Amarela).

Eu sou um pouco autoritária, não sou de muito sorriso. Às vezes eu tenho que me impor um pouco, pela voz, não é fisicamente não. O meu sistema autoritário é encarar nos olhos, às vezes no grito, infelizmente. Isso funciona de 1ª a 4ª, de 5ª a 8ª não há autoridade, não, não existe mais porque se você tentar ser autoritária, eles te revidam (Ap. B – nº. 03- Dália).

Não existe mais o sistema autoritário, mas deveria existir. Não trazer de volta o passado, que não volta. Mas acho que deve ser uma coisa assim bem visual para o aluno, que ele saiba das regras e normas, quando um professor entrar em uma sala de aula, está entrando ali um professor, está entrando ali uma autoridade que é o seu professor, supervisão, orientação, direção. (Ap. B – nº. 12- Berduela).

A fala desta professora revela certo saudosismo exarcebado do autoritarismo hierárquico e possivelmente esta particularidade dificulta uma prática mais negociada entre as partes envolvidas.

Para Foucault (1994), o poder se produz a cada instante e não está centralizado num determinado lugar ou pessoa. Não é irradiado de um centro, mas é produzido, a cada instante, na multiplicidade da correlação de forças que se estabelecem. O poder circula e as pessoas que se submetem num momento poderão, em outro, exercer o poder. Afirma ainda que onde há poder há resistência, e os afrontamentos incessantes transformam o poder podendo invertê-lo. Certamente o professor precisa aprender a trabalhar com essas resistências, levando em conta a mecânica do poder.

Há o professor que justifica a falta de autoridade em nome do diálogo, da flexibilidade, alegando que o professor deve fazer do aluno um “auxiliar” e assim o aluno se sentir maravilhado, eu concordo, nós temos que buscar ele, trazer ele perto, olha, até o fato de ‘busca aquilo ali pra mim’ olha, venha aqui me ajudar, venha aqui na frente, ele se sente todo maravilhado, ele começa a mudar. Eu já observei isso, eu acho que posso chamar isso de elevar a auto-estima. (Ap. B – nº. 11- Antúrio).

Há o professor que acredita ser possível exercer a autoridade, não pelo medo, mas pela postura, firmeza, compromisso com o grupo, estabelecendo

regras de conduta no início do ano. Não existe mais espaço para ser autoritário da forma como era antes.

O relato abaixo, retirado de um dos trechos das entrevistas, reforça claramente esta afirmação.

Graças a Deus ainda tenho a capacidade de dominar, mas nem tanto, no 1º bimestre a gente tem que trabalhar com muito esforço, segurança e muito preparo para que se o aluno fizer uma pergunta tenho que responder (Ap. B – nº. 01- Rosa).

E continua a professora Rosa em seu depoimento.

Mas na hora de falar com o aluno você tem que ter coragem de 'peitar' porque se na 1ª vez o aluno te derrubar, não consegue mais. O pulso do professor em sala de aula tem muito a ver, não voltar atrás na palavra, não ter medo (Ap. B – nº. 01- Rosa).

Vacilou... falar mais uma coisinha: tem um aluno teimando comigo. Se eu deixar ele me vencer, você não domina mais aquela sala. Desculpas também não aceito, já fez não adianta pedir desculpa, na rua não é assim (Ap. B – nº. 10- Suspiro).

Quando isso ocorre, normalmente tem seu início com agressões verbais. A autoridade do professor, o poder disciplinar, deveria ser legitimado pela sua competência pedagógica, pelo saber, e não pela imposição, em nome da instituição escolar, como aparelho do Estado, via hierarquização.

Talvez o que esteja sendo sinalizado na crise da autoridade docente (AQUINO, 1996b; 1998), ainda que muitas vezes inconscientemente e de diferentes modos, é justamente a falência de um modelo de instituição calcado na idéia de disciplina. Supõe-se que é a própria configuração social que está se modificando está ligada à produção de outro sujeito, que se presentificará também nas relações entre professores e alunos, causando, muitas vezes, um estranhamento em ambas as partes.

Pode-se considerar que os professores fazem parte de uma nova produção subjetiva, e algumas vezes seu discurso se mantém amarrado em valores construídos na época em que eles próprios foram alunos. Em outras palavras, o professor escolar muitas vezes insiste num diagnóstico da rebeldia do aluno a partir do modelo do poder disciplinar em que ele, professor, foi sujeitado. Porém, para os

alunos, o professor pode aparecer como alguém desatualizado, seja em função das informações tecnológicas que eles rapidamente obtêm, ou mesmo em função da postura disciplinar creditada. Em contrapartida, uma questão presente aqui seria o porquê de alguém ocupar uma determinada posição de sujeito, e não outra, em sua organização subjetiva. Esta questão se remete à problemática da singularidade psíquica, daquilo que diferencia o entendimento que tanto os professores quanto os alunos afetam e são afetados pelo mesmo processo de mudança social.

Mais do que um desencontro entre gerações distintas, o que se apresenta aqui é um processo de transformação social que abarca a instituição escolar e seus agentes.

Dessa maneira, conforme coloca Aquino (1996a).

A indisciplina pode estar indicando o impacto do ingresso de um novo sujeito histórico, com outras demandas e valores, numa ordem arcaica e despreparada para absorvê-lo. Nesse sentido, a gênese da indisciplina não residiria na figura do aluno, mas na rejeição operada por esta escola incapaz de administrar as novas formas de existência social concreta, personificada nas transformações do perfil da clientela. Indisciplina, então, seria sintoma de injunção da escola idealizada e gerida para um determinado tipo de sujeito e sendo ocupada por outro. Equivaleria, pois, a um quadro difuso de instabilidade gerado pela confrontação deste novo sujeito histórico as velhas formas institucionais cristalizadas. Ou seja, denotaria as tentativas de rupturas, pequenas fendas em um edifício secular como é a escola, potencializando assim uma transição institucional, mais cedo ou mais tarde, de um modelo autoritário de conceber e efetivar a tarefa educacional para um modelo menos elitista e conservador. (p. 45).

Assim continua Guimarães (1988).

A violência nem sempre vem de fora. Ela pode surgir até na dinâmica da sala de aula. Todos estão cansados de saber que o papel de transmissor de conhecimento deixou de existir. Hoje cabe ao professor ensinar a pensar, a ter autonomia. Esse mecanismo, não há como negar, gera efervescência. Para manter o controle dentro desse novo modelo não podemos usar apenas a autoridade ou as regras. Quando imperam os mecanismos disciplinares que impõe a homogeneização e a submissão, a reação tende a explodir (p. 18).

Parece haver um consenso entre Foucault e Guimarães quando afirmam existir um novo sujeito sinalizando mudanças não somente no sentido do avanço tecnológico, mas, principalmente no tocante a forma de entendimento dos

mecanismos que regem os confrontos escolares gerando condutas indisciplinadas. Mas, se faz alguns questionamentos, esta escola que está aí, incluindo o professor, se preparou para receber, entender e levar ao sucesso este novo sujeito questionador, irreverente e autônomo? Será que esta forma de condução de aulas ainda continua sendo a mais adequada, diante do registro de tantas mudanças? Estas e outras indagações são postuladas, para no decorrer do estudo se encontrar respostas plausíveis e coerentes.

Subcategoria 5.3 - Apreciação do professor diante das angústias e insatisfações da profissão que escolheu

Os dados oficiais, sobre os resultados da educação brasileira, têm chamado a atenção de muitos, desde a esfera governamental até a do cidadão comum, passando pelos profissionais da educação. Poder-se-ia dizer, inclusive, que há uma espécie de "mal-estar" pairando sobre a escola e o trabalho do professor. A própria imagem social da escola parece estar em xeque de tal maneira que os profissionais da área acabam acometidos, de uma espécie de falta aguda de credibilidade profissional e esta realidade está inferida nas respostas emitidas pelos professores sujeitos da pesquisa se sentem desvalorizados, sem estímulo, mal remunerados, e certamente este estado de coisa deve estar interferindo diretamente no dia-a-dia do professor em sala de aula.

Eu acho que o professor está sendo desvalorizado, sim. O que eu sou contra é o professor ser psicólogo, mãe, essas coisas, ele não vai ser nada, então ele tem que ser educador. Está ali para ensinar, passar os conhecimentos. Financeiramente não. O professor está a desejar nesta parte (Ap. B – nº. 02- Hortência).

Eu sou uma pessoa que amo o meu trabalho e estou feliz dentro do que eu faço, mas eu acho que o professor está totalmente desestimulado em todos os sentidos, socialmente, sabe? Você não pode ter um lazer, não pode investir em material de pesquisa, nem pagar cursos, você não pode investir no seu crescimento profissional, intelectual, você acaba aprendendo com a vida. Tem uma sociedade que não apóia. Os alunos percebem isso. O professor perante a sociedade está numa situação muito humilhante, sabe? (Ap. B – nº. 06- Jasmim).

Eu acho que o professor teve uma queda muito violenta. Ele estava num patamar e de repente despencou. Ele está lá embaixo. Agora eu fico em dúvida se isso foi por conta do governo, pela questão salarial, ou pelo despreparo do professor. Caiu muito, não é? Caiu muito (Ap. B – nº. 04- Cravo).

Eu morava numa cidade pequena onde o professor era visto como um juiz, um padre, tinha, mais ou menos o mesmo status. Hoje o professor é visto como um simples trabalhador, e às vezes como um trabalhador que não sabe trabalhar com o material humano. A sociedade não tem valorizado mais. Há uma falta de consideração, se houvesse essa consideração, como antigamente, eu acredito que a educação estaria melhor. Nós deveríamos ter melhores salários, porque se tivéssemos melhores salários, seríamos melhores (Ap. B – nº. 14- Sorriso).

Hoje, depois das greves que nós tivemos houve uma decadência, uma desvalorização pela comunidade, eles associam, ah coitados... A professorinha do Brasil acabou, e isso tem que ser resgatado, para que continue tendo professor. Eu acredito que não vai ter mais, e está bem próximo, a criança está violenta demais. Eu lembro minha mãe, ela era a professorinha e criava seis filhos praticamente sozinha e não faltava nada. Hoje, se você perguntar para um professor se ele gostaria de ter um filho dele como professor ele dá é um grito: pelo amor de Deus, não, (Ap. B – nº. 12- Berduela).

Que valor temos? Se ganhamos menos que o gari, o vendedor? Cada ano fica pior, não tem respeito, salário ruim. O aluno pensa estudar para que? Se o professor ganha tão mal? É triste, entra governo sai governo e a valorização do professor fica só no discurso. Mas, enfim temos que continuar lutando (Ap. B – nº. 09- Rosa Amarela).

Já foi muito valorizado. Há muito tempo atrás o professor não fazia nem ficha para fazer compra, não é verdade? Hoje o salário é tão pouco. Coitado do professor (Ap. B – nº. 02- Hortência).

Não é necessário ser pesquisador ou ligado às práticas escolares para perceber a crise que se instalou no setor educacional e vem piorando nos últimos anos, em todos os níveis, basta um olhar mais apurado sobre os índices publicados de evasão e repetência para concluir o descaso com a educação é um fato real e o que o sistema tem feito para melhorar o desempenho das instituições educacionais, incluindo aí as agências formadoras? Muito pouco, de qualquer modo, o indício mais evidente dessa "crise" é que boa parte da população de crianças que ingressam nas escolas não conseguem concluir satisfatoriamente sua jornada escolar de no mínimo oito anos de escolarização obrigatório, processo este que se convencionou nomear como "fracasso escolar".

Os depoimentos dos professores entrevistados deixam claro que o problema não está somente na indisciplina ou nos conflitos dos alunos, mas, eles são generalizados e, a escola como uma instituição que reflete os conflitos sociais não vem dando conta de tantos problemas vão se avolumando e ninguém aponta solução, até porque não se sabe se estas existem, pois, as causas dos problemas

da escola, na sua maioria, são muito mais de ordem social, ou seja, externos e têm suas raízes nas questões do empobrecimento da população mais carente e na ausência de políticas públicas.

Todo este emaranhado de problema recai sobre os professores que acabam diante da falta de condições de trabalho, remuneração insignificante diante do valor social do professor, escolas desestruturadas e tantos outros problemas, entrando em conflito com suas indagações e ideologias tornando-se um profissional, muitas vezes, frustrado por não conseguir atingir seu objetivo como professor comprometido com o sucesso qualitativo dos alunos.

Categoria 06 – Perspectivas de mudança no desempenho final dos alunos diante dos atos indisciplinados

Percebe-se a preocupação dos professores no sentido da escola agir preventivamente, trocar experiências com outras escolas e outros professores. A escola representa para muitos alunos uma segunda ou quem sabe uma última oportunidade de integrarem-se na vida social.

Subcategoria 6.1 – O descompasso nos atos indisciplinados frente ao rendimento escolar

A escola deve estabelecer, no coletivo, os códigos claros de conduta e fixar regras e expectativas claras para a escola, e concomitantemente, não descuidar dos alunos individualmente, dos que precisa de uma ajuda específica, dando-lhes um tratamento especial.

Eles não reagem bem, eles não gostam que lhes chamem a atenção. O aluno acha que ele está certo, por isso você tem que tentar várias formas de agir para ver se ele melhora (Ap. B – nº. 11- Antúrio).

O professor está ficando dia a dia sem saber mais o que fazer. O professor está ficando simplesmente sem condição nenhuma porque ele não pode reagir. Ele não pode encostar num aluno, até carinho, a criança, você põe a mão no ombro dela, ela já empurra e fala: opa o que você quer professora? Então é assim, nós estamos levando, nós estamos levando, é essa a realidade (Ap. B – nº. 13- Cactos).

Certamente existe escola que punem e tentam controlar os comportamentos indisciplinados e violentos e outras que têm um programa de educação cujo objetivo é evitar ou substituir tais comportamentos. Cabe à escola o estabelecimento de uma política que se preocupe tanto com a aprendizagem acadêmica, quanto com os aspectos comportamentais.

No ponto de vista de Foucault (1994) se o sujeito se constitui através de práticas de assujeitamento ou, de maneira mais autônoma, através de práticas de liberdade, se pode concluir que a escola, apesar dos problemas existentes, torna-se um importante espaço de auto-afirmação e de desenvolvimento de um sujeito mais livre e autônomo.

Falta autoridade, autoridade de dizer: olha quem é professora aqui sou eu, e é isso que está acontecendo, é essa falta de autoridade, essa falta de colocar quem é quem dentro da sala de aula é que está desencadeando isso aí (Ap. B – nº.12 - Berduela).

Olha! tem sala que se você deixar, ele não deixa você dar aula, ele não que saber de aula, ele não quer saber de conteúdo. Eu vou dar um exemplo prático, se você disser que ele tirou zero na prova, eles fazem eco, aplaudem e dão risada. A nota não significa mais nada. Acham graça e até apostam para ver quem tira a nota mais baixa. O grupinho atrapalha não só o grupinho, mas o todo (Ap. B – nº. 03- Dália).

Atrasam, perturbam tudo para atrasar o ritmo do trabalho, tem que ficar chamando atenção, o rendimento do trabalho acaba sendo prejudicado. Mas quando o assunto é de interesse deles, ou seja, questões relativas a sexualidade a exemplo, os mesmos demonstram interesse e ficam quietos, agora quando se trata de conteúdos aí a situação fica complicada. Há um atraso no ritmo, dificuldades de dar aula e vencer o conteúdo (Ap. B – nº. 04- Cravo).

Estas verbalizações deixam patente a preocupação dos professores com os conteúdos programáticos e com a impotência de exercer uma completa autoridade na sala de aula.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1997) orientam para a transversalidade, ou seja, que o professor pode e deve desenvolver atividades e temas os mais variados para que o aluno tenha uma educação mais abrangente.

A perspectiva transversal aponta uma transformação da prática pedagógica, pois rompe o confinamento da atuação dos professores às atividades pedagogicamente formalizadas e amplia a responsabilidade com a formação dos alunos. Os Temas

Transversais permeiam necessariamente toda a prática educativa que abarca relações entre os alunos, entre professores e alunos e entre diferentes membros da comunidade escolar (p. 28).

Alguns teóricos também chamam a atenção para o fato de que, a escola não deve ser transformada em unidade terapêutica ou centro de recuperação, mas sim em instituição educacional em que haja um ambiente privilegiado de desenvolvimento e aprendizagem, um clima que favoreça não só a aquisição de conteúdos na esfera intelectual, mas igualmente nos demais âmbitos da existência humana.

Subcategoria 6.2 - Atitudes dos professores diante dos atos considerados indisciplinares

As respostas sobre esta questão foram surpreendentes uma vez que a maior freqüência foi de mandar o aluno para a direção tomar as providências cabíveis ao caso. Ainda tomam atitudes mais radicais, que além do exemplo acima, retiram aquilo que o aluno mais gosta como no caso da aula de Educação Física, por exemplo.

Além de não participar da aula, tem que ficar assistindo aos outros participarem das atividades (Ap. B – nº. 03- Hortência).

Embora isso seja feito com aviso prévio pode ser considerado como um tipo de chantagem, ou do tipo “toma lá, dá cá”.

Às vezes a gente não pode tomar uma atitude de mandar o aluno embora ou sancionar ele, deixar ele de castigo que venha a humilhar, ou neste sentido, não é? Então eu não me desgasto, mando logo para a orientação tomar providência (Ap. B – nº. 06- Jasmim).

Se você começa a chamar toda hora na orientação, você perde o teu respeito dentro da sala de aula, tua autonomia na sala. Então a gente tenta resolver. Agora, quando a gente vê que não tem mesmo solução, que é questão de agressão física, às vezes de roubo dentro da sala, aí a gente chama a orientação. A gente tem experiência, e quando percebe que vai desencadear algum lance mais... aí a gente já se antecipa. De certa forma me sinto impotente para resolver determinadas situações, (Ap. B – nº. 04- Cravo).

Se eu bater de frente com ele vou cair o que não posso: não posso falar mal do aluno, não posso expulsar o aluno, não posso isso, não posso aquilo, no entanto o aluno pode fazer o quer na minha aula (Ap. B – nº. 05- Violeta).

No entanto, a maioria prefere a via da negociação, da conciliação, da conversação, do diálogo, saber levar, relevar, ter jogo de cintura, chamar o aluno mais perto. Entre os professores com uma postura do tipo mais flexível temos depoimentos como estes.

Eu tento conciliar dentro da sala de aula. A gente vai tentar conciliar o lado amoroso, sentimental, da compreensão e ele não é acostumado com aquilo ali e já começa (Ap. B – nº. 10- Suspiro).

Se for uma coisa assim que dá para relevar, e depois chamar esse aluno para mais perto de você, eu prefiro assim (Ap. B – nº. 09- Rosa Amarela)

Há uma certa negociação na minha aula... e tenho conseguido muita coisa a favor (Ap. B – nº. 08-Rosa Amarela).

Para os professores a impotência que alguns sentem em relação à indisciplina do aluno, talvez possa estar deflagrando a existência de outros sujeitos em sala de aula e no ambiente escolar, marcados por essa nova modalidade de organização da instituição escolar, mas que também a constituem. Nessa medida, se pode afirmar que, se por um lado a escola reproduz os valores hegemônicos da sociedade, por outro, pelos impasses enfrentados em sala de aula e na escola como um todo, ela também participa da transformação desses valores, pois é um lugar fundamental na produção de sujeitos, sejam professores ou alunos.

Percebe-se mais uma vez, uma falta de consenso mínimo, por parte dos professores acerca do que fazer diante das diversas situações caracterizadas como sendo de indisciplina e como serão resolvidas e autoridade pode decorrer da competência que a pessoa tenha numa determinada área específica, é uma necessidade onde existe um grupo organizado e está intimamente relacionada com o sistema de poder.

É como se os professores se sentissem acuados, de um lado devem obedecer ao que o sistema educacional determina trabalhar nas condições determinadas por essa política, tanto salarial, como de infra-estrutura, e por outro lado sentem as exigências dos alunos, do ECA, dos pais e ficam sem saber o que fazer. Há certa crise de identidade profissional.

Foucault (2001) entende que a instituição escolar tem uma ação hegemônica, controlando o tempo, e o espaço dos alunos, classificando-os,

promovendo-os ou não, e que os mesmos devem ser ajustados aos exercícios escolares. Pelo depoimento de alguns professores, os mesmos não têm a preocupação de tornar seus alunos submissos e sim pretendem tratá-los de igual para igual, com diálogo.

Os professores enfatizaram que a questão do interesse ou do desinteresse do aluno pelo assunto que está sendo ensinado pode estar relacionado à indisciplina, ou seja, de forma transversal estão afirmando que os alunos se mostram indisciplinados quando a matéria que estão “passando” não é do interesse do aluno, o que equivale dizer que, do ponto de vista do aluno, a maior parte da matéria não é interessante para sua vida ou ele já a domina, e que o mesmo pode estar conversando e ao mesmo tempo estar prestando atenção no que o professor está falando.

Por um lado pode-se entender que alunos indisciplinados perturbam o ambiente de aprendizagem, mas este fato poderá ou não interferir na aprendizagem.

Ele pode ser indisciplinado, tagarela, falar alto, não estar no seu lugar, e ir muito bem no conteúdo e aquela pessoa, aquele outro aluno que não tem esse hábito de indisciplinado, inquieto, e não ir bem no conteúdo, na aprendizagem dele (Ap. B – nº. 11- Rosa Amarela).

De uma maneira geral nós temos os dois casos. Eu tenho caso de aluno indisciplinado de comportamento que tem um bom rendimento. No ciclo básico eles acabam passando automaticamente, fica bem comprometido, o prejuízo é grande, poderiam estar melhores (Ap. B – nº. 12- Berduelga).

A maioria das vezes sim, mas nem sempre. A gente tem aluno que é indisciplinado se a gente trabalha com um conteúdo que não é do interesse dele. Mas quando você trabalha com algum conteúdo que mexe com a atenção dele, ele se destaca, sabe? (Ap. B – nº. 06- Jasmim).

Os alunos indisciplinados na maioria são aqueles que estão saindo da faixa etária. Já sabem a matéria que está sendo passada. Uma questão complicada, porque se a gente pudesse trabalhar separado, na sala mesmo, uma matéria para esse aluno e outra matéria para o outro tranquilamente eu acho que resolveria... por outro lado o aluno que já sabe a matéria não se preocupa (Ap. B – nº. 04- Crisântemo).

Há que se considerar também que, muitas vezes, quando o aluno não encontra uma maneira positiva de se fazer notar, ser apreciado pelos colegas da sala ou pela escola como instituição, uma das formas de auto-afirmação pode ser a de se comportar mal, de não concordar com o grupo, isso não significa

que, no aspecto do desenvolvimento mental, implique baixo rendimento ou desempenho. A indisciplina, por si só, não é causa suficiente para justificar o baixo rendimento acadêmico, o que pode ser corroborado pelo depoimento dos entrevistados.

Categoria 07 – Nível de aprendizagem X atos disciplinares, uma relação complexa no contexto educativo

As respostas a essa questão mostraram uma ambigüidade, ou seja, percentual idêntico de professores entendem que sim, ou seja, alunos indisciplinados apresentam um rendimento inferior aos demais, e parte entendeu que não, podem ser indisciplinados, mas terem um bom desempenho acadêmico.

Subcategoria 7.1 - Os meios de punição, por parte dos professores, diante dos atos repetitivos de indisciplina

Essa é uma questão muito complexa e dividiu muito a opinião dos professores, uns afirmam que existe punição pela própria condição de vida que levam enquanto outros se queixam de não existir punição, ou que a lei do menor protege no caso o ECA.

Eu acho que a vidinha deles já é uma grande punição. Não é verdade professor? Às vezes eu faço, já falaram que não pode fazer, mas eu faço. Está atrapalhando muito eu coloco pra fora. Mando aqui pra baixo, certo? Mas é difícil (Ap. B – nº. 01- Rosa).

Pode-se observar que o discurso é um e a prática é outra. Mesmo afirmando que a vida deles já é uma punição e sabendo que não pode punir, mesmo assim eles fazem, ou seja, pune quando acha conveniente e, que na maioria das vezes leva a reprovação ou a evasão.

A gente sabe que alguns pais (dos alunos) são gente perigosa. Agora vai punir e dizer que não fica com medo? Fica sim, eles riscam o carro, tacam pedra na rua, e você vai chamar o pai na escola, ou avisar o pai, para ele surrar o filho e ele ficar ainda com mais raiva de você? (Ap. B – nº. 05- Violeta).

Eu acho que o aluno tem que aprender a reparar os erros. Aqui, hoje, houve um incidente. O aluno virou o latão de lixo, se eu fosse à diretora, eu conversaria com ele e diria: agora você vai pegar a vassoura, tá? Então não resolve a servente ir lá e limpar, e você trazer o aluno aqui pra conversar. Deve-se forçar uma atitude positiva para superar a negativa. Aluno chutou a porta eu faço sair, pedir licença e entrar, senão não entra. Só a punição pela punição, para mim não resolve. Precisa haver uma mudança de atitude e a escola tem que desempenhar esse papel (Ap. B – nº. 04- Cravo).

Alguma coisa tem que ser feita. Esse tipo de punição que no nosso regimento tem, não tem dado resultado. Tem que ter uma atitude mais rígida. Mas é porque também falta o apoio familiar, a criança vem muito sem limite pra escola, já desde pequena. Atitude tem que ser tomada, tem que ser tomada (Ap. B – nº. 02- Hortência).

O poder de punição dos professores, do ponto de vista da maioria dos participantes da pesquisa é praticamente inexistente. Segundo uma das professoras, não se pode isso, não se pode aquilo, o que mostra mais uma vez uma certa ambivalência entre o ser e o dever ser, entre o que a família e a comunidade espera dele e acredita que o professor e a escola possam e a realidade dos mesmos.

Os professores consideram que alguma coisa precisa ser feita. Não se sabe o quê, mas concordam que algo precisa mudar. Destaca-se a ênfase na necessidade do papel pedagógico da punição, estando esta vinculada à questão da tomada de decisão por parte da escola.

As regras unificadas descritas por Foucault (1994) e ditas como provenientes de instituições militares e religiosas parecem não ter lugar de forma tão clara como apregoadas. Normalmente os procedimentos são unificados no regimento da maioria das escolas, mas na prática os professores parecem não estarem coesos quando se trata de definir as regras constantes neste documento escolar.

A questão passa pela fragilização da definição das funções da escola, de seu papel e de sua função social, que tal qual a estruturação e os papéis da instituição família estão passando por uma remodelação.

Categoria 08 – Dilemas e conflitos vivenciados pelos professores diante da realidade investigada

O papel do professor na sociedade atual demanda entender como esse foi se constituindo através do caminhar da educação brasileira. Segundo Gadotti (1998), os cursos de formação de professores, mais especificamente o curso de pedagogia foi regulamentado no Brasil no período da ditadura militar, fato este que remete a pensar em um educador passivo, apolítico, técnico e sem preocupações sociopolíticas. Assim sendo, grande parte desses educadores, que hoje se encontra em sala de aula, foram alunos de professores que trabalhavam sobre a égide desse momento histórico.

(...) há uma contradição interna na educação, própria da sua natureza, entre a necessidade de transmissão de uma cultura existente – que é a tarefa conservadora da educação – e a necessidade de criação de uma nova cultura, sua tarefa revolucionária. O que ocorre numa sociedade é que uma das duas tendências é sempre dominante. (p. 74).

Nesta perspectiva, o autor acima entende que não há uma educação tão somente reprodutora do sistema e nem uma educação tão somente transformadora desse sistema, essas duas tendências coexistem no plano educacional numa perspectiva dialética e conflituosa. Assim sendo, o professor tem um papel sobretudo político e precisa problematizar a educação, buscando o porquê e o para quê do ato educativo; mais que isso, sua tarefa é a de quem incomoda, de quem evidencia e trabalha o conflito e tenta sua superação dialética.

Nesta perspectiva, o papel do professor necessita ser repensado, não podem mais agir de forma neutra nessa sociedade do conflito, apoiando-se apenas nos conteúdos, métodos, técnicas e sobretudo não podem mais ser omissos, pois os alunos pedem uma posição desses profissionais sobre os problemas sociais, não com o intuito de inculcação ideológica de suas crenças, mas como alguém que tem opinião formada sobre os assuntos mais emergentes e que está disposto ao diálogo, ao conflito e à problematização do seu saber.

A transformação social, que muitos almejam para uma sociedade mais justa, com menos desigualdades, onde todos tenham voz e vez, só será possível a partir do momento que se evidenciem os conflitos, não tentando escondê-los ou minimizá-los, mas que os tragam à tona, para que a educação busque

conjuntamente com outras instancias a superação deste sistema e não a sua manutenção. Faz-se necessário acreditar, que apesar da educação não poder sozinha transformar a sociedade em questão, nenhuma mudança estrutural poderá acontecer sem a sua devida contribuição.

Subcategoria 8.1 – Perspectivas, dos professores investigados, para o problema da indisciplina no contexto escolar

Buscou-se compreender o que os professores esperam dos alunos com condutas conflituosas e indisciplinas.

A maioria dos participantes da pesquisa retratou, que tais condutas são passíveis de serem modificadas, em decorrência do trabalho efetuado na escola e em outras instituições, formadoras como a família.

Se o professor trabalhar adequadamente, colocando limites, regras, os alunos aos poucos vão se moldando no contexto escolar (Ap. B – nº. 03- Dália).

Depende muito da maneira com que o professor for trabalhar com esse aluno nas séries iniciais, nos primeiros anos. Se o aluno chega na escola com esses problemas cabe ao professor procurar solucionar no início (Ap. B – nº. 11- Lírio).

Você pode descobrir o porquê da indisciplina e procurar trabalhar. A indisciplina tem o porquê: falta de atenção dos pais, problemas de auto-estima, dificuldades na aprendizagem. Sanando essas dificuldades eles deixam de serem indisciplinados (Ap. B – nº. 05- Violeta).

Outro participante salienta a necessidade desse trabalho educativo ser um contínuo na vida do aluno.

Acho que pode ser diferente no decorrer dos outros anos. O professor que pegá-los vai ter que achar uma solução. O professor deve estar passando para o outro e para o outro professor como foi à vida acadêmica desse aluno no ano anterior. As atitudes e valores deles terão que serem trabalhadas (Ap. B – nº. 01- Rosa).

Outra posição demonstra que o amadurecimento do aluno pode trazer melhoras na conduta.

Com o amadurecimento vão mudando, a indisciplina é também em decorrência da imaturidade. Com a idade vão melhorando (Ap. B – nº. 14- Sorriso).

O fato de ainda não terem interiorizado as regras de conduta é também apontado como fator desencadeante de tais atitudes indisciplinadas e, na medida em que o professor for trabalhando as normas de convivência vão sendo interiorizadas, os conflitos reduzidos e conseqüentemente os atos de indisciplina vão se modificando.

Muitos alunos podem apresentar indisciplina nos primeiros anos pelo desconhecimento das normas e limites. Se ele for bem trabalhado na questão dos limites ele melhora o comportamento (Ap. B – nº. 07- Crisântemo).

Este ponto de vista é compartilhado por Estrela (2002). Para essa autora o controle dos movimentos e reduções de deslocações constitui-se em uma tarefa difícil para o aluno e “(...) não se faz sem resistência e sem libertação da agressividade” (p.42).

Entretanto, um número reduzido de participantes mencionou que o aluno indisciplinado assim permanecerá durante todo o processo de escolarização.

Os alunos que entram na pré-escola e são indisciplinados, tendem a serem indisciplinados sempre. Podem manifestar essa indisciplina com mais ou menos freqüência, mas vão sempre apresentar (Ap. B – nº. 08- Lírio).

Com certeza, já vem de casa isso. Mesmo a escola trabalhando eles não se adapta. Em alguns casos chegam a abandonar a escola (Ap. B – nº. 05- Violeta).

Essas percepções favorecem a criação de rótulos e estereótipos. Este participante da pesquisa assim afirmou.

Às vezes muda a professora e acaba falando para outra também, de tal maneira que vai se tornando esperada essa conduta do aluno. Não tenta mudar [...], eu tenho um caso assim, dois irmãos que são considerados terríveis, sempre forma. Se eu pensasse assim: ‘Nossa eles são mesmo terríveis, não fazem nada’ e tratasse-os assim, não mudaria. Comigo eles estão que é uma belezinha (Ap. B – nº. 11- Antúrio).

O papel do indisciplinado tende a se perpetuar, se depender de professores como estes dos depoimentos abaixo.

Eles sempre acham um meio de culpar o professor e os professores já esperam a mesma postura daqueles alunos que eram indisciplinados no ano anterior, como se fosse uma marca que não muda (Ap. B – nº. 03- Dália).

O aluno que é indisciplinado na escola com certeza também o é na casa e muitas vezes você acaba encontrando-o nas ruas cometendo os mesmos e até piores comportamentos (Ap. B – nº. 13- Cactos).

O circuito interacional se fecha e o aluno se comporta mal, o grupo de professores, por sua vez, reclama da conduta do aluno, o rejeita, o rotula ou o aponta como o aluno indisciplinado este reage, numa seqüência que forma um padrão. O que ninguém percebe é que o comportamento do grupo repetitivo intensifica o problema.

Coll e Miras (1996) apontam que as expectativas desenvolvidas determinam condutas educativas, os alunos reagem aos tratamentos de maneira que confirmam as expectativas, impondo assim comportamentos. São as profecias auto-realizadas.

Os participantes da pesquisa demonstraram, na maioria dos depoimentos, o que esperam do aluno diante das tentativas do professor em corrigi-los em seus conflitos. Contudo colocam que, as medidas adotadas pelos professores diante de determinados problemas, que geram indisciplina repercutem de forma positiva acompanhadas de vínculos verdadeiros, uma postura respeitosa e democrática por parte do professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca pelo conhecimento passa por incontáveis direções, no entanto, a pesquisa in locos vem se caracterizando como um avanço importante nesta busca incansável da compreensão das questões mais urgentes da sociedade. Nesta perspectiva, sem a pretensão de oferecer soluções prontas nem acabadas, mas delinear reflexões que foram propostas no início desta discussão, optou-se pelo entendimento dos pensamentos expressos nas verbalizações dos professores, o que revelam suas ações pedagógicas e seu entrelaçamento com os atos indisciplinados próprios das interações no ambiente escolar, pois não se trata de um problema focado em uma vertente isolada, mas demanda assertivas que envolvem todo um contexto histórico/social/econômico.

A escola é representada como um universo adequado a apropriação dos saberes historicamente acumulados, os construídos e os vivenciados. Nessa perspectiva, o primeiro capítulo procura discorrer sobre os múltiplos olhares sobre a indisciplina no ambiente escolar, partindo de uma discussão mais ampla da conceituação do termo disciplina a partir da sua gênese, ou seja, do processo disciplinar que foi imposto historicamente a todos e que, possivelmente, ainda permanece de alguma forma, permeando determinadas ações não somente dos professores, mas de todos, que fazem o ambiente escolar.

Certamente, outras atribuições são conferidas, socialmente, a escola como a de disciplinarização de comportamentos que, segundo Aquino (1996a, p. 46) não pode significar ou substituir o “objetivo crucial da escola (a reposição e recriação do legado cultural)”. Essa é uma busca que está preocupando a todos, em especial os professores, que mesmo sentindo-se livres para tentar outras alternativas, parece não terem encontrado o caminho a ser percorrido.

De outra forma, as posturas oriundas de um passado, não muito distante, podem não serem tão úteis nos dias atuais, como também não promovem as mudanças tão necessárias à esfera educacional. Possivelmente, o que falta à educação passa pelo significado da transformação coletiva, em outras palavras, no entendimento de que as mudanças se operam por atos e decisões dos homens juntos, discutindo e, encontrando as possíveis respostas para os problemas

levantados, sem perder de vista as condições concretas para operar estas mudanças.

Embora historicamente as instituições escolares tenham sido constituídas para o desempenho de funções autoritárias e de submetimento as imposições, elas podem também desempenhar funções libertadoras, onde cotidianamente transmitam a paixão pelo conhecimento; desenvolvam o senso crítico dos professores e conseqüentemente dos alunos para resistirem as mais variadas formas de alienação e imposição; ajudando a escola a repensar o seu fazer, a sua estrutura e os seus processos; adequando-os aos novos tempos.

Nesta perspectiva, o segundo capítulo, discute a indisciplina como sendo uma relação conflituosa entre professor e aluno inseridos num contexto escolar, aqui representado por esta verbalização *“no planejamento escolar não se prioriza trabalhar comportamentos e atitudes, se prioriza os conteúdos acadêmicos, leitura, cálculo e escrita”* (Ap.B – nº. 11- Antúrio). Essa percepção conteudista, demonstrada no planejamento, pode revelar a leitura sinuosa e conotativa que é feita, tanto pelos professores como pela escola, do contexto pedagógico atual e, pode está estabelecendo relações e intencionalidades, implícitas, que produzem o efeito da indisciplina a qualquer ação ou ato que fuja aos padrões estabelecidos. Assim sendo, a noção de indisciplina neste planejamento pode estar refletindo crenças, valores e referências culturais que persistem a determinadas noções de escola, já deslocadas do seu tempo de validade.

As inquietações que os jovens levam para a escola são de todos os tipos e se expressam nas mais diversas formas como introvertidos, se mostrando apático a tudo e a todos ou extrovertidos, se revelando um indisciplinado perante as ações cometidas. Esses tipos de comportamentos, até poucos anos, ficavam restritas ao convívio entre amigos ou no ambiente familiar. Hoje se expressam facilmente a toda hora e lugar, inclusive dentro da escola. O que fazer diante dessas e outras atitudes ou comportamentos? Tentar ignorar e não perceber que se caracteriza como um grande problema? Fincar pé e dizer que não foi preparado para lidar com isso? Fingir que está à frente do quadro-negro apenas para "passar os conteúdos"? Alegar que não ganha para encarar essas questões? Nada disso, esta fala abaixo deixa clara a preocupação com estes alunos. *“A gente tem que procurar várias formas de ajudar esses alunos, tentar descobrir o que se deve fazer para acomodá-los, buscar, investigar, dar atenção, conversar. Você não pode abandoná-lo”* (Ap. B – nº. 10-

Suspiro). A escola foi mesmo invadida pelos grandes temas da vida real e não há outra saída senão envolver-se, ajudar, participar em maior ou menor grau. Romper o equilíbrio é um ato pedagógico transformador e significa impulsionar o aluno para frente.

O terceiro capítulo discorre sobre a abrangência da metodologia que norteou o desenvolvimento da pesquisa, sua trajetória na busca pelo seu objetivo e o confronto com os teóricos que versam sobre este assunto, visando uma finalização mais coerente sobre os acontecimentos.

Entende-se que a indisciplina guarda relações com todo o cenário educacional e envolve diversos atores em sua produção social. O estudo da percepção dos professores, portanto, fornece uma perspectiva sobre o processo de construção social da indisciplina, que pode ajudar a pensar particularmente a possibilidade de sua desconstrução. Neste sentido, o processo de elaboração da construção social da indisciplina é complexo e depende do contexto onde está inserido. Assim, as crenças dos professores acerca das expressões de indisciplina colaboram naquela construção, mas são instáveis, nem sempre enxergando como indisciplina os mesmos eventos em contextos diferentes. O que é denominado indisciplina nas escolas, pode ser pensado como uma construção social que ocorre através das interações entre professores, alunos e outros atores em um ambiente cultural de interação, a escola, que significa um mundo que é significado também pela existência de indisciplina.

O quarto e último capítulo analisa as verbalizações dos sujeitos da pesquisa, numa perspectiva de entendimento dos atos disciplinares e sua relação com os fatores internos e externos à escola. Entre as razões internas estariam, por exemplo, as condições de ensino e aprendizagem; a natureza do currículo; as características dos alunos; os modos de relacionamento estabelecidos entre alunos e professores e o próprio sentido atrelado à escolarização. Entre os fatores externos, destacam-se a violência social, a influência da mídia, desestrutura familiar e as condições socioeconômica dos alunos.

Um fato que foi notório durante a investigação foi a cobrança por parte de alguns professores da presença, atitude ou autoridade dos pais destes alunos, ditos problemáticos, na escola. *“Os pais trabalham o dia inteiro não têm tempo para educar mesmo à criança, trabalha o dia inteiro quando chega em casa então a criança pode tudo, chega na escola também pode tudo, não tem em casa (Ap. B -*

nº. 13- Cactos). Embora se tenha consciência que grande parte dos conhecimentos são advindos dos pais, professores e pessoas mais velhas, esta visão de mundo tipificada é admitida pelo grupo social onde se nasce e cresce, ou seja, são os costumes, hábitos e modos típicos de se comportar de um meio social com objetivo de alcançar determinados fins. Assim, a percepção sobre indisciplina remete aos valores, crenças e referências culturais afinal anacrônicas.

É sabido que alunos, independente da classe social a que pertença, estão sempre expostos a curiosidade, ao novo conhecimento, abertos às novas descobertas, mas, depende da proposta que está sendo formulada, toda essa agitação, movimentação, também pode vir a conduzir e acrescentar saberes. Talvez esteja de alguma forma indicando que se trata de uma recusa desse “novo” sujeito histórico a práticas fortemente arraigadas no contexto passado disciplinar, ou seja, uma tentativa de apropriação da escola de outra maneira, mais aberta, democrática. Pode se tratar também do clamor de um novo tipo de relação confrontativa, na maioria das vezes, pedindo passagem a qualquer custo. Nesse sentido, a indisciplina estaria indicando uma necessidade legítima de transformação no interior das relações escolares e, em particular, na relação professor-aluno.

Nessa perspectiva, é possível pensar que a educação que está acontecendo pode não está correspondendo aos anseios daqueles que estão ai para aprender e que este “novo” aluno esteja clamando por uma educação mais completa que leve em consideração não somente os conteúdos historicamente acumulados, mas, que possibilite um aprender mais amplo, diferenciado, onde este tenha oportunidade de pesquisar, confrontar experiências, vivenciar e relatar fatos do seu cotidiano, experimentar, errar e ele mesmo descobrir seus erros e consertá-los. Enfim, que o aluno se sinta numa comunidade de investigação constante, descobrindo coisas e fatos significativos, novas possibilidades de libertação e, conseqüentemente, de transformação social. O comentário desta professora retrata bem este caso “*Entre os meus alunos a sexualidade já está a flor da pele, eu então procuro trabalhar com eles textos que abordem esse tema. Se houver algum tipo de separação entre eles, eu procuro trabalhar temas como as discriminações através de textos, filmes, etc.*” (Ap. B – nº 05- Violeta).

Dessa forma, pode-se pensar em mudanças que incluam o professor como figura relevante dessa investidura, onde ele se autodenomine inovador, pesquisador,

experimentador e um dialogador, somente assim haverá uma convergência no modo de agir, de conduzir e relacionar-se com todo o universo que os rodeia.

Igualmente, o grande desafio de todos que fazem a escola atualmente passou a ser a garantia do acesso e da permanência dos alunos na escola com sucesso. Desta forma, serão apresentadas algumas perspectivas de ação no sentido da construção da disciplina no ambiente escolar. Esta é uma tarefa difícil, pois, de um lado, tem-se a forte demanda por parte dos professores pelo 'que fazer', estando já cansados de tanto ouvir críticas e mais críticas; e, de outro, se sabe do risco de as propostas serem tomadas como 'verdades, prontas e acabadas'. Entretanto, alerta-se de que não se trata de 'modelos' ou 'receitas', mas de alternativas que têm como função provocar a reflexão para o coletivo escolar, sem perder de vista a sua realidade, seu projeto educativo e a importância da construção de todos na práxis pedagógica. Há que se buscar também, em cada realidade, qual a forma necessária e possível de ação, articulando todas as frentes de luta. Não pode haver a ilusão de achar que o trabalho é fácil e sim humanizador, em que vai ser preciso interagir com alunos e professores; lutar contra a alienação construída e as forças desumanas que trazem dentro de si, como fruto de toda sua história de vida; a necessidade de a escola se organizar de tal forma que permita aos professores forjarem a vontade para a construção coletiva; um inarredável compromisso político, com a aprendizagem sólida e duradoura do aluno; a participação e envolvimento de todos no enfrentamento do problema.

Certamente, que estas e outras reflexões deverão ser discutidas por todos os segmentos da escola, em especial, ouvindo professores e alunos, desenvolvendo *“atividades que priorizem o respeito humano, a socialização entre eles, atividades recreativas ou escritas que busquem a socialização.”*, conforme sugere a professora Suspiro (Ap. B – nº. 10).

Outras alternativas poderão se concretizar, sem muitos transtornos, bastando apenas uma tomada de consciência crítica do problema, a soma de forças que busquem uma realidade diferente e uma produção de encontros e experiências que potencializem comunicações e relações significativas.

Entretanto, não se quer desconsiderar a escola da forma como está estruturada e iniciar o processo de reconstrução do zero. Muito pelo contrário, faz-se necessário ir além da dicotomia estabelecida entre tradição e renovação, avançando em direção a um novo relacionamento entre todos os participantes do processo

educativo como possuidores de experiências importantes a contribuir, permitindo espaço e empenho recíproco. Somente assim, se tem uma escola vigorosa e bem articulada com as mais recentes tendências do mundo do conhecimento. Estas e outras posições poderão se transformar em um importante passo para o processo de melhoria da convivência no ambiente escolar.

Tem-se claro que as discussões aqui levantadas não esgotam o universo das informações e que sempre serão observados outros focos de investigação e de possibilidades que contribuam para amenizar os atos indisciplinados no ambiente escolar. Essa dissertação também procurou demonstrar que educar é uma trajetória difícil de ser realizada e que só é possível com o empenho de todos, com um trabalho coletivo, autonomia nas decisões, liberdade nas ações pedagógicas, desenvolvimento do pensamento crítico e perseverança para não deixar que as relações contextuais silenciem e domestiquem alunos e professores.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. **Violência nas escolas**. Brasília: UNESCO, 2002.

ALVES, Rubem. **Para quem gosta de ensinar**. Campinas; Papyrus, 2004.

ANDRÉ, M.E.D.A. **Etnografia da Prática Escolar**. Campinas: Papyrus, 2004.

AQUINO, Júlio. G. **Relação professor-aluno: uma leitura institucional**. São Paulo: Instituto de Psicologia da USP, 1995 (tese de doutorado).

_____. **Confrontos na sala de aula**. 4ª ed. São Paulo: Summus, 1996a.

_____. A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. In: _____. (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 10 ed. São Paulo: Summus, 1996b.

_____. Ética na escola: a diferença que faz a diferença. In: _____. (Org.). **Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas**. 2 ed. São Paulo: Summus, 1998

_____. Autoridade docente, autonomia discente: uma equação possível e necessária. In: _____. (Org.). **Autoridade e autonomia na escola: alternativas teóricas e práticas**. 3 ed. São Paulo: Summus, 1999.

_____. **Do cotidiano escolar: ensaios sobre a ética e seus avessos**. São Paulo: Summus, 2000.

_____. **Ética e cidadania (Ofício de professor: aprender para ensinar)**. São Paulo: Fundação Victor Civita, 2001.

_____. A praga do w.o. pedagógico. **Revista Nova Escola**, Fundação Victor Civita, v. 150, p. 12 - 12, 01 abr. 2002.

ARAÚJO, Ulisses F. Moralidade e indisciplina: uma leitura possível a partir do referencial piagetiano. In: Aquino, J. (Org) **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.

_____. **O sentimento de vergonha como um regulador moral**. São Paulo: Instituto de psicologia, USP, 1998, (Tese de doutorado).

_____. **Conto de escola: a vergonha como um regulador moral**. São Paulo: Moderna; Campinas, SP: Editora da Universidade de Campinas, 1999a.

_____. Respeito e Autoridade na escola. In: AQUINO, J. (org.) **Autoridade e autonomia na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1999b

_____. Indisciplina na sala de aula. In **Jornada de Educação do Interior Paulista**, Marília, SP, 12 a 15 de abril de 2000a.

_____. Escola, democracia e a construção de personalidades morais. In **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 26, n.02, p.91 - 107, jul/dez. 2000b.

_____. Autonomia Moral e a Construção de uma Escola Democrática. In **Relatório Final de Pesquisa do Programa "Melhoria do Ensino público"** FAPESP, São Paulo, maio de 2001.

ARIÈS, Phillippe. **História social da criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Trad. Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, LTDA, 1977.

BOGDAN, Robert e BIKLEN, Sari. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Trad. Maria José Alves, Sara Bahia do Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Editora Porto, 1994.

BRASIL, **Estatuto da Criança e do Adolescente. (ECA)** Lei nº 8.069 de 13 de julho, 1996.

_____, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. Brasília: MEC/SEF, 1996.

_____, **Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CALDAS Aulete. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Delta, 1964.

CAMPEBELL, J. **O poder do mito**. São Paulo SP: Palas Athena, 1990.

CAPALBO, C. **Metodologia das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Antares, 1979.

CARITA, Ana & FERNANDES, G. **Indisciplina na sala de aula: como prevenir? Como remediar?** 2 ed. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

CARVALHO, Sérgio F. de. Os sentidos da (in)disciplina: regras e métodos como práticas sociais. In: Aquino, J. (Org) **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.

CASTANHEIRA, Ana M. P. e REHBERG, Lucilene L. Quando o professor provoca a indisciplina. In VASCONCELOS. Maria L. M. C. (org.) **(in)disciplina, escola e contemporaneidade**. Niterói: Intertexto: São Paulo: Mackenzie, 20001.

CERVO, A.L. & BERVIAN, P.A. **Metodologia Científica**. São Paulo: MAKRON Books, 1996.

CHIAVENATO, I. **Remuneração, Benefícios e Relações de Trabalho**. São Paulo: Atlas, 1998.

_____. **Introdução à Teoria Geral da Administração**. Rio de Janeiro: Campos, 1999.

COIMBRA, Lucília. A indisciplina extrapola a escola. **Mundo jovem: um jornal de idéias**. Agosto, 2002, p.10.

COLL, C. e COLOMINA, R. Interação Entre Alunos e a Aprendizagem Escolar. In. COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. (Org.). **Desenvolvimento Psicológico e Educação: psicologia da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

_____. e MIRAS, M. Representação Mútua Professor/Aluno e suas Repercussões sobre o Ensino e a Aprendizagem. In. COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. (Org.). **Desenvolvimento Psicológico e Educação: psicologia da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

D' ANTINO, M. E. F. e SILVA, A. C. Educação Infantil: o primeiro contato com normas institucionais. In VASCONCELOS, M. L. M. C. (Org.). **(In) Disciplina, Escola e Contemporaneidade**. São Paulo: Mackenzie, 2002.

DE LA TAILLE, Yves. **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

_____. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: Aquino, Júlio (Org). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.

_____. Autoridade na escola. In: AQUINO, Julio G. (Org.) **Autoridade e autonomia na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1999.

_____. **Limites: Três dimensões Educacionais**. São Paulo: Ática, 2001.

DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: **Conversações**. Trad. de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DURKHEIM, E. **O suicídio, estudo de sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1947.

_____. **Educação e Sociedade**. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

ENQUITA, M. F. **A face oculta da escola**. Porto Alegre: Artes médicas, 1989.

ESTRELA, Maria T. Valores e normatividade do professor na sala de aula. **Revista de Educação**, Lisboa: v. 5, n. 1, p. 65-77, jun. 1995.

_____. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. 4 ed. Porto: Porto Editora, 2002.

FERREIRA, Maria E. de M. P. Ciências e interdisciplinaridade. In: FAZENDA, Ivani C. A. (Org.) **Práticas interdisciplinares na escola**, São Paulo: Cortez, 2001.

FIAMENGHI, Geraldo A. Jr. & FILHO, João X. Reflexões sobre a indisciplina e a agressividade na escola atual. In VASCONCELOS, Maria L. M. C. (org.) **(in)disciplina, escola e contemporaneidade**. Niterói: Intertexto: São Paulo: Mackenzie, 2000.

FORTUNA, T. Indisciplina escolar: da compreensão à intervenção. In: Xavier, M. L. (Org.). **Disciplina escolar: enfrentamentos e reflexões**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: Nascimento da prisão**. 10ª ed. Tradução: Lígia M. Ponde Vassallo. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. **Microfísica do poder**. Org. e tradução: Roberto Machado. 16ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

_____. A sociedade disciplinar em crise (1978). In: MOTA, Manoel B. da (Org.) **Ditos e escritos IV: estratégia, poder-saber**. Trad. Vera Lúcia A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**, São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 25 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

_____. **Pedagogia de esperança**. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FRELLER, Cíntia C. **Histórias de indisciplina escolar: o trabalho de um psicólogo numa perspectiva winnicottiana**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

FUNES, Jaume. Descontrole ou revolta? Os educadores, os alunos e as incompatibilidades mútuas. In: ANTÚNEZ, Serafím, Et al. (Org.) **Disciplina e convivência na instituição escolar**. Tradução Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2002.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da práxis**. 2.ª ed., São Paulo: Cortez, 1998.

GARCIA, J. Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 95, p. 101-108, jan./abr. 1999.

_____. **Interdisciplinaridade, tempo e currículo**. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

_____. **A construção social da indisciplina na escola**. In: Seminário de Indisciplina na educação contemporânea, 1, Curitiba. **Atas**. Curitiba: UTP, 2005, p. 87-93.

GUIMARÃES, A. M.. "Indisciplina e violência: ambigüidade dos conflitos na escola". In: AQUINO, J. G. (org.). **Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996a.

_____. **A dinâmica da violência escolar: Conflitos e ambigüidade**. Campinas: SP, Autores associados, 1996b.

_____. **Vigilância, punição e depredação escolar**. Campinas: Papyrus, 1988.

GUIRADO, M. **Psicologia institucional**. São Paulo: EPU, 1996.

_____. **Psicanálise e análise do discurso: Matrizes institucionais do sujeito psíquico**. São Paulo: Summus, 1995.

_____. Poder indisciplina: os surpreendentes rumos da relação de poder. In: AQUINO, J. G. (org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.

HARDT, M. A sociedade mundial de controle. In: ALLIEZ, E. e DELEUZE G. (Org.) **uma vida filosófica**. São Paulo: Ed. 34, 2000.

HARKOT-DE-LA-TAILLE, E. **Ensaio semiótico sobre a vergonha**. São Paulo: Humanitas, 1999.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JAPIASSU, Hilton. **O mito da neutralidade científica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

LAKATOS, E. M. e MARCONI, M. A. **Metodologia Científica**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2006.

LARROCA, P. **Conhecimento Psicológico e Séries Iniciais: diretrizes para formação de professores**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1996, (dissertação de mestrado).

LAVILLE, C. & DIONE, J. **A Construção do Saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LUDKE, M. e ANDRE, M.E.D.A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 2004.

LUNA, J. **A Questão da Autoridade na Educação**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1991.

MACEDO de Lino. **Cinco estudos de educação moral**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

MARTINELLI, M. **Aulas de Transformação: programas de educação em valores humanos.** São Paulo: Fundação Petrópolis, 1996.

MARTINS, J. e BICUDO, M. A. V. **A Pesquisa Qualitativa em Psicologia: fundamentos e recursos básicos.** São Paulo: EDUC, 1989.

MASSAGUER, Miquel. A escola é nossa. O diálogo e a confiança mútua: instrumentos para a convivência e a disciplina no ensino fundamental. In: ANTÚNEZ, Serafím, Et al. (Org.) **Disciplina e convivência na instituição escolar.** Tradução Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MENIN, Maria S. de Stéfano. **Autonomia e heteronomia às regras escolares: observações e entrevistas na escola.** Instituto de Psicologia, São Paulo: Universidade de São Paulo, 1985 (Dissertação de Mestrado).

MINICUCCI, A. **Dinâmica de Grupos: Teorias e Sistemas.** São Paulo: Atlas, 1997.

MORENO, M. C. e CUBERO, R. Relações Sociais nos Anos Escolares: família, escola e companheiros. In: COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. (Org.). **Desenvolvimento Psicológico e Educação: psicologia evolutiva.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

MUSSEN, H. P. **Desenvolvimento e Personalidade da Criança.** São Paulo: Editora Habra, 1988.

NETO, Ana C. M. e BEUNO, José G. S. O exercício da autoridade docente. In VASCONCELOS, Maria L.M.C. (org.) **(in)disciplina, escola e contemporaneidade.** Niterói: Intertexto: São Paulo: Mackenzie, 2000.

OLIVEIRA, J. H. B. (In)disciplina na sala de aula: perspectiva de alunos e professores. **Psicologia, Educação e Cultura**, Lisboa, v. 6, n. 1, p. 69-99, 2002.

PADILLA, M. L. ; GONZÁLEZ, M. D. M. Conhecimento Social e Desenvolvimento Moral nos Anos Escolares. In. COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. (Org.). **Desenvolvimento Psicológico e Educação: psicologia evolutiva.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

PASSOS, Laurizete Ferragut. A indisciplina e o cotidiano escolar: novas abordagens, novos significados. In: AQUINO, Julio R. G. (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 1996.

PATTO, Maria S. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia.** São Paulo: Casa do psicólogo, 1999.

PIAGET, Jean. **O juízo moral na criança.** (orig. 1932), São Paulo: Summus, 1994.

_____ & GRÉCO, Pierre. **Aprendizagem e Conhecimento.** Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1974.

_____ & MACEDO, Lino de. **Cinco Estudos de Educação Moral**. São Paulo : Casa do Psicólogo, 1996.

PICKERING, P. **Como Administrar Conflitos**. São Paulo: Amadio, 2002.

PUIG, Josep. **A construção da personalidade moral**. São Paulo: Ática, 2000.

_____. **Democracia e Participação escolar**. São Paulo: Moderna, 2000.

REBELO, Rosana A. A. **Indisciplina escolar: causas e sujeitos: a educação problematizadora como proposta real de superação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

REGO, T. C. R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana. In: AQUINO, Júlio (Org). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.

ROCHA, M. R. M. **Crença, mito e verdade**. Tese (Doutorado em Educação) - Facultad de Ciencias de la Educació Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona 2002.

ROYER, E. A violência escolar e as políticas da formação de professores. In DEARBIEUX, E.; BLAYA, C. (Orgs.). **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia: Polêmicas do nosso tempo**. Campinas: Autores Associados, 1994.

SEVERINO, J. A. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, Ani M. da; RUIZ Alan B. e LAZZARIN Sandra. Problemas disciplinares mais freqüentes e suas causas: a visão do professor. In VASCONCELOS. Maria L. M. C. (org.) **(in)disciplina, escola e contemporaneidade**. Niterói: Intertexto: São Paulo: Mackenzie, 2001.

SILVA, Nelson P. **Ética, indisciplina & violência nas escolas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

TIBA, Içami. **Disciplina**. São Paulo: Editora Gente. 1996

_____. **Limites na medida Certa**. São Paulo: Editora Gente, 1996.

_____. **Ensinar Aprendendo**. São Paulo: Editora Gente. 1998

TRIVIÑOS, A. Introdução a Pesquisa em Ciências Sociais. **A pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987

VASCONCELOS, Celso dos S. Disciplina. **Construção da disciplina consciente e interativa na sala de aula**. São Paulo: Libertad, 2000.

VASCONCELOS, Maria L.M.C. A pesquisa como princípio pedagógico: discutindo a (in)disciplina na escola contemporânea. In _____(org) **(in)disciplina, escola e contemporaneidade**. Niterói: Intertexto: São Paulo: Mackenzie, 2000.

WALLON, H. **Psicologia e educação na Infância**. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

APÊNDICE A

ORGANIZAÇÃO DO PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Nº	Nome fictício	Idade	Sexo	Disciplina que leciona	Curso de graduação	Curso de pós-graduação	Tempo de magistério	Trab. em outra escola
01	Rosa	44	F	Geografia	Geografia	Meio ambiente	26 anos	Não
02	Hortência	40	F.	Soc. e Cultura	História	Identidade Cultural	18	Sim
03	Dália	42	F	Ciências	Ciências Biol.	Educ. Ambiental	14	Sim
04	Cravo	28	M	Educ. física	Educ. física	Psicopedagogia Institucional	08	Não
05	Violeta	47	F.	Português	Língua portuguesa	História da arte	25	Sim
06	Jasmim	32	F	Geografia	Geografia	Não possui	10	Sim
07	Crisântemo	41	F	Português	Língua Portuguesa	Literatura brasileira	19	Sim
08	Lírio	34	M	História	História	Educ. e Patrimônio Público	14	Sim
09	Rosa Amarela	40	F	Inglês	Inglês	Met. do Ens. da Língua Inglesa	22	Sim
10	Suspiro	39	F	Matemática	Matemática	Educ. Matemática	07	Não
11	Antúrio	37	M	Matemática	Matemática	Não possui	16	Sim
12	Berduelga	29	F	Redação	Língua-portuguesa	Literatura brasileira	05	Não
13	Cactos	48	M	Arte	Arte	Arte e comunicação	26	Sim
14	Sorriso	25	F	História	História	História	02	Sim

APÊNDICE B

Prezado (a) Professor (a):

Estou realizando uma pesquisa científica, como exigência do curso e mestrado em Ciências da Educação pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, cujo objetivo, desta investigação, é analisar os olhares dos professores face à indisciplina no ambiente escolar.

Garanto que suas respostas serão tratadas com ética e seriedade, respeitando o sigilo de sua identidade, conforme as normas acadêmico-científicas.

ROTEIRO DA ENTREVISTA

- 01 – Como você define o termo indisciplina no seu contexto mais amplo?
- 02 – O que a escola pode fazer para reduzir a indisciplina e em seus ambientes?
- 03 – O Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA – tem contribuído para que os alunos se tornem mais ou menos indisciplinados?
- 04 – No seu entendimento quais as causas da indisciplina no ambiente escolar?
- 05 – Quem poderá ser responsável pelo aumento da indisciplina no ambiente escolar?
- 06 – Há uma faixa etária em que os casos de indisciplinas são mais freqüentes?
- 07 – Como você vê a questão da autoridade do professor tão questionada nos últimos dias?
- 08 – De que forma os professores podem contribuir para a redução dos casos de indisciplina na escola?
- 09 – Você está contente com o papel que o professor representa hoje na sociedade?
- 10 – Quais as expectativas de melhoria do quadro de indisciplina na escola diante das inovações e dos avanços tecnológicos?
- 11 – Você acha que a indisciplina tem relação direta com o desempenho final dos alunos?
- 12– No seu entendimento o que contribui para o aumento da indisciplina no ambiente escolar?
- 13– Quando ocorre um ato de indisciplina durante sua aula, como você resolve?
- 14 – Como é trabalhar em uma escola onde se verifica tantos atos indisciplinares?

ANEXO

ENTREVISTAS COM PROFESSORES

R
O
S
A

Indisciplina ocorre na relação professor-aluno... Indisciplina é geralmente, quando ultrapassam os limites.

As atitudes de gritar um com o outro, pegar as coisas dos colegas sem pedir permissão, não respeitar os colegas, empurrá-los na hora da saída e da entrada, xingar.

Detectar as possíveis causas da indisciplina, uma vez que a realidade de cada escola lhe é peculiar. Detectando as causas, trabalhá-las no sentido de exterminá-las ou amenizá-las. Mas, esse trabalho tem que ser feito com a colaboração da comunidade escolar. Não é algo somente da direção.

Às vezes é por que algum fato violento que ocorreu em casa entre os pais, ou mesmo entre os colegas na rua, a falta de atenção dos pais para com essas crianças. O modo como se comportam, reflete o modo como foram criados, sem regras e direção por parte dos adultos que com eles convivem.

Eu marquei em um cartaz, e falei: 'Agora vocês vão cobrar de mim e eu de vocês'. Falei que a professora não podia chegar atrasada, tinha que cumprir um horário e eles também. Todos que chegarem atrasados devem dar justificativas... na hora do hino, acho até engraçado, se eu não for lá na fila com eles, eles não entram, as outras turmas entram e eles não, até eu chegar.

Sim, eles sabem muito dos direitos deles, eles não sabem dos deveres, entendeu? Dos direitos eles sabem. Chega, não se a senhora relar a mão em mim eu vou ao Conselho Tutelar... essa arma eles têm. Tem algumas mães aqui, que falam assim: não adianta ir lá ao Conselho, eles só dão razão para a criança e a criança perto, quando a mãe vai ao Conselho, aí sim, perde todo o limite. Acho que nem eles lá, tem bem definido o que os pais podem. Dar uma palmadinhas para educar é espancamento, já vai lá, pronto aí já vira aquele, e nós temos crianças aqui que estão bem dentro, geralmente são aqueles que não têm limites mesmo, aqui na escola.

... Existem atitudes que nós mesmos tomamos que gera conflito, a forma como tratamos certas crianças, tratando-as de maneira diferenciada em função de seus constantes conflitos.

Muitas pessoas atribuem a culpa pelo comportamento indisciplinado do aluno à educação recebida na família, assim como à dissolução do modelo nuclear familiar. Muitas crianças têm uma criação familiar totalmente autoritária, e por esta razão não conseguem viver em ambiente democrático. Outras têm pais que dão liberdade excessiva aos filhos, criando filhos indisciplinados, cheio de dengos, que não conseguem conviver com obrigações rotineiras e sentem-se frustrados quando não são o centro das atenções.

Reconheço que a maior parte dos alunos vem de lares desestruturados, são filhos de pais separados, por isso apresentam um comportamento tão agressivo.

Mas, podemos acrescentar outra causa: à desvalorização da escola por parte dos pais, que dificilmente aparecem na escola, muito menos nas reuniões, além de não acompanhar as lições dos filhos e tomar conhecimento de seus comportamentos na escola.

São aqueles que acabam dando mais carinho, acabam sendo especiais para mim.

Graças a Deus ainda tenho a capacidade de dominar, mas nem tanto, no 1º bimestre a gente tem que trabalhar com muito esforço, segurança e muito preparo para que se o aluno fizer uma pergunta tnho que responder.

Mas hora de falar com o aluno você tem que ter coragem de 'peitar' porque se na 1ª vez o aluno te derrubar, não consegue mais. O pulso do professor em sala de aula tem muito a ver, não voltar atrás na palavra, não ter medo.

Eu acho que a vidinha deles já é uma grande punição. Não é verdade professor? Às vezes eu faço,

	<p><i>já falaram que não pode fazer, mas eu faço. Está atrapalhando muito eu coloco pra fora. Mando aqui pra baixo, certo? Mas é difícil.</i></p> <p><i>Acho que pode ser diferente no decorrer dos outros anos. O professor que pegá-los vai ter que achar uma solução. O professor deve estar passando para o outro e para o outro professor como foi à vida acadêmica desse aluno no ano anterior. As atitudes e valores deles terão que serem trabalhadas.</i></p>
<p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">H O R T Ê N C I A</p>	<p><i>É o ato que contraria a ordem, a organização e que atrapalha o bom relacionamento e o funcionamento de qualquer atividade.</i></p> <p><i>Disciplina de um modo geral é amplo, trata-se de um regime que é imposto ou livremente consentida em função do bom andamento de dentro de uma estrutura que como tal, tem seus objetivos a serem alcançados. Toda organização humana em qualquer grupo social a disciplina será elemento indiscutível apesar do processo coercitivo</i></p> <p><i>Eu tento fazer com que ele se interesse pelo menos em desenvolver o mínimo em sala de aula, digo: 'Faz essa tarefa, depois eu deixo você sair, só essa atividade. Você sai, esfria a cabeça, depois volta para fazer mais.</i></p> <p><i>A escola deveria dar um apoio aos pais... Agindo na família, essa família passa a se estruturar melhor e enviar, mandar seus filhos mais calmos para a gente.</i></p> <p><i>O Estatuto da Criança e do Adolescente é mais um código moral que vem justificar a incompetência organizacional que favorece direito, mas nega o cumprimento do dever do estudante, principalmente no processo cognitivo a partir da escola que pensa ser apenas o espaço físico tudo para se construir cidadania, visto que o estudante já sai de casa sem alimentação, sem moradia digna, sem saúde mental, sem qualidade competitiva. Quando a mente não está direcionada para uma satisfação na conjuntura moral, será direcionada para o oposto. Vem a lei como pano de fundo querendo subjugar o que não é julgável.</i></p> <p><i>Eu procuro nas ações do dia-a-dia mostrar para eles o que é certo e o que é errado, o momento exato para falar, o respeito ao próximo, a hora de cumprir as tarefas, a hora de brincar. Procuro fazer com que interiorizem aquilo, não só falando por falar.</i></p> <p><i>Imaturidade, quando a criança não está pronta para estar naquela realidade, naquela série, aí causa dificuldade de se adaptar as regras da escola.</i></p> <p><i>Tento de toda maneira ajudar e isso gera uma confusão de sentimentos dentro de mim. Eu me pergunto: 'Será que estou sendo uma boa professora para eles ou será que eu quero me transformar em uma mãe para tentar suprir um pouco da falta de atenção e carinho que eles estão precisando.</i></p> <p><i>Autoridade não. Existe espaço para o diálogo. O diálogo é importante, mas às vezes, se torna insuportável. Eles confundem liberdade com libertinagem. Cada professor é um professor. Eu sou de família de professores, mas vou confessar: eu tenho dificuldade muito grande em aceitar esta realidade que está tendo hoje: o aluno querer ditar regras, eu acho isso muito difícil. Ditar regras para o lado em que haja interesse não de conteúdo é tipo assim, desvirtuar uma matéria, então você acaba se debatendo. Ou você entra no esquema deles, dá o básico do básico ou... Tem caso que a gente tem que usar de autoridade. Muita falta de autoridade, não no sentido de autoritarismo, mas de chegar e dizer: olha, o professor aqui sou eu. É isso que está acontecendo, é essa falta de autoridade, essa falta de colocar quem é quem dentro da sala de aula é que está desencadeando isso aí, também. Eu não concordo com desrespeito, com uma adolescente fazendo o que quer, no momento em que ele quer, mas eu não concordar não adianta porque eles continuam fazendo. O que antes era raríssimo, alguém ser desobediente, assim alguém ser indisciplinado, hoje é raríssimo alguém estar preocupado com a disciplina.</i></p> <p><i>Eu acho que o professor está sendo desvalorizado, sim. O que eu sou contra é o professor ser psicólogo, mãe, essas coisas, ele não vai ser nada, então ele tem que ser educador. Está ali para ensinar, passar os conhecimentos. Financeiramente não. O professor está a desejar nesta parte.</i></p> <p><i>Já foi muito valorizado. Há muito tempo atrás o professor não fazia nem ficha para fazer compra,</i></p>

	<p><i>não é verdade? Hoje o salário é tão pouco. Coitado do professor.</i></p> <p><i>Além de não participar da aula, tem que ficar assistindo aos outros participarem das atividades.</i></p> <p><i>Alguma coisa tem que ser feita. Esse tipo de punição que no nosso regimento tem, não tem dado resultado. Tem que ter uma atitude mais rígida. Mas é porque também falta o apoio familiar, a criança vem muito sem limite pra escola, já desde pequena. Atitude tem que ser tomada, tem que ser tomada.</i></p> <p><i>Trabalhar todos os problemas causadores da indisciplina. A pergunta é a escola está preparada para combater a indisciplina. Não. Faltam profissionais qualificados para tantos e propostas satisfatórias para realizar as vontades construtivas do aluno. É um trabalho lento, porém com resultados prazerosos para os três. Escola, professor e aluno que estão vivendo no conjunto organizacional escolar. Não se resolve indisciplina com advertência, suspensão expulsão. Afinal a escola é um ambiente de produção de conhecimentos, conseqüentemente de mudança d mentalidade. Pincel, quadro e alguns livros não serão suficientes para resolver a insatisfação geradora da indisciplina</i></p>
D Á L I A	<p><i>O termo não está limitado apenas à desordem nas dependências da escola, mas à falta de interesse pelo estudo, sem pensar nas conseqüências desses atos para o seu futuro profissional.</i></p> <p><i>Alunos hoje, não só falam palavrões, ou bagunçam durante a aula, eles levam armas para a escola” continua: “Lei na escola não tem, muito menos apoio. Todos tiram seu corpo fora e chega o fim do ano temos que passar estes alunos ainda. Com isso, o conteúdo não deu tempo de passar, porque ficou correndo atrás de um ou de outro.</i></p> <p><i>A maioria é apática, passiva ou agressiva, ou uma coisa ou outra. Se ela é apática porque não tem objetivo, se ela é agressiva também não tem. Eles não têm objetivo nenhum na frente.</i></p> <p><i>Acredito que a questão da indisciplina não esteja ligada ao reconhecimentos de direitos dos jovens prevista em lei, mas a uma perda de valores que atinge principalmente o ambiente doméstico</i></p> <p><i>Eu acho que é mais trabalhado no ensino religioso... como eu não dou ensino religioso, só quando aparece no texto (); No nosso caso é mais bem trabalhado na Educação Cristã.</i></p> <p><i>Sim. Entre os 13 e 16 anos.</i></p> <p><i>É praticamente impossível falar em autoridade do professor quando se trabalha com crianças e adolescentes que desrespeitam até mesmo os próprios pais.</i></p> <p><i>... por vezes são aceitos porque os outros têm medo deles e para continuarem a serem aceitos, permanecem colocando medo neles.</i></p> <p><i>Eu sou um pouco autoritária, não sou de muito sorriso. Às vezes eu tenho que me impor um pouco, pela voz, não é fisicamente não. O meu sistema autoritário é encarar nos olhos, às vezes no grito, infelizmente. Isso funciona de 1ª a 4ª, de 5ª a 8ª não há autoridade, não, não existe mais porque se você tentar ser autoritária, eles te revidam.</i></p> <p><i>Sim. O mau comportamento e o desinteresse pelo estudo dificultam a aprendizagem e são evidenciados nos resultados, não apenas no que diz respeito às notas, mas a uma posterior colocação no mercado de trabalho.</i></p> <p><i>O contato com outros jovens indisciplinados; Falta de acompanhamento familiar; Uso de drogas</i></p> <p><i>Olha! tem sala que se você deixar, ele não deixa você dar aula, ele não quer saber de aula, ele não quer saber de conteúdo. Eu vou dar um exemplo prático, se você disser que ele tirou zero na prova, eles fazem eco, aplaudem e dão risada. A nota não significa mais nada. Acham graça e até apostam para ver quem tira a nota mais baixa. O grupinho atrapalha não só o grupinho, mas o todo.</i></p>

	<p><i>Se o professor trabalhar adequadamente, colocando limites, regras, os alunos aos poucos vão se moldando no contexto escolar.</i></p> <p><i>Eles sempre acham um meio de culpar o professor e os professores já esperam a mesma postura daqueles alunos que eram indisciplinados no ano anterior, como se fosse uma marca que não muda.</i></p>
C R A V O	<p><i>Se levamos em conta os sentidos da língua portuguesa, poderíamos dizer que indisciplina seria “todo o ato ou dito contrário à disciplina que levam a desordem ou a rebelião”.</i></p> <p><i>Um mexe com o outro, chega a dar rasteira, esconde o material.</i></p> <p><i>Geralmente, nas séries iniciais é o egocentrismo que as crianças ainda não perderam, eles não conseguem dividir nada com os seus colegas e querem toda a atenção voltada só para eles, inclusive da professora. Esse é o principal gerador de conflito nessa fase em sala de aula.</i></p> <p><i>A escola não pode ser vista apenas como reflexo da opressão, da violência e dos conflitos que ocorrem na sociedade. Posso dizer que a escola produz seu próprio estilo de violência e de indisciplina e cabe a ela analisar a sua realidade e detectar os meios de amenizar seus problemas</i></p> <p><i>Poucas pessoas conhecem o ECA e o que nele está contido, principalmente seus principais interessados – os menores. Eles acham que existe um estatuto que os amparam, mas não procuram saber o que nele está escrito. É bem verdade que a maioria desses “amparados” só procuram conhecer o ECA quando é motivo de alguns “pontos extras” em um trabalho de redação!</i></p> <p><i>Assim, não creio que seja o ECA um dos fatores de indisciplina.</i></p> <p><i>Esta diferença já não existe. Porque você pega essa dificuldade que a gente está tendo de trabalhar, desde a 1ª série até a 8ª e ensino médio, Portanto, essa falta, proveniente da falta de limites, de educação, de insolência, de agressividade que eles têm vem desde pequeno. Já não existe mais diferença.</i></p> <p><i>A gente tem que conquistar o aluno. A gente vai levando, tem que ter jogo de cintura. Tem que ter um pacto entre o aluno e o professor, tem que ter empatia, se não tiver isso não vai. Na base da autoridade é difícil, aí é difícil. Você tem que fazer uma troca com eles.</i></p> <p><i>Eu acho que o professor teve uma queda muito violenta. Ele estava num patamar e de repente despencou. Ele está lá embaixo. Agora eu fico em dúvida se isso foi por conta do governo, pela questão salarial, ou pelo despreparo do professor. Caiu muito, não é? Caiu muito.</i></p> <p><i>Atrasam, perturbam tudo para atrasar o ritmo do trabalho, tem que ficar chamando atenção, o rendimento do trabalho acaba sendo prejudicado. Mas quando o assunto é de interesse deles, ou seja, questões relativas a sexualidade a exemplo, os mesmos demonstram interesse e ficam quietos, agora quando se trata de conteúdos aí a situação fica complicada. Há um atraso no ritmo, dificuldades de dar aula e vencer o conteúdo.</i></p> <p><i>Se você começa a chamar toda hora na orientação, você perde o teu respeito dentro da sala de aula, tua autonomia na sala. Então a gente tenta resolver. Agora, quando a gente vê que não tem mesmo solução, que é questão de agressão física, às vezes de roubo dentro da sala, aí a gente chama a orientação. A gente tem experiência, e quando percebe que vai desencadear algum lance mais... aí a gente já se antecipa. De certa forma me sinto impotente para resolver determinadas situações.</i></p> <p><i>Eu acho que o aluno tem que aprender a reparar os erros. Aqui, hoje, houve um incidente. O aluno virou o latão de lixo, se eu fosse à diretora, eu conversaria com ele e diria: agora você vai pegar a vassoura, tá? Então não resolve a servente ir lá e limpar, e você trazer o aluno aqui pra conversar. Deve-se forçar uma atitude positiva para superar a negativa. Aluno chutou a porta eu faço sair, pedir licença e entrar, senão não entra. Só a punição pela punição, para mim não resolve. Precisa haver uma mudança de atitude e a escola tem que desempenhar esse papel.</i></p>

	<p><i>Procuo conversar com o aluno fazendo com que ele entenda que ali não é lugar para badernas. Caso persista, levo-o aos coordenadores para que eles tomem as medidas cabíveis.</i></p> <p><i>Queremos nos atualizar, temos vontade e tudo, mas não nos dão condições, voltamos para a escola onde nós só temos o discurso, então aí fica difícil.</i></p>
<p>V I O L E T A</p>	<p><i>É quando não obedecem às regras e limites, não aceitam o que o professor fala.</i></p> <p><i>Aquele que não respeita as regras da sala de aula, que não gosta de ouvir, que não respeita a individualidade dos demais.</i></p> <p><i>Não tem perspectiva de futuro, eles vivem num contexto sócio econômico de muita dificuldade... sonham muito alto... mas se contentam com pequenas coisas, o que a escola pode oferecer foge dos interesses deles.</i></p> <p><i>A nossa responsabilidade é muito grande, e não vai resolver o problema colocar o aluno fora da escola. Eu penso que quando acontece muito isso está na hora de parar, pensar e ver o que está acontecendo, porque com determinado professor não existe indisciplina e com outro é todo dia?. Acrescentando, não é só culpa do aluno não, tá? Eles não estão aqui para serem mandados embora, porque senão fica muito fácil, vamos esvaziar a escola, então para que vai servir a escola? Não é verdade? É uma grande luta.</i></p> <p><i>Por exemplo, entre os meus alunos a sexualidade já está na flor da pele, eu então procuro trabalhar com eles textos que abordem esse tema. Se houver algum tipo de separação entre eles, eu procuro trabalhar temas como as discriminações através de textos, filmes, etc. Sempre procurando amenizar os conflitos que eles estão passando.</i></p> <p><i>É o aluno que ainda é egocêntrico, eles querem tudo do jeito deles, inclusive a atenção exclusiva do professor para com ele.</i></p> <p><i>Ele não é aceito pelos colegas. Em uma atividade em sala de aula eu pedi que os alunos escrevessem o nome de um amigo. O Pedro, aquele briguento, não escreveu alegando não ter amigos, ele sentia que não era bem aceito pelos colegas.</i></p> <p><i>Muitas vezes eles não querem trabalhar e nós professores pedimos que façam as tarefas e eles não gostam, não estão interessados nos assuntos, aí gera conflito com o professor.</i></p> <p><i>Eu vou falar em nível de séries, de quinta a sexta série, parece que existe mais indisciplina dentro da sala, na sétima e na oitava eles já conseguem se controlar melhor.</i></p> <p><i>Aqueles que têm problemas são difíceis. A Sabrina e o Tiago que tomam remédios controlados... é difícil. Se não tiver ninguém para brigar com eles, eles brigam sozinhos e não aceitam em nada que você sugere. A Sabrina mesmo, ela está escrevendo e dá uma coisa na cabeça dela e joga tudo, a carteira, o caderno, sem mais nem menos... Mesmo tomando remédio. Ela bateu em mim, quebrou a televisão em casa. Assim relatou a mãe.</i></p> <p><i>Bom, no início foi um susto, só que a gente vai se apegando, hoje eu sou apaixonada por eles, e eles também por mim... apesar de tudo. Quando preciso me afastar por alguns dias, a minha volta é uma festa parece que está chegando à mãe.</i></p> <p><i>Se eu bater de frente com ele vou cair o que não posso: não posso falar mal do aluno, não posso expulsar o aluno, não posso isso, não posso aquilo, no entanto o aluno pode fazer o que quer na minha aula.</i></p> <p><i>A gente sabe que alguns pais (dos alunos) são gente perigosa. Agora vai punir e dizer que não fica com medo? Fica sim, eles riscam o carro, tacam pedra na rua, e você vai chamar o pai na escola, ou avisar o pai, para ele surrar o filho e ele ficar ainda com mais raiva de você?</i></p>

	<p><i>Você pode descobrir o porquê da indisciplina e procurar trabalhar. A indisciplina tem o porquê: falta de atenção dos pais, problemas de auto-estima, dificuldades na aprendizagem. Sanando essas dificuldades eles deixam de serem indisciplinados.</i></p> <p><i>Com certeza, já vem de casa isso. Mesmo a escola trabalhando eles não se adapta. Em alguns casos chegam a abandonar a escola.</i></p>
<p>J A S M I M</p>	<p><i>Entendo indisciplina como um procedimento contrário às normas estabelecidas.</i></p> <p><i>Nem sempre a criança que fala muito, não para sentada na carteira é indisciplinada, ela pode ser uma criança ativa e sendo assim, se envolve com as atividades sugeridas.</i></p> <p><i>O mais tímido também vive conflito e gera conflito. Eles têm problemas que não conseguem descarregar, quando descarregam é difícil contornar.</i></p> <p><i>As crianças que são provenientes de um lar mais estruturado, com melhores condições básicas de educação, na escola, passam a ser agredidas, tornam-se mais facilmente vítimas, elas tornam-se mais frágeis, fragilizadas.</i></p> <p><i>Eu acho que o ECA veio para proteger sim, veio para proteger e dar uma paz, principalmente na questão da violência sexual, de pais omissos, eu acho isso muito importante... eu acho que o ECA veio trazer uma grande contribuição. Eu penso assim, que os professores têm que ter consciência que a nossa responsabilidade é muito grande.</i></p> <p><i>Esses são os que precisam de maior cuidado, precisam ser trabalhados em suas condutas, não aqueles que têm família que os orientam ou aqueles que não brigam ou fazem confusão na escola.</i></p> <p><i>A escola pode pensar em estratégias para que o seu cotidiano se torne mais agradável aos olhos dos discentes. Por exemplo, realização de aulas diversificadas, implementação de projetos desenvolvidos com a participação efetiva dos alunos.</i></p> <p><i>Não tenho dados concretos, mas penso que os casos de indisciplina estão atrelados a fatores diversos, independentes da faixa etária.</i></p> <p><i>Entre os vários motivos que levam o aluno a ser indisciplinado, destacam-se: problemas familiares, aulas monótonas, em resumo, ausência de um projeto voltado às necessidades do aluno.</i></p> <p><i>Eu sou uma pessoa que amo o meu trabalho e estou feliz dentro do que eu faço, mas eu acho que o professor está totalmente desestimulado em todos os sentidos, socialmente, sabe? Você não pode ter um lazer, não pode investir em material de pesquisa, nem pagar cursos, você não pode investir no seu crescimento profissional, intelectual, você acaba aprendendo com a vida. Tem uma sociedade que não apóia. Os alunos percebem isso. O professor perante a sociedade está numa situação muito humilhante, sabe?</i></p> <p><i>A maioria das vezes sim, mas nem sempre. A gente tem aluno que é indisciplinado se a gente trabalha com um conteúdo que não é do interesse dele. Mas quando você trabalha com algum conteúdo que mexe com a atenção dele, ele se destaca, sabe?</i></p> <p><i>Sim, a indisciplina influencia negativamente no desempenho do aluno.</i></p> <p><i>Às vezes a gente não pode tomar uma atitude de mandar o aluno embora ou sancionar ele, deixar ele de castigo que venha a humilhar, ou neste sentido, não é? Então eu não me desgasto, mando logo para a orientação tomar providência.</i></p> <p><i>São momentos difíceis, mas ao mesmo tempo percebemos que podemos fazer muito pelas nossas crianças e adolescentes.</i></p>

C R I S Â N T E M O	<p><i>E todo ato discente que venha desestabilizar a harmonia escolar</i></p> <p><i>Fazendo reuniões periódicas com os alunos. Implementando programas que estimulem a boa convivência dos alunos: incentivando-os às práticas esportivas.</i></p> <p><i>A própria condição de vida resultante de uma exclusão social gritante. Muitos deixam de estudar para trabalhar quando retornam perdem o estímulo. Não conseguem acompanhar o ritmo das atividades. Tornam-se ociosos, desinteressados, impacientes e muitas vezes agressivos.</i></p> <p><i>Uma criança que em casa é bem tratada recebe um beijo, um abraço, pelo menos uma palavrinha de carinho, na escola ela se relaciona bem com os colegas, com a gente. A criança que sai de um lar violento pra ele é natural à vida, então ele acha que na rua, o que ele vive em casa vive na escola.</i></p> <p><i>Os alunos com sua falta de participação nas aulas, bem como professores descompromissados e a falta de uma gestão mais presente na escola</i></p> <p><i>A autoridade do professor anda muito abalada, as estatísticas de saúde relacionada os professores comprovam o nível de stress elevado e isso vem em conseqüência da crise de autoridade que o professor sofre em sala de aula</i></p> <p><i>Eles fazem gracinhas para chamar a atenção dos outros alunos e do professor, sentem-se rejeitados e fazem de tudo para chamar a atenção dos outros.</i></p> <p><i>(...) Professores despreparados, aulas sem motivação.</i></p> <p><i>Mais investimentos no setor da educação, mais recursos didáticos, promoção de cursos de aperfeiçoamento profissional que possibilite o professor repensar sua prática profissional, o uso constante do diálogo com o aluno</i></p> <p><i>Geralmente são os alunos que mais precisam da gente.</i></p> <p><i>Os alunos indisciplinados na maioria são aqueles que estão saindo da faixa etária. Já sabem a matéria que está sendo passada. Uma questão complicada, porque se a gente pudesse trabalhar separado, na sala mesmo, uma matéria para esse aluno e outra matéria para o outro tranqüilamente eu acho que resolveria... por outro lado o aluno que já sabe a matéria não se preocupa.</i></p> <p><i>Muitos alunos podem apresentar indisciplina nos primeiros anos pelo desconhecimento das normas e limites. Se ele for bem trabalhado na questão dos limites ele melhora o comportamento.</i></p> <p><i>Procuo dar-lhes atribuições apara que eles se sintam úteis e responsáveis, peço sugestões, faço elogios como retribuição ao que eles fizeram. Em outro momento sento perto deles e converso. Interesse-me pelos seus assuntos, dou exemplos particulares e me incluo nas estórias que contam com o intuito de trazê-los para perto de mim. Quando nada disso funcionam chamo a atenção deles em sala e aula e coloco algumas medidas a serem tomadas a partir da próxima infração.</i></p> <p><i>Cada dia se apresenta de forma diferente, vamos convivendo a depender do ato em si, eu já me acostumei, não tenho ilusões que a indisciplina possa diminuir, pelo contrário acho que com o tempo vai piorar.</i></p>
	<p><i>A briga e a agressão têm alunos que agredem uns aos outros, eles se pegam mesmo... Jogam carteira e material dos amigos.</i></p> <p><i>Estão acostumados a falarem e a fazerem o que querem... Lá na casa deles é normal e conseqüentemente eles repetem o mesmo na sala de aula. A maneira como falam com os irmãos, com os vizinhos é a mesma aqui dentro da escola. A forma de se comportar, o vocabulário que aprendem nos primeiros anos de vida na família é repetido aqui.</i></p> <p><i>Olho, eu acho que eles têm que ter os seus direitos, tem que ter conhecimento desses direitos,</i></p>

L I B R O	<p><i>mas acima de tudo eles também tinham – o ECA, Conselho Tutelar – também 126 tinham que ver as obrigações e os deveres desses adolescentes. Porque eu sempre falo, só aparece os direitos humanos quando um ladrão é preso, agora quando alguém é seqüestrado vai lá os direitos humanos ajudar a família? Então o Conselho Tutelar está fazendo do mesmo jeito: ele é os direitos... os direitos...os direitos e a hora que a gente pede auxílio, não temos Conselho Tutelar, não temos direitos. Tem que haver algum órgão também que nos ajude a colocar os limites que todo mundo pede na escola, colocar limites na criança, ajudar a criança a ser educada, dentro de determinados limites. Nós hoje não temos nada, quer dizer, que eles têm tudo, nós não temos nada. A gente só pode ir ao Conselho Tutelar se estiver arrebitado, porque como vai provar uma agressão verbal? Hoje o ECA reforça o direito da criança, reforça a indisciplina, a violência, as atitudes sem limites de uma criança e do adolescente.</i></p> <p><i>Diante das discriminações dos colegas, gozações e quando o professor não consegue trabalhar com essas situações, gera mal humor no aluno, falta de confiança em si mesmo.</i></p> <p><i>O grupo o afasta e ele faz de tudo para impor sua presença.</i></p> <p><i>Eu acho a quinta série. É uma série de transição do aluno. É muito diferente o comportamento.</i></p> <p><i>É uma coisa interessante porque as crianças comportadas, dentro de um ano ou mais, a gente acaba esquecendo. Já as mais agitadas ou indisciplinadas, de alguma forma marca o professor, ele não o esquece. Querendo ou não o professor cria um laço com esse aluno. É mais fácil criar um laço afetivo com esses alunos do que com os ditos 'normais'.</i></p> <p><i>Eu sou muito radical, sabe? Aí eu derriço, falo o que eu tenho que falar, pra ele saber, eu sempre falo que pai, mãe e professor, e os mais velhos, têm que ser respeitados, aí eu falo o que tenho que falar, explico. Comecei a lecionar com 12 anos e nunca aconteceu comigo de aluno me mandar tomar em determinado lugar ou coisa parecida como já ouvir de alguns colegas isso nunca.</i></p> <p><i>A gente deve ensinar e praticar a democracia. Eu acredito que a escola mudou muito, e pode ser que, não estejamos preparados para lidar com isso, tanto em nível de Brasil, e acaba refletindo aqui na escola também. Talvez você não esteja preparado para estar lidando com essa liberdade e acaba se perdendo, deixa muita liberdade e acaba se perdendo porque não sabe lidar com essa questão.</i></p> <p><i>Os alunos que entram na pré-escola e são indisciplinados, tendem a serem indisciplinados sempre. Podem manifestar essa indisciplina com mais ou menos frequência, mas vão sempre apresentar.</i></p> <p><i>Depende muito da maneira com que o professor for trabalhar com esse aluno nas séries iniciais, nos primeiros anos. Se o aluno chega na escola com esses problemas cabe ao professor procurar solucionar no início.</i></p>
	<p><i>Indisciplina... ficar fora da sala de aula, querer sair toda hora para ir ao banheiro, brincadeiras de mau gosto com os colegas, brincadeiras agressivas.</i></p> <p><i>Antigamente você dizia para o aluno que se ele estudasse ele teria um futuro, hoje não, você tem uma série de profissionais aí, com especialização, mestrado, desempregado, batendo com 2, 3 empregos, então eles, sabem.</i></p> <p><i>Alguma parte tem que ser remodelada... deveria ser mudado.</i></p> <p><i>Não tem nada a ver. Eu acho que é nato na menina, ela ser mais delicada e um pouco mais assim disciplinada, eu sinto que é nato. O menino é mais indisciplinado. Na Educação Física não deveria ter havido essa bifurcação de ter separado meninos e meninas. Hoje a gente manda eles fazerem um gesto, só de dar uma requebrada na cintura, eles acham, por exemplo, que só de dar uma</i></p>

<p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">R O S A A M A R E L A</p>	<p><i>requebrada na cintura, eles são bicha, eles não são bicha. O homem verdadeiro ele requebra, por que não? Não tem nada a ver, concorda? Mas só que por uma coisa nata o homem, pelo que eu vejo no meu dia-a-dia, ele é um pouco mais individualista ou até discriminador, é um pouco mais agressivo, é aquela coisa eu só faço aquilo que eu acho certo.</i></p> <p><i>Falta capacidade de dialogar, falta autoconfiança no professor quando cumprir seu papel.</i></p> <p><i>Buscar algumas estratégias que vão desde o diálogo, discussões sobre a problemática, engajar a família e a escola, analisar a questão da indisciplina como um reflexo d a sociedade, com todas as suas contradições e agressividade.</i></p> <p><i>Antigamente tinha aquele professor autoritário, dominador, aquele bem tradicional, o diretor que vigiava o professor, já começava a violência daí, de vigiar a sala de aula e olhar pela janela e escutar o que você estava falando. Hoje em dia tudo mudou, está o mundo moderno com o computador, e mesmo entre pais e filhos, professor e aluno são diferentes. Hoje você não vai impor aquela disciplina que tinha antes, que professor batia na mão de aluno, não tem nem como hoje em dia. Hoje é mais através do diálogo, tratando de igual para igual. Tem vez que a gente até perde a estribeira.</i></p> <p><i>Que valor temos? Se ganhamos menos que o gari, o vendedor? Cada ano fica pior, não tem respeito, salário ruim. O aluno pensa estudar para que? Se o professor ganha tão mal? É triste, entra governo sai governo e a valorização do professor fica só no discurso. Mas, enfim temos que continuar lutando.</i></p> <p><i>Ele pode ser indisciplinado, tagarela, falar alto, não estar no seu lugar, e ir muito bem no conteúdo e aquela pessoa, aquele outro aluno que não tem esse hábito de indisciplinado, inquieto, e não ir bem no conteúdo, na aprendizagem dele.</i></p> <p><i>Tem em todos os sentidos, porque aluno indisciplinado não presta atenção nas aulas e lógico não poderá se sair bem nas atividades realizadas em sala.</i></p> <p><i>Há uma certa negociação na minha aula... e tenho conseguido muita coisa a favor.</i></p> <p><i>Se for uma coisa assim que dá para relevar, e depois chamar esse aluno para mais perto de você, eu prefiro assim.</i></p> <p><i>Fácil não é, conviver com agressões físicas entre os alunos, discussões, desrespeito ao meio ambiente (depredações e pichações) mas é a escola que temos então temos que nos adaptar e fazer o melhor para tentar amenizar esta situação .</i></p>
<p style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">S U S P I R O</p>	<p><i>É o aluno que gosta de falar o tempo todo, que procura assunto para conversar com a professora e com os colegas, que não para na carteira.</i></p> <p><i>Em atividades que priorizem o respeito humano, a socialização entre eles, atividades recreativas ou escritas que busquem a socialização. Acho que é uma forma de prevenir a indisciplina.</i></p> <p><i>Na verdade não são todos os professores que se preocupam com isso.</i></p> <p><i>Falta de interesse do estudante, falta de criatividade do profissional em educação, não só do professor todos ligados a educação</i></p> <p><i>Não podemos responsabilizar só o ambiente escolar que leva o aluno a praticar indisciplina, entra aí a orientação da família que por vários motivos deixa de lado a educação de família.</i></p> <p><i>Hoje o povo tem receio de, a direção, receio de ferir o Estatuto, de arrumar complicação as vezes até levar ao Promotor, então todo mundo tem um pouco de medo disso, né?</i></p>

Eu busquei recursos mais atrativos para a matemática quando me deparei com algumas indisciplinas, prêmios para o grupo que ganhasse a competição. Todos participam e ajudam mutuamente. Tento mostrar que um dia a gente perde e o outro a gente ganha. Eles vão entendendo e aceitando as regras. Está dando certo.

A gente tem que procurar várias formas de ajudar estes alunos, tentar descobrir o que se deve fazer acomodá-los, buscar investigar, dar atenção, conversar.

Às vezes eu perco o sono. Eu acho que todos os alunos têm direito de aprender a ler e a escrever e o aluno indisciplinado também. Eu vou embora preocupada, o rendimento dele é prejudicado, ele acaba perdendo o conteúdo e tendo rendimento baixo. A gente tem que procurar várias formas de ajudar esse aluno, tentar descobrir o que se deve fazer para acomodá-lo, buscar, investigar, dar atenção, conversar. Você não pode abandoná-lo. Alguma coisa ele vai aprender, ele não vai sair sem saber nada.

È hoje bastante questionada, não se pode mais exigir um acompanhamento absoluto, os tempos são outros, a liberdade também, vive-se mais a vontade.

Criando mecanismos que ocupa o tempo todo da aula, mantendo-os ocupados.

Sim, por menos que ele representa ainda tem um pouco de credibilidade.

Vacilou... falar mais uma coisinha: tem um aluno teimando comigo. Se eu deixar ele me vencer, você não domina mais aquela sala. Desculpas também não aceito, já fez não adianta pedir desculpa, na rua não é assim.

Eu tento conciliar dentro da sala de aula. A gente vai tentar conciliar o lado amoroso, sentimental, da compreensão e ele não é acostumado com aquilo ali e já começa.

È mais cansativo, uma aula que poderia ser tranqüila e agradável torna-se carregada estressada para os dois lados.

O professor perdeu muito sua autoridade nos últimos tempos, sem dúvida agir com autoridade de líder é fundamental na ordem e respeito dentro do ambiente escolar. Contudo devido aos direitos reservados aos jovens e deixando os deveres nos bastidores, o professor não consegue mais ultrapassar seu território de educador e chegar ao aluno com a autoridade respeitada.

A gente tem que procurar várias formas de ajudar esses alunos, tentar descobrir o que se deve fazer para acomodá-los, buscar, investigar, dar atenção, conversar. Você não pode abandoná-lo.

Não. O professor merece muito mais, e a sociedade só faz cobranças, acha que é de plena responsabilidade do professor o sucesso do aluno e que a família não precisa se preocupar com esse papel.

Um desafio, uma experiência de acompanhamento como educador, amigo e mediador de conflitos, vivenciamos atos nunca vistos, pequenos problemas que os alunos tornam enormes e graves.

A N T Ú R I O	<p><i>É uma forma de comportamento sem controle emocional que o aluno apresenta muitas vezes para chamar atenção ou até mesmo na tentativa de minimizar seus problemas em casa ou no grupo com qual se relaciona.</i></p> <p><i>Os disciplinados geralmente são atentos, fazem as atividades. Os indisciplinados vêm para escola só para comer, brincar e brigar. Eles não estão nem aí para os estudos.</i></p> <p><i>Acompanhar o aluno nos intervalos e ocupar seu tempo livre com atividades educativas e prazerosas.</i></p> <p><i>(...) no planejamento escolar não se prioriza trabalhar comportamentos e atitudes, se prioriza os conteúdos acadêmicos, leitura, cálculo e escrita.</i></p> <p><i>Falta de diálogo em casa e na escola, pais ausentes, desinteresse dos alunos pelo estudo e falta de atividades ocupacionais para os jovens em suas horas vagas.</i></p> <p><i>O aluno não vem e fala para agente: 'professor, eu quero carinho e atenção'. Com os comportamentos de indisciplinada ele acha um jeito de falar. 'Fulano senta'. 'Fulano, meu amor, fica quieto'. A partir do momento que eu der o que ele pede, o que ele precisa, ele se torna mais próximo e melhora o comportamento.</i></p> <p><i>Há o professor que justifica a falta de autoridade em nome do diálogo, da flexibilidade, alegando que o professor deve fazer do aluno um "auxiliar" e assim o aluno se sentir maravilhado, eu concordo, nós temos que buscar ele, trazer ele perto, olha, até o fato de 'busca aquilo ali pra mim' olha, venha aqui me ajudar, venha aqui na frente, ele se sente todo maravilhado, ele começa a mudar. Eu já observei isso, eu acho que posso chamar isso de elevar a auto-estima.</i></p> <p><i>Eles não reagem bem, eles não gostam que lhes chamem a atenção. O aluno acha que ele está certo, por isso você tem que tentar várias formas de agir para ver se ele melhora.</i></p> <p><i>Com esse aluno nas séries iniciais, nos primeiros anos. Se o aluno chega na escola com esses problemas cabe ao professor procurar solucionar no início.</i></p> <p><i>Às vezes muda a professora e acaba falando para outra também, de tal maneira que vai se tornando esperada essa conduta do aluno. Não tenta mudar [...], eu tenho um caso assim, dois irmãos que são considerados terríveis, sempre forma. Se eu pensasse assim: 'Nossa eles são mesmo terríveis, não fazem nada' e tratasse-os assim, não mudaria. Comigo eles estão que é uma belezinha.</i></p>
	<p><i>Indisciplinada é quando eles passam do limite e às vezes eles passam do limite quando estão brigando, a gente tem que ficar de olho [...] não é só a bagunça, se considerar isso indisciplinada, 100% dos alunos da sala são indisciplinados.</i></p> <p><i>A escola é uma válvula de escape. A culpa não é só dos pais. Cada um tem que se virar, trabalhar.</i></p> <p><i>Dentro duma escola, tá? Analisando o contexto escolar, porque se for lá pra fora, talvez o homem esteja mais em evidência na sociedade, agora, dentro da escola, pelo menos dentro desta escola, eu acho que está "pau a pau".</i></p> <p><i>Nem mais, nem menos. Apenas faz com que camufle o seu verdadeiro comportamento. O aluno pode até se tornar menos indisciplinada, dependendo dos motivos que o levam a indisciplinada.</i></p> <p><i>Falta autoridade, autoridade de dizer: olha quem é professora aqui sou eu, e é isso que está acontecendo, é essa falta de autoridade, essa falta de colocar quem é quem dentro da sala de aula é que está desencadeando isso aí.</i></p> <p><i>Não existe mais o sistema autoritário, mas deveria existir. Não trazer de volta o passado, que não volta. Mas acho que deve ser uma coisa assim bem visual para o aluno, que ele saiba das regras e normas, quando um professor entrar em uma sala de aula, está entrando ali um professor, está entrando ali uma autoridade que é o seu professor, supervisão, orientação, direção.</i></p>

B E R D U E L G A	<p><i>Hoje, depois das greves que nós tivemos houve uma decadência, uma desvalorização pela comunidade, eles associam, ah coitados... A professorinha do Brasil acabou, e isso tem que ser resgatado, para que continue tendo professor. Eu acredito que não vai ter mais, e está bem próximo, a criança está violenta demais. Eu lembro minha mãe, ela era a professorinha e criava seis filhos praticamente sozinha e não faltava nada. Hoje, se você perguntar para um professor se ele gostaria de ter um filho dele como professor ele dá é um grito: pelo amor de Deus, não.</i></p> <p><i>Não, a indisciplina não é uma consequência, é muito mais uma causa. Sim, porque muitas vezes o chamar atenção com seu comportamento reflete no resultado final.</i></p> <p><i>Que alunos, professores e a escola como um todo esteja equipada e preparada para ocupação de espaços vazio neste aluno e sua auto-estima venha a tona.</i></p> <p><i>Autoridade de todo professor deve ter, não confundir com autoritarismo. O professor deve ter autoridade, mas não esquecer palavras de encorajamento ao seu aluno.</i></p> <p><i>Mais ou menos, pois além de passar conhecimento, ele precisa ajudar seu aluno a tomar decisões.- Sim. O de orientador, estimulador das potencialidades.</i></p> <p><i>De uma maneira geral nós temos os dois casos. Eu tenho caso de aluno indisciplinado de comportamento que tem um bom rendimento. No ciclo básico eles acabam passando automaticamente, fica bem comprometido, o prejuízo é grande, poderiam estar melhores.</i></p> <p><i>Quem sabe, sendo mais humano. Procurando ser amigo, pois em determinado momento uma palavra amiga ajuda a este aluno.</i></p> <p><i>Deve ser um trabalho constante e rotineiro, pois além de trabalhar o aluno, tem que conhecer seu ambiente familiar. Se esta escola não tiver preparada com recursos humanos e pedagógicos para ajudar na indisciplina, nenhum resultado será produtivo</i></p>
C A C T O S	<p><i>Aquele que precisa chamar a atenção, ele provoca o outro e consegue o que quer.</i></p> <p><i>Os pais trabalham o dia inteiro não têm tempo para educar mesmo à criança, trabalha o dia inteiro quando chega em casa então a criança pode tudo, chega na escola também pode tudo, não tem em casa.</i></p> <p><i>Dependendo do caso, eu invento uma história para tirar um fundo moral, cito fatos que realmente aconteceram na família e os próprios alunos acabam tirando as suas conclusões.</i></p> <p><i>Acho que o Estatuto veio para organizar, para proteger, e acho que foi uma coisa boa que aconteceu. Só que, em algumas situações, o Estatuto deu um privilégio maior para os jovens, adolescentes, e eles passaram a ter um pouco mais de espaço, invadindo o espaço, sabe? Dentro de uma hierarquia acho que houve uma invasão, porque eles se sentiram mais soltos, mais livres, mais protegidos e, muitas coisas começaram a acontecer. Aqui na escola fizemos um estudo muito superficial do Estatuto, nada assim com profundidade.</i></p> <p><i>Olha, eu acho assim que em questão de violência, os meninos nesta idade de 5ª a 8ª série, os meninos são mais violentos. Pelas próprias brincadeiras, pelo porte, eles querem mostrar força física. Agora em questão de indisciplina é tudo mais ou menos, eu acho que as meninas são um pouco mais acomodadas, mas também quando são indisciplinadas elas superam os meninos. Vai mesclando e aí, quando chega uma certa idade, depois da oitava, as meninas são até mais ousadas que os meninos. Tem a ver também com o grupo, algumas amadurecem mais cedo e as outras tendem a imitar.</i></p> <p><i>São muitas as causas... seriam também as mudanças rápidas da sociedade, as mudanças de valores. Valores que se perdem e assim se perde o controle. Falta saber que limites seguir, tanto os pais como os educadores, justamente por causa dessas mudanças rápidas da sociedade, dos valores e das</i></p>

questões morais. Os pais e educadores não sabem delimitar onde está o certo e o errado. Se a escola é ou não efetiva na formação dos cidadãos. É uma coisa gerando outra. Já não se têm mais famílias como antigamente, consideradas padrão: pai, mãe, filho, cachorro, papagaio. Uma mudança gera outras mudanças, está entendendo.

Infelizmente, o professor perdeu a autoridade, o respeito por parte de alguns alunos, principalmente, em escola privada, que o aluno enfrenta o professor, diz que está pagando para ele dar aula e é o seu funcionário.

Há um tempo atrás eu poderia dizer que o professor contribuiria para a redução dos casos de indisciplina, utilizando metodologias que estimulassem, incentivassem os alunos a participarem das aulas. No entanto, já não tenho certeza se este seria o caminho e, para ser sincera, gostaria de uma sugestão; pois tenho utilizado recursos como: tv, internet, passeios, etc e a indisciplina continua presente em minhas aulas. Busquei várias vezes conscientizar os alunos da importância daquele momento, do respeito aos seus colegas e ao professor, mas não surtiu muito efeito. A impressão que tive e tenho é que nada satisfaz

Não tenho grandes expectativas diante das inovações e dos avanços tecnológicos porque tenho utilizado e na maioria das vezes, tenho ficado frustrada ao final das aulas

Pelo fato de me prender mais tempo com eles para manter seu bom comportamento, eles ficam marcados em mim e isto provoca um carinho intenso entre eu e ele, gera uma atitude de confiança entre nós.

Primeiro a base familiar desorganizada, mas o sistema em si também precisa ser revisado: a carga horária, os dias letivos - o aluno não sente saudade da escola, nem tem tempo para isso; chega muito cedo à escola (1 ano/ 1 ano e meio), a quantidade exorbitante de material didático - não vejo necessidade para tanto.

Tento resolver sozinha, no entanto, quando percebo que o problema é muito grande, peço ajuda à coordenação.

O professor está ficando dia-a-dia sem saber mais o que fazer. O professor está ficando simplesmente sem condição nenhuma porque ele não pode reagir. Ele não pode encostar num aluno, até carinho, a criança, você põe a mão no ombro dela, ela já empurra e fala: opa o que você quer professora? Então é assim, nós estamos levando, nós estamos levando, é essa a realidade.

O aluno que é indisciplinado na escola com certeza também o é na casa e muitas vezes você acaba encontrando-o nas ruas cometendo os mesmos e até piores comportamentos.

Indisciplina é não ter limites, do que eu posso, até onde eu posso e como eu posso fazer... Tudo que ultrapassa ao normal, ao aceitável.

Existem dois pólos de conflitos, ou a criança é muito fechada e não gosta de conviver em grupo e interagir em sala de aula ou a criança é agitada, não consegue ficar parada, está sempre entrando em atritos com os grupos.

A maioria é apática, passiva ou agressiva, ou uma coisa ou outra, porque não tem objetivo nenhum a frente.

Eu tenho um ou dois alunos que tem parentes presos, eu mostro,... aconselho a pensar e refletir se é aquilo que eles querem para a vida deles, conversas sobre as regras da escola e da sociedade, sobre a importância de segui-las e as conseqüências de não segui-las.

São várias, dentre elas podemos citar: a falta de orientação familiar, os pais quase não aparece na escola a não ser quando é chamado, desrespeito ao professor (a autoridade que ele representa) e existe também novas tecnologias que estão chamando mais a atenção dos alunos a que as aulas na escola.

Não poderia responsabilizar uma pessoa, mas sim vários fatores, o próprio Aluno quando não presta atenção nas aulas, o professor quando não faz o seu Papel, os gestores quando não incentiva o pedagógico da escola.

Não agravando ECA sabe, eu acho que desarmou o professor, sabe? Nem todas as crianças, têm muitas que acham que qualquer coisinha que o professor fizer chamar a atenção, por exemplo, ele vai ter uma proteção, um respaldo. Então tem essa proteção, a gente perde. Eu acho que a gente perdeu muito, tanto a escola como muitas famílias também sabem? Porque eu penso o seguinte professor, se a gente não corrigir o filho, a criança, o que eu vejo na escola não são meus alunos, para mim são meus filhos, e na hora eu esqueço que eu estou numa sala de aula, então, às vezes, a gente quer corrigir ter feito um negócio errado, a gente esquece que é professor e quer corrigir como se fosse pai. Professor, por incrível que pareça, na 7ª e 8ª eles não fazem muita referência ao Estatuto, mas na 5ª já tem muitos alunos que sabem do Estatuto, sabe? Ah, a senhora ficou brava comigo eu vou ao Estatuto (Conselho Tutelar) são aquelas crianças as mais carentes possível, sabe? Esses dias eu estava conversando com uma mãe e ela me falou assim pra mim que ela mandou ele lavar louça pra ela e ele falou assim: você está me explorando, e eu vou no Conselho Tutelar, certo? Então tem criança assim bem carente, que a mãe pede para fazer alguma coisa eles já apelam, sabe? Eu não conheço a fundo o Estatuto, certo?

Eu diria que a adolescência, pois, são mais rebeldes e são sempre do contra, gostam de fazer bagunça e sempre tem razão

(...) às vezes o professor não colabora para a disciplina do aluno, esquece que o aluno é um ser e que não só em função dos conteúdos que essa relação deve acontecer. A aula tem que ser interessante, estar dentro da vivência, da realidade dos alunos. A aprendizagem tem que ser significativa, o aluno deverá utilizar esse conhecimento no seu dia-a-dia, isso ajuda a prender o interesse dele.

Os professores podem conversar, tentar conhecer a realidade dos alunos, chamar os pais participar de reuniões, elaborar atividades culturais na escola que envolvam aqueles alunos tidos como indisciplinados, talvez até descobrindo algum talento para valorizar.

Eu morava numa cidade pequena onde o professor era visto como um juiz, um padre, tinha, mais ou menos o mesmo status. Hoje o professor é visto como um simples trabalhador, e às vezes como um trabalhador que não sabe trabalhar com o material humano. A sociedade não tem valorizado mais. Há uma falta de consideração, se houvesse essa consideração, como antigamente, eu acredito que a educação estaria melhor. Nós deveríamos ter melhores salários, porque se tivéssemos melhores salários, seríamos melhores

Na acredito em mudanças radicais. Mas concordo que o professor tem que se atualizar com as novas tecnologias (internet era digital) e saber utilizar da melhor forma, servindo para despertar o interesse dos alunos, enriquecendo as aulas, mas o professor não pode deixar o seu papel de mediador na sala de aula.

Falta autoridade, autoridade de dizer: olha quem é professora aqui sou eu, e é isso que está acontecendo, é essa falta de autoridade, essa falta de colocar quem é quem dentro da sala de aula é que está desencadeando isso aí.

Com o amadurecimento vão mudando, a indisciplina é também em decorrência da imaturidade. Com a idade vão melhorando.